

CAMÕES

E

OS PORTUGUEZES NO BRASIL

REPAROS CRITICOS

PELO

DR. FIGUEIREDO MAGALHÃES

PRIMEIRA PARTE

RIO DE JANEIRO
TYPOGRAPHIA DA GAZETA DE NOTICIAS
72 RUA SETE DE SETEMBRO 72

1880

AO PRIMEIRO PATRIOTA DA SUA TERRA

OFFERECE, DEDICA E CONSAGRA

O AUTHOR.

CAMÕES NO BRAZIL

Exordio.—Proemio.—Prefacio.—Introducção.—Prologo.—Preambulo.—Preludio.—Prefação.

E dizem uns blasphemos que a lingua portugueza é pobre!

Ahi fica pendurada no cabide da synonymia uma riquissima collecção das gravatas com que costumam adornar-se as individualidades litterarias que mais respeitosamente pretendem apparecer em publico. O leitor escolha a de que mais gostar, e cinja com ella o pescoço d'este humilde ser que tenho a honra de apresentar-lhe, se julgar que não é elle dos taes que nascem sem pés nem cabeça.

Ha quem deixe sahir á rua a sua prosa sem este enfeite, que a etiqueta convencional das sociedades aparaltadas exige e reclama; mas eu não quero tomar-me semelhante liberdade, no risco de comprometter *ab ovo* a modestia d'este recem-nascido.

Uma explicação preliminar não é sempre um mero nariz de cêra para compôr as feições de um livro, nem o soporifero *cafuné* para adormecer o leitor antes que elle atire á valla geral da estante o cadaver da—*maldita estopada*. Preambular uma producção é muitas vezes, como agora, alumiar ao leitor para elle melhor poder entrar na obscuridade d'ella e ficar ao menos, sabendo a razão de ser que a deu á luz.

Cumpre-me dirigir ao leitor os prévios comprimentos da cortezia, dizer-lhe a que venho, justificar as razões que fizeram de mim temerario autor de melindrosa critica em fôro que não é da minha competencia, e resalvar a minha intenção de qualquer supposto acinte ou proposito injuriante, ainda que transluza por entre as malhas do tecido ironico algum sarcasmo dos que urde o remoque e o epigramma tece, quando fabricam o riscado para quem precisa *dar umas calças*.

Peregrino, desde os bancos da escola, pelas terras dos dois emispherios, em companhia apenas de algumas pathologias pobremente amarrotadas em miserrimo caixote, eu só poderia fingir-me forte na litteratura *morbida*, porque a minha melhor erudição, se não é *lazara*, mora com os *illustrados* gemidos do enfermo em casa do *eloquente* silencio dos mortos. Fique, portanto, desde já declarado que perde o seu tempo quem tentar descobrir neste meu arrazoamento pretenções ou presumpções de quem se inculca litterato. Estava em meu pleno direito, se tivesse a ingenuidade ou a malicia de apresentar-me como tal, porque a tolerancia da republica das lettras tem autorisado a isso muitos farçolas menores que eu, salvo seja o vituperio; mas eu não acho digno aproveitar-me dos favores da impunidade para fanfarrear peccados que me não pesam na consciencia.

O que pretendo unicamente é dar o meu recado com limpeza e clareza.

E' de praxe lamuriar-se a falta das sabias forças da capacidade e arrotar-se em compensação o excesso das forças brutas da vontade; é de uso dizer-se que faltou tempo para polir-se a substancia e corrigir-se a fórma; é de lei invo-

car-se a benevolencia da opinião publica e a clemencia do juizo particular, pedir-se indulgencias plenarias ao leitor e cobrir-se, finalmente, a penuria do assumpto e a pobreza do autor com o manto da magnanima censura; porém eu não faço, nem peço coisas d'estas, porque sou refractario do serviço das denguices.

O que pretendo unicamente do leitor é que guarde o *caroço* d'este mal sazonado fructo litterario, embora o não ache saboroso, para que ninguem possa obter a semente d'elle senão em casa do editor, onde ella se vende por uma *tuta e meia*.

Talvez haja quem julgue impropria do caracter sério que a profissão impõe ao medico esta feição—faceta—que dou ao meu escripto; mas esse alguem que busque nos bons diccionarios a palavra — grave —, para ficar sabendo que ella vale mais do que a— serio —, e que entre aquella e a jovialidade mesmo, que não me arrogo, nada ha de incompativel ou disparatado.

Se o estylo é o homem, o habito não faz o monge; e se bem que nada tenham de alegre os motivos d'estas variações, seria anachronico e de mau gosto entristecer o leitor, sem honra nem proveito para a musica das humanidades.

O reinado do tetrico sobresenho vai já longe, e o *ridendo castigat*... está cada vez mais perto, provando á evidencia dos factos que as finas picadas do alfinete satyrico são mais dolorosas do que os golpes profundos do açoite da prosa pesada.

Desde que as costellas do proprio Cicero attestaram a pungente sensação da acumpunctura ironica de Juvenal, que nem Plutarco, nem Atico, nem Scevola puderam mitigar com o balsamo dos seus elogios, ficou o chiste (quem me dera tel-o!) reconhecido como grande supplicio, e o melhor de todos para as callejadas organisações dos estolidos ou perversos indifferentistas, que já não podem ou não querem dar pela espora da razão.

Molière... não! Uma pedra de boa camaradagem sobre Molière, que deixou ficar a arder o espinhaço da sociedade inteira, sem poupar até o dos sanctos varões dos meus collegas, que ainda se coçam no poste do pelourinho da satyra

buscando allivio para a comichão da esfrega mordaz que apanharam comicamente! Lembremos o nosso Nicolau Tolentino, que pintou horriveis hecatombes com as mais vivas côres da morte moral produzida pelo stylete da critica satyrica; e recordemos outros artistas da scenographia jocosa, que têm pintado as sete cabeças da hydra consternada. a poder da ironia, que esmaga sem pau nem pedra.

O ridiculo, dizem os mestres, é um agente imponderavel, que, penetrando até á medula dos ossos, e atrophiando quanta estulticia, vaidade ou malvadez encontra até lá, machuca e desfaz desapiedadamente a importancia fôfa e falsa do individuo que a pretende impôr por sabia e verdadeira. Sem duvida, pois, é mais cruel prolongar os soffrimentos da victima sob as torturas do agudo epigramma do que dar-lhe desde logo com o bacamarte do *positivismo* o tiro de misericordia nos tampos da cabeça; mas a barbaridade moderna calça luvas de pellica, e a vindicta publica já não manda esquartejar.

O *pão —pão, queijo — queijo,* das duras verdades não foi sempre o melhor alimento das antigas energias da linguagem portugueza, nem podem ingeril-o hoje os debeis organismos dos escriptores-alfenins, tocados por arames das *quinquilharias* francezas, sem perigo da indigestão que faz estoirar o credito.

A escola de mais e melhor espirito não é certamente a que o distilla das mil flores do ideal por entre os perfumes de uma essencia alambicada e presumida; mas, quem não quer avinagrar o assumpto e depreciał-o no mercado, não póde tambem empregar o mais rectificado do puro positivismo, porque as reacções criticas, desenvolvidas na retorta viva do leitor piedoso, fazem volatilisar as ethereas subtilezas da fermentação analytica e depositar no fundo do conceito os residuos do escripto com pronunciado azedume.

O estylo mais philosophico na republica das lettras é, sem duvida, e sem paradoxo, o chamado—*realista*. Porém, como a natureza nunca despreza os enfeites da arte, que é sua filha dilecta, e sempre os reclama quando por na-

tural pudor lhe repugna mostrar-se nua e crua, como sahe da barriga da creação, é forçoso adornal-a com a compostura da decencia convencional dos tempos e logares.

A linguagem está, como o trajo, sujeita ás vissitudes da moda e ao caracter da occasião. Um vestido de baile bem decotado e enflorado é tão indecente n'uma ceremonia funebre, como um vestido de lucto pesado é improprio n'uma festa de regosijo. João de Barros, se escrevesse hoje, não podia usar os moldes do seculo XVI, e Eugenio Pelletan, vestido á Luiz XIV, não podia dizer-nos:—o mundo marcha.

Porém, se cumpre acompanhar as revoluções dos cyclos com as revoluções da linguagem, accommodar as fórmas da arte á natureza da acção da épocha, apropriar as imagens aos typos das idéas dominantes, fazer lettra viva da actividade do pensamento progressivo, escrever, emfim, como se falla, e fallar como se sente, é mister sentir e accusar as sensações com a verdade com que as impressões a produzem na alma, tendo-se apenas o recato exigido nas conversações da sociedade decente, para não perder-se a dignidade propria, nem prejudicar-se o decóro alheio.

São melancolicos, como os *tristes do Perú* tocados na tibia do *bem amado*, os motivos d'esta minha partitura; mas, como a jovialidade da épocha chegou ao ponto de substituir os lugubres officios de defuncto pelas alegres festas de vivo prazer no tricentenario da morte de Camões, é forçoso que eu dê ás minhas jeremiadas o tom jovial da moda, para que ellas não desafinem com as harmonias das lamentações contemporaneas.

Eu vou dar uns açoites no discurso official do centenario camoneano, *celebrisado* nesta cidade pela directoria do *Gabinete Portuguez de Leitura*, e correr a pau o que aleivosamente se julga, diz, e escreve áquem e além mar a respeito da colonia portugueza no Brazil; mas a rir e galhofando, como quem dá pancadinhas d'amor no *seu bem querido*, misturando apenas alguns beliscões pelo meio da brincadeira para quebrar a monotonia das graçolas insulsas.

Nada tem, todavia, de agradavel esta ardua empreza,

nem d'ella posso esperar senão algumas arranhaduras das que o gato da critica faz sempre com as unhas felinas do instincto, por mais meiguices com que o afaguem; mas, como a coherencia é uma lei da physica, que figura tambem nos codigos do procedimento moral, não posso escapar ás suas duras consequencias.

Tendo eu sido o primeiro a protestar pela imprensa contra o convite *officioso* feito ao Exm. Sr. Dr. Joaquim Aurelio Nabuco de Araujo para orador *official* do centenario de Camões, festejado aqui com caracter patriotico, não deveria ser eu o ultimo a protestar tambem contra o que S. Ex. disse, escreveu, publicou e vendeu em desabono de Camões, em detrimento dos portuguezes, e em descredito da sua litteratura patria. Não obstante, porém, o dever contrahido por quem veste a *pelle de lobo*, esperei que algum portuguez, dos que exercem por officio e *ex-officio* a profissão de leões em bellas lettras, me dispensasse d'este papel de advogado provisional; mas foi debalde! E já cansado de esperar a vinda do luso *Messias*, estava quasi convencido de que o centenario de Camões havia sido o ultimo estertor de Portugal na sua vida de nação, quando, em vez de irmãos puritanos, que, acordados pela voz da consciencia nacional, excitados pelo sangue patriotico, movidos pelo brio das tradições patrias, viessem acudir á invasão de novos *duques d'Alba*, e batalhar em defesa da autonomia de seus patricios, surge um *paladino* da *Suissa portugueza* a dar vaias de *mofineiros* aos conterraneos de boçal patriotismo, que tomaram a serio o cerimonial da sua confirmação politica, e que não subscreveram a espuria legitimidade do parentesco invocado por uns *Migueis de Vasconcellos* com intenção de no inventario dos *Lusiadas* beneficiarem abastados parentes remotos desligados da familia, e prejudicarem herdeiros forçados que não têm de seu outro patrimonio! Então movi-me e avancei para as linhas inimigas, sem pesar as minhas forças nem medir as dos contendores; e eis-me aqui, só, com o meu cesto de cartuchos no braço, fazendo fogo sobre os *negociadores* e invasores do solo da minha patria,—como meus avós

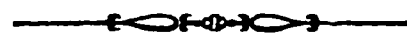
fizeram nas cerranias da Beira-Alta aos soldados bandidos do *republicano-imperador!*—de penedo em penedo, mas nunca por detraz do pau do anonymo.

O Sr. Dr. Theophilo Braga, transformando a gôrra phrygia da *Republica de Platão* em simples carapuça de campino de Salvaterra, e fazendo da sua cadeira de professor palanque de correr toiros á garrocha, apontou-nos o pampilho da censura cruel, e tentou vasar-nos barbaramente os olhos da incapacidade que só sabem ver o civismo!

No n. 6 do *Positivismo* (Agosto-Setembro de 1880) chamou S. Ex. aos que manifestaram desgosto pela desconsideração cuspida na colonia portugueza, quando ella, podendo e devendo mostrar-se digna de celebrar na solemnidade do seu orágo nacional, foi banida do presbyterio camoneano:—fabricantes de varias *mofinas*,—homens de pensamento hostil para a nação brazileira, — perpetuadores de odios levantados ignobilmente! E rematou dizendo: — que o discurso do Dr. Joaquim Nabuco é de uma *alevantada eloquencia*, e de *affirmações gloriosissimas para o futuro de Portugal!*

Tão estramboticas asserções não podiam, pois, deixar-se passar em julgado, principalmente cosidas á sentença com que o Sr. Dr. Nabuco n'um portuguez *sui generis*, tentou desthronar Camões da realeza de principe dos poetas proclamada pelas côrtes constituintes de todo o mundo illustrado, e pretendeu exautorar clero, nobreza e povo de Portugal das honras do generalato em que a Historia o graduou por serviços com distincção.

Pelo que toca ás descargas de improperios feitas sôbre os portuguezes acampados nas terras de Santa-Cruz, que, inermes e inoffensivos, soffrem entre dois fogos a violencia da metralha affrontosa, intentaremos tambem a nossa querella no correr d'este processo, cujos arrazoados promiscuamente jogam com os pés da causa e com a cabeça da acção.



I

Camões mettido em festas

Fiel aos preceitos da logica, que manda começar pelo começo, e acostumado a pôr tudo em pratos limpos, para não ter quelimpar-me a guardanapos com a marca da fabrica do Sr. Dr. Theophilo Braga, ou de qualquer outro fabricante parecido, principiarei por transcrever os pormenores da incovação do acontecimento dado á luz pela imprensa *mofineira*, que escandalisou a pudicicia das sete mil virgens do *bairro-alto litterario*.

« A directoria do *Gabinete Portuguez de Leitura* convidou o Exm. Sr. Dr. Joaquim Nabuco para orador das festas do centenario de Camões, que vai celebrar aquella associação. »

Na *Gazeta de Noticias* do dia 9 de Março ultimo publicou-se este respiro aleivoso do bando traidor, que na communa da colonia portugueza se tinha proclamado—*governo da defesa nacional do Brazil.*

Semelhante bomba estoirou no meio do accampamento, sem que o estampido fizesse acordar o *estado maior* e o *general em chefe* d'este exercito expedicionario; mas os estilhaços foram ferir ao longe alguns soldados rasos das atalaias, e a dôr do brio fel-os gritar *ás armas* nos termos da velha ordenança, e pela fórma de que vou dar prova ao paladar do eximio patriota e exaltado collaborador da camoneana do tricentenario, onde o illustrado professor do Curso Superior de Lettras se mostrou muito diverso do *Theophilo Braga* exportado para o consumo no Brazil, fazendo-se echo da perfidia que respondeu á voz dos leaes defensores *luso-historico-grammaticaes!*

Entremos na materia das provas *mofineiras:*

O triste centenario de Camões

« Na *Gazeta de Noticias* de ante-hontem li que a directoria do *Gabinete Portuguez de Leitura do Rio de Janeiro* convidára o Exm. Sr. Joaquim Nabuco para orador das festas com que ella tenciona celebrar o centenario de Camões, e admirei a força do piparote dado assim no inepto nariz de toda a colonia portugueza!

Se o Camões do centenario a festejar é o poeta immortal dos Lusiadas; se o *Gabinete Portuguez de Leitura* é ainda instituição puramente portugueza; se na directoria d'essa instituição não ha já quem possa ser orador da festa que vai celebrar-se; se, emfim, não ha por ahi alguem do clero, da nobreza ou do povo da nossa colonia, com ou sem a graduação de membro da Sociedade Geographica de Lisboa, a quem essa nossa instituição litteraria tenha habilitado, ao menos, como *minorista*, para no projectado lausperenne fazer a simples elevação da custodia onde a hostia ethnica de Portugal encerra o corpo, o sangue, a alma e divindade do nosso

Camões, tão perfeita e realmente como está no céo da Historia: venda-se esse palheiro e mande-se o producto acudir ás miserias da patria, para que essa inutilidade sirva assim de algum proveito, e não possa mais o mundo dizer que os 100,000 portuguezes existentes na provincia do Rio de Janeiro, estirados como os guardas do santo sepulchro a resonar estupidamente ao lado da sua preciosa bibliotheca, acordam ao toque festival de uma alvorada gloriosa na desprezivel condição de precisarem pedir emprestado a outra confraria quem saiba ministrar-lhes a communhão nacional no jubileu patriotico da sua irmandade!

Protesto, pois, do alto da minha insufficiencia contra a rasa annullação de todos os patricios, porque conheço alguns que muito bem podiam salvar-nos da vergonhosa penuria litteraria a que o proprio atheneu officialmente condemnou a colonia inteira!

E, se pela consideração e estima em que tenho os amigos censurados aqui, não posso acoimal-os de perfidos aduladores, accuso-os de ridiculamente modestos e de inconvenientemente desprezadores dos seus compatriotas, que repellem o insultuoso ostracismo, embora o illustre orador escolhido seja um cavalheiro extremamente sympathico e distinctamente talentoso.

Por detestar as *mofinas* e repugnar os anonymos, assigno-me:

Dr. Figueiredo Magalhães.

(*Jornal do Commercio* de 11 de Março de 1880.)

Communicados

« Um artigo inserto nas *publicações a pedido* do *Jornal do Commercio* de hoje, ácerca das festas que hão de realisar-se por occasião do terceiro centenario de Camões, faz-nos crer

que possam ser imperfeitamente comprehendidos os intuitos dos que as iniciaram e promovem.

Povos de *origem commum*, herdeiros de tradições gloriosas, separasse-os embora a sua posterior organisação politica, têm nas obrigações do reconhecimento e da admiração, como na partilha de glorias, um papel identico e commum: o que o seu enthusiasmo lhes prescreve.

Ante a commemoração do terceiro centenario do mais potente genio da litteratura portugueza no seculo XVI, Portugal e Brazil solvem por um tributo igual a divida commum:— a que resulta da hereditariedade que não póde ser interrompida por factos do interesse politico dos respectivos Estados; a que perdura pela tradição dos costumes e da linguagem; a que se não extingue jámais.

O *Gabinete Portuguez de Leitura*, iniciando o movimento das grandes festas que vão caminho de execução, bem sabe qual grande espaço lhe cumpre reservar para os que têm o direito e o dever de compartes nesta grande empreza gloriosa; e, se para os encargos onerosos já se associou a outras instituições portuguezas, o complemento da grandiosa manifestação espera-o e ha de tel-o do concurso unanime dos que cultivam e fallam a lingua do Grão-Cantor.

Chegados a este ponto, a nossa missão especial está naturalmente terminada. Teremos desapparecido como fracção minima para surgir no grande todo da grande e immensa geração dos portuguezes contemporaneos do Camões, do Gama, e de Cabral.

Se de ser esta a comprehensão da sua tarefa houvesse o *Gabinete* de dar prova, tel-a-hia no convite que teve a honra de dirigir a um dos mais bellos talentos da nova geração brazileira, ao illustre escriptor que no verdor de seus annos *teve a insigne gloria de celebrar com a publicação de seu livro « Camões e os Lusiadas » o terceiro centenario do immortal poema.*

A parte *principalissima* distribuida na festa do centenario ao illustrado Sr. Dr. Joaquim Aurelio Nabuco de Araujo não é a que lhe conferiu nem o nosso respeito pelos seus talentos,

que é grande, nem a nossa estimação pela sua pessoa, que não é menor; é a que lhe pertence exclusivamente como o unico escriptor da lingua portugueza que ha oito annos teve a gloria de escrever :

« *Em 1859, em 1864 e 1865 a Allemanha, a Inglaterra e a Italia celebraram com festas nacionaes os centenarios de Schiller, de Shakspeare e de Dante.*

« *Publicando hoje estas notas, não faço mais do que fizeram os homens de coração d'esses tres paizes, quando, deixando os campos, vinham ás cidades cobrir de flores as estatuas dos poetas.*

« *Eu pago o tributo de uma admiração sempre crescente á Luiz de Camões no terceiro centenario do seu poema.* »

O Sr. Joaquim Nabuco só não devêra esperar o convite de que foi objecto da parte dos que ignorassem esta honrosa pagina da sua historia. Quanto a nós, uma unica cousa nos poderia ser mais agradavel do que a honra do convite que lhe dirigimos : esta occasião de expôr pela maior publicidade o nome do verdadeiro precursor d'este grande movimento; o d'elle, que ha tanto exclamava: « *Qualquer que seja o actual eclipse, o astro se desprenderá da sombra e tomará ainda algum dia sua posição no horizonte.* »

Na ante-manhã do glorioso dia 10 de Junho de 1880 quem ha ahi que se lhe anteponha no desempenho da grande missão de que está incumbido?

Em nome da directoria do *Gabinete*, peço a V., Sr. redactor, o favor de publicar estas linhas.

Muito attento venerador

J. C. RAMALHO ORTIGÃO,

1º secretario.

Rio, 11 de Março de 1880. »

(*Jornal do Commercio* de 13 de Março de 1880).

« Prezado amigo Dr. Antonio Zeferino Candido.

Quando em fins do seculo XVII recrudesceu em França a critica aggressiva contra o merito de Homero, e Boileau muito descuidadamente jazia calado na sua cadeira da Academia Franceza, o principe de Conti disse, como sabes, que iria lá um dia escrever no seu logar—Tu dormes, Bruto—, e o celebre satyrico, acordado por este beliscão, correu ao combate dos *zoilos* e matou a hydra da inveja a golpes de gargalhada descarregados sobre a samarra do abbade Perault.

Quando em fins do seculo XIX um leigo peralta tenta esfrangalhar os creditos das nossas academias, e tu jazes adormecido sobre os teus diplomas amarrotados, eu tomo a lição do bom d'aquelle principe e digo tambem que um dia irei escrever na borla do teu capello:—Bruto, tu dormes,— para que despertes e vás batalhar em defesa da honra dos mestres que te ensinaram a ler os *Lusiadas*, onde Camões aprendeu a ler, e dos que te ensinaram a subir até o mais alto gráo academico da nossa classica universidade, que Camões honrou tambem.

O baluarte das nossas lettras patrias, que ainda existe na capital d'este Imperio, como sentinella perdida a vigiar a retirada das nossas legiões litterarias, arriou a bandeira da sua nação e capitulou á falta de artilheiros disciplinados que pudessem dar as salvas de gala nas festas do centenario de Camões!

Essa cidadella da nossa litteratura viva está a transformar-se em pantheon da historia morta!

Os invalidos da sua guarnição deixaram encravar a bateria do brio patriotico! No seu pau da bandeira não tremulam mais as *Quinas* do Camões! E o capitão da guarda de honra dos *Lusiadas* veste o uniforme dos desertores da Lusitania.

Eu protesto, em nome do meu patriotismo, e os assassinos dos creditos patrios respondem que não ha já um portuguez decente para ir comprimentar Camões no seu centenario!

E tu calas-te! E ninguem acorda! E as cinzas dos soldados analphabetos, que mitigavam os tormentos da luta e da fome no terrivel cerco de Colombo cantando em côro as estrophes do grande patriota, estão lá nas terras de Ceylão, onde eu não posso ir buscar agora um coração estoico que fizesse as honras da casa nas festas do seu cantado camarada!

A colonia inteira é refugada a juizo de quem declina da respectiva competencia, e esta gente *ruim* aceita muda e queda a marca da sua degradante depreciação! E tu vês a cimitarra de Herodes a deixar apenas em toda esta Judéa o Sr. Dr. Joaquim Nabuco para semente de uma melhor geração litteraria; e não te moves!

Eu, que esperava um parlamentario d'esse capitolio portuguez montado em polidas explicações, embora machiavelicas, que dourassem a pilula e disfarçassem o veneno da injuria absoluta; que suppunha receber a honra de umas desculpas amigaveis e consoladoras, dadas pelo intelligente e fino gladiador J. C. Ramalho Ortigão, esbarrei com o 1º secretario d'esse Gabinete....de Leitura, a pé, sem suspensorios, com a presilha do cós arrebentada, de calças na mão e a penna da prosapia, que não escreve o meu nome, atraz da orelha, de chuço debaixo do braço, a dar vivas á carta, morras aos portuguezes, e a desafiar o mundo inteiro que queira bater-se com *un valiente* seu amigo, que eu tambem estimo e considero!

Cahi de costas, e dei com o fundo d'ellas na estupenda proclamação! Fiquei inutilisado!

Nem á transmigração das almas d'estes pagãos, que esperam desapparecer *como fracção minima para surgir no grande todo da grande e immensa geração dos portuguezes contemporaneos do Camões, do Gama e do Cabral,* conforme arengaram em diversos jornaes do tal aziago dia 13 do corrente, eu posso responder como quizera — á antiga portugueza! Apenas posso atirar-lhe as palavrinhas com que Tertuliano zombava da metempsychose dos pythagoricos nos seguintes delicados termos: « Tem um homem medo

de matar a sua vacca, porque acaso não coma alguma posta de sua avó. »

Levanta-te, pois, centurião primiliario, e vai dizer a esses desastrados que, se não devem vestir-se de luto no dia em que, ao verem-se estrangeiros em sólo que já foi portuguez, sentirem a falta do pendão dos Gamas e Cabraes, dos Albuquerques e Pachecos, dos Castros e Coutinhos, que precisavam para saudar bem mais alegremente o centenario do cantor d'estas glorias que perdemos, devem ter a delicadeza de não avivarem a mágoa dos que sentem esse desastre empurrando-os como vencidos atraz dos vencedores.

Vai dizer-lhes que a festa é da familia, e que nós não podemos ser os compartes nos gastos e os comparsas nos gostos, como simples figurantes anonymos.

Mostra a esses desnaturados o que o nosso gentil poeta e brioso politico Thomaz Ribeiro acaba de escrever no *Atlantico* de 13 do mez proximo findo, fallando á patria, que nós procuramos representar aqui:

« Festejemos o centenario de Camões. Haja uma expansão de vida e de justiça neste paiz arrefecido. Não consintamos que se nos avantage no pagamento d'este devido e gratissimo tributo alguma nação estrangeira... »

Eu brado tambem:—festeje-se com o maior esplendor possivel o centenario do patriarcha que escreveu a biblia da nossa religião patriotica.

Convidem-se todas as autoridades e associações portuguezas que existam em qualquer logar do Brazil; todos os portuguezes grandes ou pequenos; todos os nossos amigos e todos os admiradores do nosso Camões, sem distincção de nacionalidade. Acerquemo-nos todos dos iniciadores dos festejos, se elles não querem sujar a historia d'este centenario com a falsa supposição de que já em 1880 não havia no Brazil um portuguez capaz de saber dizer ao mundo quanto foi, é, e será grande o seu immortal compatriota!

E se alguem censura ou escarnece este meu legitimo

brado, esse alguem, seja de que paiz fôr, não tem patria ou trafica em patriotismo.

Do teu, Zeferino Candido, não póde duvidar quem tem a honra de assignar-se como amigo affeiçoado e sincero admirador

Dr. FIGUEIREDO MAGALHÃES.

Março 17 de 1880. »

(*Jornal do Commercio* de 18 de Março.).

« Meu prezado amigo Dr. Figueiredo Magalhães. »

Tu conheces, com certeza, uns versos do nosso Antonio Ferreira:

Ditosos os que vivem bem calados
Mettidos em si mesmos, e contentes
De não serem ouvidos, nem julgados.

« Mas não conheces o respeito a esta tisana moral, porque vens mexer com quem dorme o somno da estupidez, o mais azul de todos os somnos:

Senhora, não monta mais
Semear milho nos rios,
Que querermos por signaes
Metter cousas divinaes
Nas cabeças dos bugios.

« Aqui o bugio sou eu; o que perde o seu tempo em me querer chamar ás armas és tu. Gil Vicente já desconfiava de que havia de haver uma idéa no Gabinete, um Catão na Copacabana e um Bruto nesta tua casa. E Lucano pensava em ti quando disse:

Victrix causa Diis placuit, sed victa Catoni.

« Eu amo tres cousas no mundo, meu amigo: a vida, a paz e a estupidez. Cheio da ultima, custou-me a regular a primeira, para conseguir a segunda. Surgiu-me a fórmula nestes tres versos antigos, mas que me vêm ao pintar:

Taes novidades este tempo traz,
Que é necessario fingir pouco sizo,
Se queres vida ter, se queres paz.

« Tu tens um modo de ver e de pensar muito afastado do meu; nem te censuro, nem me corrijo. Entretanto, na historia d'esta questão, que ainda está no exordio, já ha muito com que provar que eu estou mais perto da natureza. Tu já andas com os nervos por fóra de casa, e eu ainda não teria esfregado os meus olhos, se tu não fosses um malvado despertador. Fica, porém, sabendo que, apenas te responder, volto para a minha cama, se não vier por ahi algum Zé-Pereira tocar-me zabumba ao pé della. Nesta questão já tu tiveste uma prova de que os titulos academicos do nosso paiz soffrem, como os climas, a influencia das latitudes, e que das cousas cada um julga na altura da analyse a que sabe sujeital-as. E vens tu fallar-me de diplomas de mestres e de academias!

« Fica certo de que a festa do Centenario, que tu, a teu modo, classificaste de triste, nem ha de sombrear os nossos diplomas, nem as nossas academias virão a pensar no caso, nem os nossos mestres a sabel-o. A influencia das latitudes tem essa boa reciprocidade.

« E depois, eu sempre achei exagero no teu artigo, e acho importunidade na tua carta. No artigo, ha o exagero de collocares tão alto essa cousa de ir o Gabinete pedir a um estranho que lhe faça as honras da sua casa; na carta, a inportunidade de vires recavar aquillo que devêra ficar sepulto com a resposta ou declaração que de lá veio. Eu sei a força que estica o nervo da tua sensibilidade, e respeito-a.

« Eu, por mim, confesso que ainda respeito o patriotismo;

e, se em tempos de agora é crime ou loucura ser a gente patriota, eu pertenço á correcção ou ao hospicio.

« A todos succede que, depois de terem lido a historia das grandes mulheres, nenhuma preferem á sua mãi; a todos succede que, depois de lerem a historia das nações, nenhuma preferem á sua patria. »

« Não só respeito, mas até louvo o fundo das tuas intenções. Mas tens a ingenuidade de pensar que a historia de Portugal se bebe, como a salsaparrilha, ou se deixa ver por dentro, como o cristal de rocha! Se a besta da fabula comprasse o titulo de *doctor in absentia* tu chamar-lhe-hias Aristoteles.

« Julgas que, quando mesmo o tal censurado convite pudesse ser uma nódoa, ella viria a escorrer por cima da nossa patria, ou além mesmo das individualidades?! Cedo ou tarde, mas antes de 10 de Junho, tu havias de ver a sentença séria e digna, e a punição acabada e cruel. O desconsolo de uns, o desespero de outros, a consciencia de todos, iriam, minuto a minuto, cavando na alma esse abysmo que se não enche. A indifferença d'estes, a vergonha d'aquelles e o remorso de alguns, tudo daria á festa essa lugubre apparencia de orgia das nonas do Roberto do Diabo. Era escusado que tu viesses precipitar essa evaporação, que, lenta, pacifica e continua daria um cristal em vez de um producto amorpho.

Eu, por mim, tinha forjado a tenção de entrar como comparsa alegre nas bodas de Camões. Assistir ao foguetorio, despejar sobre os fogueteiros as vaias do rapazio nas nossas festas de fogo preso e sobre os mordomos os hurrás e os vivas estupidos dos indifferentes. Desde, porém, que tu vieste, mudei de rumo e resolvi ficar em casa, como a gente faz quando lhe dizem que anda motim lá por fóra.

Quando surgiu a explicação assignada pelo primeiro secretario do gabinete de leitura, em nome da sua directoria, confesso que senti scintillar um tremorsito nervoso. Mas para logo me ageitei. Talvez que eu, se acordar mais esperto, ainda explique aos meus patricios que têm boa alma e bom sentir, as impressões que me deixou um documento

que já tenho oùvido julgar tão de maneira differente. Mas, se o disser a todos, hei de primeiro dizel-o sómente a elles. Elles, os que arranjaram aquelle sarapatel, são portuguezes, como eu; hão deouvir-me, e talvez dar-me razão. E, até lá, limito-me a agradecer a tua carta, pelo muito que de lisongeiro me dizes; e emquanto ao fim della...

Quando, em 1799, um ajudante de campo de Bonaparte ia de mando d'este offerecer a Volney a pasta do interior, talvez como recompensa dos serviços prestados ao 18 Brumario, o mimoso autor das *Ruinas* respondeu ao medianeiro: « Diga ao primeiro consul que elle é muito bom cocheiro para precisar de mim no seu carro. »

E um abraço do teu amigo

DR. ANTONIO ZEFERINO CANDIDO.

(*Jornal do Commercio* de 20 de Março.)

O centenario de Camões e os oradores da festa

« Ao ler os artigos publicados no *Jornal do Commercio* pelo Sr. Dr. Figueredo Magalhães e pelo *Gabinete Portuguez de Leitura*, a proposito dos festejos que se hão de celebrar do terceiro centenario do immortal cantor dos *Lusiadas*, se poderia concluir que não ha no Rio de Janeiro um orador portuguez que esteja na altura de fazer-se representar em tão solemne festividade, e radiante de patriotismo traduzir por meio da palavra magestosamente portugueza, sonora, rica e brilhante o que foi no seculo XVI o canto lusitano e qual a sua influencia, ainda hoje, em nossa litteratura patria.

Esta hypothese, porém, se passou pela mente de alguem, é, além de injusta, mui affrontosa á dignidade dos verdadeiros portuguezes, porque, felizmente, para honra de Portugal,

ha no Rio de Janeiro ainda talentos de primeira ordem, que podem dispôr da palavra e da penna para erguer um hymno condigno do genio glorioso de Camões, sem que as suas cinzas estremeçam na alvorada do seu terceiro centenario.

Não duvidamos que o Sr. Dr. Joaquim Nabuco tenha algum talento e estudo, e que seja um cavalheiro muito digno de apreço e consideração pelas suas qualidades pessoaes. Ninguem lhe contesta taes predicados; mas o que se contesta é que seja elle o unico capaz de representar a alta missão de orador nos festejos a Camões; porque ha por ahi muitos moços portuguezes que podem desempenhal-a tão dignamente ou melhor do que elle, apezar de ser o Sr. Nabuco.

Querem titulos scientificos? Querem doutores portuguezes de reconhecido talento?

— Ahi estão os Srs. Dr. Zeferino Candido, Henrique Moreira, Dr. Bessa, Dr. Freire, Dr. Magalhães e outros muitos, formados em direito, mathematicas, medicina, philosophia e theologia.

Querem bachareis em lettras, litteratos, moços amantes da litteratura patria? lancem os olhos em roda de si, sem prevenções, despidos de orgulhos mal entendidos, e acharão um grupo brilhante de moços portuguezes, que pela sua modestia parecem nada valer, mas que podem dar lições de litteratura a muitos que por ahi andam inculcando-se talentos privilegiados, quando não passam de uns copistas, condecorados pelos inchados applausos de uma turba lisongeira e inconsciente.

Parece-nos, pois, que as razões apresentadas pelo *Gabinete* em relação ao convite feito ao Sr. Nabuco não têm fundamento.

E não têm fundamento porque, se foi pelo seu livro escripto em apologia de Camões, é uma vergonha fallar nisso, porque não tem valor litterario, segundo a confissão do proprio autor na sua introducção (pag. 10).

Tambem não tem valor esthetico, porque esse estudo, segundo o pensar do sabio Latino Coelho, ainda está por fazer. Não tem valor biographico, porque nada adianta ao

que já sabiamos, pela investigação e criticas dos primeiros genios portuguezes e estrangeiros.

Porque, pois, se ha de querer agora dar valor e realce a um escripto, que não passa d'uma dissertação de estudante, de um ensaio sem originalidade, sem arte, sem primor, sem estylo, e cuja inferioridade é reconhecida pelo proprio Sr. Nabuco quando diz:

« *Este livro não tem valor... senão como notas das minhas impressões...* »

E o Sr. Nabuco tem razão, porque o seu livro está na altura de qualquer estudante do collegio de Pedro II.

Sejamos justos e deixemo-nos de lisonjas, que o proprio Sr. Nabuco ha de reproval-as no fundo de sua consciencia

Façam, pois, a festa como devem, e, se quizerem dar corôas ao Sr. Nabuco, façam-n'o por outro modo, mas nunca ferindo a dignidade portugueza, nem humilhando e desdenhando os seus talentos para fazer realçar a estranhos.

Pensem e reflictam melhor sobre este convite; mas, se teimarem no seu deslocado proposito, falsos argumentos de communidade de litteratura e o livro do Sr. Nabuco, fiquem registradas estas linhas como um protesto solemne para o que possa haver de calumnioso ao presente e de affrontoso no futuro aos bons portuguezes.

Eurico.

Rio, 20 de Março de 1880. »

(*Gazeta de Noticias* de 22 de Março de 1880.)

Mais alguns artigos diversos e de varias procedencias vieram ao terreiro da bulha por occasião d'este motim; mas eu deixo de transcrevel-os todos por economia e por limpeza. Uns nada mais interessam aos prolegómenos da

catilinaria, se assim lhe chamarem; outros estão tão cheios de pustulas da vida privada, e tão besuntados no lixo dos *ratos* anonymos, que me repugna tocar-lhes com esta mão, que nunca buliu nessas podridões inviolaveis fóra da alçada da justiça publica, que nunca empunhou semelhante arma, mesmo par adefender-se dos seus mais ferozes e poderosos inimigos, embora elles autorisassem a indecorosa represalia; e que jámais deixou de firmar a legitima paternidade dos filhos havidos das suas relações com a imprensa, sejam elles tortos ou nasçam aleijados, como este.

Dado, portanto, o leitor como habilitado no historico das anomalas antecedencias, não obstante aquella omissão das miserias concomitantes, passemos ao tratado das consequencias forçadas resultantes do facto consummado contra a ordem natural das cousas.

O Sr. Dr. Joaquim Nabuco foi *de facto* orador official das festas do tri-centenario de Camões nesta cidade; e o Sr. Dr. Theophilo Braga apresentou-se no já referido n. 6 do *Positivismo* a dizer que o respectivo discurso é de uma *eloquencia alevantada e affirmações gloriosissimas para o futuro de Portugal!*

Porém, como o Sr. Theophilo Braga veio dizer-nos estas coisas com aquella mesma *bondade* com que S. Ex. escreveu tambem a respeito do livro do mesmo Sr. Joaquim Nabuco —CAMÕES E OS LUSIADAS—, entre outras *amabilidades* que ficam na reserva, estas sabias e sinceras palavras: « O Sr. Nabuco é banal, mas sem sahir do convencionalismo; erra, porque não estudou Camões... » cumpre-nos demonstrar que o discurso do Sr. Dr. Joaquim Nabuco (muito parecido com o tal livro banal até nas feições da grammatica) não tem as *péchas* da *eloquencia* e *affirmações* que o Sr. Dr. Theophilo Braga lhe imputa, salvo se S. Ex. está a zombar de nós ou a mangar com o Sr. Dr. Nabuco.

Outrosim, cumpre-nos provar nas audiencias geraes do tribunal publico que o Sr. Theophilo Braga foi tão iniquo juiz do merito litterario do mencionado specimen, se fallou a serio, como injusto accusador do nosso procedimento, se não

assignou os autos da aleivosia como mero advogado das partes interessadas no estellionato.

Quando o Sr. Theophilo Braga escreveu por conta propria os seus « *Novos Criticos de Camões* », além d'aquella chufa de —*banal*— e de varias outras muito compridas para aqui, disse S. Ex. que o Sr. Joaquim Nabuco era:— leitor mediocre;— que, pretendendo mostrar que tambem comprehendia Camões, só lhe restava embasbacar, dar phrases, interjeições, etc.;—que precisava ser uma individualidade completa para ter direito de escrever impressões pessoaes;— que o seu estylo era emphatico;—que o seu livro não havia sido escripto para satisfazer qualquer necessidade intellectual, e que, sendo apenas para festejar um terceiro centenario, tinha o caracter de um fogo de vistas, ephemero, vago, perdendo-se no kaleidoscopo da fantasia;—que nada tinha dito de novo senão o que era triste êrro;— que, omittindo circumstancias importantes, diluira o poema em prosa abaixo dos processos de La Harpe;— que não dera a minima idéa da Renascença do seculo XVI;— que não pudera fazer sentir as analogias materiaes dos *Lusiadas* com a *Eneida*, nem explicar a alliança da mythologia com o sentimento christão;— que da origem da ficção do *Adamastor* nada dissera, apezar de escrever sobre isso doze paginas;— que destacára o 2º canto da epopéa para consideral-o como um poema de Venus, mostrando assim desconhecer a idéa da *Monarchia universal*, idéa fundamental dos sonhos de grandeza politica que todas as nações sentiram na épocha da Renascença;—que fôra da mesma vista superficial sobre a *Ilha dos Amores*, *Ignez de Castro, Doze de Inglaterra*, repetindo em prosa entrecortada de versos o que Camões relata em opulentas oitavas;— que o seu livro era feito por quem estava mais apto para as odes amorosas do que para a critica da historia;—que o seu livro, finalmente, era um triste livro!

Repare agora o meu querido leitor n'uma circumstancia muito curiosa e muito significativa para a moralidade da fabula!—Este mesmo *livro infeliz* foi o que deu ao Sr. Joaquim Nabuco a *felicidade* de ser considerado pelos badamécos do

Gabinete « *o verdadeiro precursor d'este grande movimento;* o legitimo proprietario da *parte principalissima distribuida na festa do centenario!!* » E o Sr. Theophilo Braga, como quem não dá pela cousa, apanha lá o peão á unha e vem cá trazel-o, como se nós estivessemos aqui a jogar a *cabra-cega!!!*

« Por Deus, Sr. Nabuco, exclama o Sr. Theophilo Braga no meio de sua poda critica, ha obrigação de estar ao corrente das descobertas sobre Camões, ou então não escrever. »

Por Deus, Sr. Theophilo Braga, exclamo eu: ha obrigação de estar ao corrente das descobertas sobre marôtos (chamam-se assim os portuguezes na Bahia), ou então não rabiscar. Por Deus, ou pelo diabo, Sr. Theophilo Braga, é dever ser-se independente, coherente e verdadeiro, para não correr-se o risco do labéo de *troca-tintas*.

« As varias *mofinas* publicadas antecipadamente nos jornaes para prejudicar a unidade da festa e perpetuar os odios levantados ignobilmente pelos que lucraram nos interesses de familia com a desmembração do Brazil, odios que eram ficticios e que o tempo apagou », segundo diz de lá o illustre pedagogo, e de modo pouco claro, nada têm commigo, nem eu com ellas, e muito menos os taes odios *ficticios*, que parecem querer resolver o problema do — ser e não ser — ao mesmo tempo! O documento junto dos meus dois... *aquelles* que ahi ficam transcriptos fielmente, prova que o Sr. Theophilo Braga foi mal informado e bem illudido por quem lhe *encommendou* o sermão a respeito d'esta *praça*, que nunca mudou de uniforme. Pelo que toca ao nosso commum amigo Zeferino Candido, diz este *insignificante* doutor de capello, lente *sarrafaçal* da nossa *réles* Universidade, onde o Sr. Theophilo Braga se preparou para subir ao profesosorado do curso superior de lettras, que perdôa a S. Ex. a debilidade com que capitulou e pactuou com os verdadeiros *mofineiros*, useiros e vezeiros de pôrem o ramo n'uma parte e venderem o vinho na outra. Emquanto ao livro do seu particular amigo Dr. Ferraz de Macedo, intitulado—

Desabafo Patriotico — entenda-se S. Ex. lá com elle, e desminta o testemunho por elle invocado á sua intimidade e illustração.

Sobre a tal *alevantada eloquencia do Dr. Joaquim Nabuco e affirmações gloriosissimas para o futuro de Portugal*, faremos a respectiva exposição das provas, confrontando as antigas notas tomadas pelo Sr. Theophilo Braga com as da moderna emissão do eloquente orador. E com a devida venia de todos os lexico-grammatistas, havidos e por haver, começarei por accusar a fresca eloquencia do Sr. Joaquim Nabuco de—fabricante de moeda falsa em notas do *Thesouro dos Meninos*—envolvendo a compadrice do Sr. Theophilo Braga como connivente e passadora do genero falsificado.



II

Camões por mãos alheias

« *Irra! Super machum totum vult ire caminhum?*
« *Et quod nos totam pede palmilhemus arenam!*
« *Desçat, et in macho permittat me ire pedaçum.*

Não pude resistir a este pedacinho pindarico do profano *Palito Metrico*, que nem todos os versiculos da *Escriptura Sagrada* podem igualar em substancia doutrinal alibil para o organismo do meu texto.

Não lhe anteponho o — *Nos quoque gens sumus et quoque cavalgare sabemus* — porque não confio muito nos arreios da basofia e temo trambulhão de fazer chorar as pedras com riso.

Quem se mette em cavallarias altas, seguro apenas á crina da filaucia, e tomba dos apparelhos entre as patas d'alimaria asneira, dá patada e apanha coice por baixo do — *foi-bem-feito* — que os espectadores lhe atiram com estrondosa gargalhada. Agarremo-nos, pois, como timido galucho ao arção da modestia, e deixemos as quichotadas hippicas para quem não tem amor ás costellas da prudencia.

Como o Sr. Dr. Theophilo Braga, o intrepido e galhardo Sr. Dr. Joaquim Nabuco póde affoutamente cavalgar o mais indomito corcel sem receio do perigo dos corcovos, porque tambem tem carta de picador de alta escola, e sabe procurar o solo de areia onde a queda é menos grave.

Todavia a sua arte de equitação carece de algumas correcções para attingir á elegancia da limpeza ensinada á Marialva.

O Sr. Nabuco deita o bico do pé muito para fóra, e roça com elle no peito da infantaria que fórma as alas do cortejo, de modo a sujar-lhe a farda com a lama da bota, e a manchar-lhe o correame com a nodoa que ella imprime.

Além d'isto, S. Ex., por pouca firmeza na mão de redeas, ou por descuido que a distracção dos comprimentos da praça lhe produz occasionalmente no espirito, affrouxa ás vezes o governo do ginete e atropella o povo que o admira de bocca aberta e com olhos de boi a olhar para palacio. S. Ex. deu provas d'estes defeitos na parada de gala com que as legiões portuguezas festejaram n'esta cidade o tri-centenario de Camões.

Beresford, *montado á ingleza*, como commandante em chefe do exercito portuguez nos tempos da mais desgraçada historia, fez, não obstante, melhor figura aos olhos dos humilhados, porque teve a cautela de não pisar-lhes a valentia, o brio e a dignidade, que nem os calamitosos acontecimentos do principio d'este seculo puderam desvirtuar.

O Sr. Nabuco, arvorado em simples general de guerrilhas, fallou dos *amigos* portuguezes como Napoleão I não pôde fallar do inimigo Portugal, e disse de Camões o que Mafoma não disse do toucinho. Era justo que fosse injusto e logico que o fizesse em linguagem absurda; porque nas entidades nacionaes, como no organismo dos individuos, nenhum corpo estranho póde penetrar sem offensa physica ou injuria moral, e a *differenciação dialetal* é uma consequencia da lei, que, subdividindo indefinidamente os idiomas das raças, autorisa e até protege as suas *deformações*. O Sr. Dr. Nabuco foi,

pois, consequentissimo no que disse e na fórma em que o fez, com uma *alevantada eloquencia* que transtornou o Sr. Theophilo Braga!

E nem podia deixar de ser assim! S. Ex., proclamado por uns *curiosos em lettras*—o *melhor* dos *unicos* dos *capazes* de fallar de Camões em lingua parecida com a d'elle, e trepado na hyperbole do cimo do apice do cume do tôpo do vertice da pinha, que *definha e despega a resina que pega*, não podia deixar de fazer a felicidade do *seu povo*, afagando-lhe as orelhas obnoxias com phrases d'excellencia dogmatica, e dando-lhe na propria mão as sobras farellentas da *espiga feudal,* que mesmo nas hortas do *trabalho livre* medra disfarçada em folhelho democrata por entre as ramagens copadas da mais liberal vegetação!

S. Ex., acocorado no pináculo do auge do coruchéo do mais elevado conceito, não podia deixar de obrar de um modo satisfactorio as mais odoriferas flores de rhetorica para quem o maná do Egypto nunca foi visto nem cheirado.

O Sr. Nabuco fez no seu discurso alterações phonicas, morphologicas e syntaticas, que abalam profundamente as cellulas glotticas do organismo grammatical da lingua portugueza, e que desfiguram o caracteristico da sua physionomia real; mas S. Ex. estava no pé do seu liberrimo direito, e direito no pé da boa coherencia; pois que, tendo sido proclamado *o verdadeiro precursor* officioso do tri-centenario da morte de Camões, cumpria-lhe proclamar-se tambem verdadeiro precursor official da morte de sua linguagem, visto que o *grande todo da grande e immensa geração dos portuguezes tem de desapparecer como fracção minima e surgir no grande todo do Brazil,* segundo prophetisa o *Bandarra* do Sr. Ortigão Joaquim, e consta das *affirmações gloriosissimas para o futuro de Portugal,* com que o Sr. Theophilo Braga se deixou embasbacar!

O pronunciado pendor do Sr. Dr. Nabuco para a prédica das alforrias impõe mesmo a S. Ex. o dever de libertar o seu idioma da escravidão em que geme ha longos annos sob os pesados grilhões do captiveiro camoneano! E as razões, que

militaram a favor da lingua portugueza na guerra em que ella sacudiu o jugo do Latim, formam agora do mesmo modo em defesa da lingua Brazileira para emancipar-se da tutela do Portuguez!

Nada, pois, mais natural, nem mais legitimo, do que o Sr. Dr. Joaquim Nabuco dar o seu *grito d'Ypiranga* e acclamar tambem a *reinação* do seu *Néo-portuguez*. A causa é sancta e a revolução é pia. Impia, porém, e diabolica mesmo foi a perfida estrategia de romper o alarme no dia em que o rei da lingua-mãi, distrahido e aturdido pela conflagração geral dos festejos aos seus tres seculos d'immortalidade, não podia reprimir a politica subversiva dos amotinados litteratos que, á força de fraca cortezia e a poder de pouca delicadeza, davam golpes incivís na diplomacia internacional da grammatica de seus avós. A sympathia da idéa manchou-se com a antipathia da acção; mas nem por isso deixe de proclamar-se officialmente em boa paz a independencia da lingua *nabuquica*, se o Sr. Nabuco permitte que se retirem do seu *estado* com armas e bagagens os que não podem optar pela sua *constituição;* e se tolera que os Portuguezes, emquanto não forem de todo *absorvidos*, obstem a que S. Ex. faça passar á posteridade o seu discurso como o melhor especimen da camoneana do Brazil em 1880.

A *familia romanica* deve, pelo menos, chegar a netos, já que teve filhos com barba, como a de D. João de Castro; mas que os avós troquem a sua barba branca pelo bigode dos netos pintado com rôlha de cortiça queimada, só pode ter graça em festa de ridicula cavalhada, ou como brincadeira d'entrudo bisbórria.

São esbeltas e robustas as fórmas do dialecto *nabuqueano;* mas, como está ainda no periodo d'incipiente syncretismo, cheirando aos cueiros da meninice grammatical, temos que esperar mais alguns janeiros para que elle chegue á idade do *uso de razão*. Por ora falta-lhe a euphonia da prosodia, a coherencia da syntaxe, o acerto da orthographia, e finalmente o conjuncto harmonico dos preceitos

e regras conformes com o codigo grego de Aristophanes e o direito romano de Cicero, que em todos os dominios greco-latinos deram ás posturas municipaes da etymologia a força de lei geral para regerem os tribunaes da censura commum.

A Historia diz: — que cada nacionalidade precisa ter a sua litteratura; a Historia ensina: — que na litteratura está a expressão do genio nacional; a Historia mostra: — que nenhuma raça póde ter litteratura sem entrar como nacionalidade numa vida social propriamente sua; a Historia demonstra: — que a litteratura de qualquer povo, constituido em individualidade politica independente, nasce da tradição dos ascendentes e da aspiração dos descendentes; a Historia prova, finalmente: — que a litteratura d'uma nação, para bem fortalecer-se, precisa do antagonismo de elementos nacionaes, como as raças puras carecem do elemento estrangeiro para com a reacção do sangue, que o cruzamento opera, fortificarem a sua vitalidade. E, como contrafortes á muralha dos argumentos, estão os botaréus dos factos escorando o peso da sua gravidade.

Em frente á chronica da Peninsula Iberica está a intelligencia da antiga Grecia, a sabedoria da velha Roma, o poder da nova Russia, a força da moderna Allemanha, o geito da França de hoje e a manha da Inglaterra de hontem e de todos os dias a comprovar, entre a inercia da China e a velocidade dos Estados-Unidos, que o progresso da civilisação é o fructo hybrido de elementos dissimilares, que se unem pelo casamento civil da lei da natureza. E, para que o mundo podesse ver claramente a prova physica d'esta metaphysica, veio a luz brilhante do gaz mostrar como é branca, sendo producto d'um filho do negro carvão alliado a um personagem da chimica, que Cavendish baptisou ha 99 annos com o nome de — hydrogeneo — e que tem a frescata de ser — *mãi* — nesta alliança ignea, sendo — *pai* — na geração da agua com que se apaga o proprio fogo.

Se o leitor desconfiar das velhacadas da Historia, não poderá descrer d'estes pequenos segredos da Natura, em que outr'ora não poderam penetrar os grandes sabios da Escriptura, mas que actualmente nem os ignorantes ignoram.

O absolutismo da autoridade *statica*, constituido por velhos typos, e a reacção da intelligencia *dynamica*, que tende sempre a desenvolver-se com liberdade de acção sobre novas fórmas, produzem por manifesto paradoxo *d'antinomia* o logico resultado das successivas revoluções do espirito.

E' forçoso, portanto, segundo os decretos fataes do destino, que o Brazil padeje o pão das lettras para os gastos da casa e que Portugal lhe forneça a levadura. Porém, se negar o fermento seria avareza estupida dos ascendentes, recusal-o seria parva soberba dos descendentes, porque, sem o movel da acção catalytica, ficariam SS. SS. condemnados por longo tempo ao consumo de massa tão asma e indigesta como a da fornada de que o Sr. Dr. Nabuco, por idéa associada ou galante analogia com a *hostia ethnica* symbolisada nos *Lusiadas*, fabricou uma especie de bolacha d'agua e sal para o fornecimento da ceia festival, onde Camões chuchou o beijo iscariotico, dado pelo apostolo que o vendeu a dez tostões!

E para que o Sr. Theophilo Braga, encarregado como corrector da tal *eloquencia alevantada*, não possa, á sombra do *magister dixit*, impingir-nos gato por lebre, transcreverei alguns trechos do discurso do Sr. Nabuco, onde póde ver-se como S. Ex., a fugir dos aleijões do *tupy*, parece descambar para a corcunda do *guarany*. Ahi verificaremos como o temerario invasor da camoneana aboliu o proprio morgado do nosso primogenito alphabetico, e lhe sequestrou diversos valores herdados de seus maiores ou obtidos por uso e por lei, cuja posse pacifica e mansa desfructava ha mais de trezentos annos! Ahi admiraremos como as dezenove propriedades principaes do — *A* —, a

mais onomatopica voz dos sons naturaes do homem, e a mais bella da linguagem portugueza, ficaram reduzidas a cinza barbarica pela imprudencia das *crianças* que brincam ás cégas com o fogo da pyra dos seculos estudados!

O Sr. Dr. Nabuco disse na pagina 10 da introducção do seu—*Camões e os Lusiadas*—o que vamos reproduzir com todo o gosto e aproveitamento do *futuro de Portugal!*

« Varios ensaios, e alguns de grande merecimento, fizeram-se entre nós com o intuito de dar-nos uma litteratura propria, mas ella ainda não existe. De duas sortes foram os trabalhos que se conhecem feitos com essa intenção. De uns o assumpto era a vida de nossos indigenas, de outros era o estado actual de nossa sociedade.

« Uma litteratura, inspirada pela vida errante das tribus primitivas, que se servisse amplamente de seu rude vocabulario, que não nos descrevesse senão os seus costumes, seria bem uma litteratura tupy ou guarany, mas não a brazileira.

« A poesia póde idealisar o caracter, o coração, as guerras, a civilisação até d'esses ferozes habitantes de nossos sertões; mas a poesia, que se impuzer essa aliás bella missão, será uma poesia fantastica, sem direito a ser nacional. »

O leitor repare bem nos *varios ensaios*, que começam a *sorrir* para o *futuro de Portugal*, e tenha a bondade de juntar estes *sorrisos* com a gargalhada que mora adiante na pagina 14 da obra citada:

« Assim, os diversos ensaios feitos com o intuito de dar-nos uma litteratura patria, foram todos estereis: uns porque produziram uma litteratura que, sem ter relação alguma com a nossa raça, as tradições e a historia do paiz, não podia ser a litteratura brazileira; outros, porque traçaram as raias da nossa nacionalidade moral com a escravidão, condemnada a desapparecer. Isso prova que não está no poder de um homem, nem de um grupo,

mudar a natureza das coisas, e que as litteraturas formam-se lentamente, como a lingua, a religião e a sociedade.

« Não duvido que venhamos a ter uma abundante litteratura patria, mas para isso é preciso, primeiro, que a alma beba amplamente inspirações na nossa natureza e, depois, que a sociedade chegue pela liberdade *á* tomar sua fórma definitiva.

« Emquanto taes resultados não se produzirem, os *Lusiadas*, como obra prima de nossa lingua, serão a obra prima de nossa litteratura. »

Que se deduz, pois, muito claramente do que fica exposto?

Que o Sr. Dr. Nabuco escreveu isto em 1872; — que d'então para cá tem o mundo marchado para uma *litteratura propria*; — que o portuguez e as idéas do Sr. Nabuco de ha oito annos eram muito mais claras e menos *proprias* que as actuaes e o seu actual dialecto.

E que se conclue, portanto, muito logicamente, do que fica deduzido?—Que, na opinião do Sr. Nabuco e de mais alguem, o Brazil aceita a litteratura portugueza, por não lhe convir a tupy ou a guarany;—que os *Lusiadas* serão a obra prima da litteratura brazileira, emquanto a *alma* não for *beber* da sua *natureza* amplas inspirações, e a sociedade não chegue *á tomar* definitivas fórmas de liberdade;—que, tão depressa os ensaios feitos no intuito de dar ao Brazil uma litteratura patria não sejam estereis, os *Lusiadas* serão mandados ao diabo que os carregue para o ôlho da rua, como objecto emprestado, gastado e gasto á falta de outro nascido e criado no Brazil independente e livre.

Não poderia, conseguintemente, o Sr. Dr. Nabuco estranhar que nós quizessemos *(antes do burro môrto)* reclamar, recolher, e arrecadar mesmo os nossos *Lusiadas*, que são a nossa unica prata da casa!

E os *alguens* que chamarem estes brados *mofinas ignobeis* na bocca de um portuguez, julgando *gloriosissimas affirmações para o futuro de Portugal* aquellas exclamações do Sr. Nabuco, podem ir tambem com a *alma errante de uma nacionalidade morta* para os *confins* da Historia, onde a *cevada* chega tarde.



III

Camões em lingua nova

Da *Archeologia* comparada nasce a *Philosophia dos Costumes;* da *Linguistica philosophada* surge a *Litteratura Tradicional* das raças; e do confronto critico d'estes elementos forma-se a *Sciencia da Historia* do Mundo.

O archaismo da linguagem é um symbolo, um signal, um vestigio, um documento, uma prova, emfim, que accusa a vida d'uma raça, que denuncia os costumes d'um povo, que affirma a existencia d'uma nacionalidade, e que nega ethnologicamente uma falsa feição social.

Porém os mandamentos philosophicos d'Aristoteles, os canones rhetoricos de Cicero, os moldes classicos da illustração antiga, os modelos academicos da civilisação moderna, os typos autoritarios, emfim, que a convenção das escolas faz passar dogmaticamente por infallibilidades magistraes, não constituem em absoluto uma litteratura nacional só por estheticas *a ratione*; porque, se a sciencia da linguagem assenta sobre as naturaes creações ethnologicas d'uma raça, a litteratura d'um povo trabalha sobre as artificiaes concepções da sua nacionalidade, que ella representa. Portanto, se as fórmas litterarias são o cri-

6

terio da Historia, se a litteratura é uma tradicção nacional, se as epopéas nacionaes sem o sentimento patrio são corpos sem vida que, por melhor embalsamados que sejam, o tempo corrompe e apodrece, os panegyristas, sem o *enormonta* do patriotismo, são espiritos volateis, que se escapam para a sua atmosphera natural, deixando vasio e inanimado o corpo, que por artificio excitaram durante algum tempo, como a pilha de Volta applicada ás còxas da rã.

O Sr. Nabuco não podia, conseguintemente, produzir uma creação litteraria, politica e philosophicamente portugueza; porque, embora disponha ainda da vitalidade da raça, falta-lhe já a consciencia nacional — esse fogo sagrado que derrete o gêlo das brumas dos seculos, que sustenta em latente ebulição a locomovel da actividade civil, que prende com physico vigor as tradicções do paiz, e segura com firmeza moral a unidade da nação.

Pedir ao discurso do Sr. Nabuco o aroma das florinhas dos prados, que nos despertaram as brandas commoções do affecto; o perfume dos arbustos dos montes, que nos encobriram as violentas paixões do amor; o murmurio do regato, que nos adormeceu e fez sonhar as venturas de uma risonha primavera; o canto do rouxinol, que nos despertou no alvorecer do alegre estio; os descantes da carinhosa aldêa, que nos enterneceram ao pôr do sol do melancolico outono; e o calor da meiga lareira a que nos conchegámos nas noites tristes do inverno; — seria pedir ao gelo dos polos as recordações da nossa patria; ao areal dos desertos as saudades da nossa familia; á religião dos Hottentotes o templo da nossa oração; ao cemiterio dos Lapões as cinzas de nossos pais; e a todos os mares do orbe terraqueo um copo d'agua cristalina e pura como a da pequena fonte que nos mitigou a sêde e refrescou o sangue nas proprias entranhas de nossa mãi.

Mas nós vamos errados por esta vereda, leitores pios! Limpem as lagrimas, porque os impios riem-se d'ellas e

ficam de certo a rir-se de nós. A lagrima não é o pó da estrada do nosso caminho. Nem eu quero despenhar-me nos abysmos do lyrismo, que os descendentes da *mestra* de Balaam cavam nas quebradas das montanhas alcantiladas, quando a Natureza, despertada do somno do inverno, começa a espreguiçar-se sobre o seu colchão de crina vegetal, bocejando com tepido halito nos grelos da amada fava, e Apollo limpa a remela do òlho para ver melhor o querido gira-sol, que, altivo como regente de orchestra, preside aos concertos dados pela cotovia a trinar nas alturas os agudos tiples, e pela rã a grasnar no charco os graves baixos, em harmoniosos acordes com os zurros do barytono, que retumbam sonoros nas ribas da campina.

Voltemos ao trilho da prosa positiva, onde o piso não é tão escorregadio para o precipicio da ternura, que faz rir os parvos.

O Sr. Dr. Nabuco, como orador official do centenario de Camões, embora o seu talento seja notavel, e S. Ex. fosse um mestre em portuguez, como alguns que, felizmente, ainda existem no Brazil, não obstante revestir-se á portugueza n'aquella noite, foi mais sacrilego que um padre grego a celebrar em rito romano! E os festeiros que o levaram ao altar privilegiado na nossa *matriz*, onde só um sacerdote regularisado pelos poderes da nossa *madre igreja* podia subir para tocar na sagrada particula ethnica do nosso patriotismo, commetteram a impia confusão do christianismo politico da patria com o paganismo schismatico de uma nacionalidade protestante!

A' face da realeza do povo que lê, e na bochecha da popularidade do principe que outhorgou a carta constitucional da sua litteratura, uns mecos-litteratos, armados de chuço guerrilha como praças de guarda nacional esfarrapada, e postados de sentinella ao pantheon das nossas defuntas glorias no Brazil, apagaram a lampada ardente que velava as reliquias da instrucção con-

terranea: sepultaram a dignidade patriotica nas ruinas da sua aptidão, como vandalos coveiros da archeologia patria: e transformaram o templo da honra dos seus patricios em theatro de saturnal bodega, entregando ao *primo* a pureza de sua *irmã*, e applaudindo com bacchanal cynismo os desmandos com que elle, todo refastelado com ella, tentava violental-a nas suas proprias barbas!

A colonia portugueza não tinha um homem *limpo* para fallar de Camões decentemente! Camões é tambem o poeta do Brazil! E o Brazil não tem quem se anteponha ao Sr. Dr. Nabuco para orador do centenario!

Ahi estão tres proposições falsas e revoltantes, que só o atrevimento da ignorancia, ou a petulancia da esperteza, poderia estabelecer, e atirar como bolotas á manada que roeu os livros dos *beocios*. Ahi ficam as tres *graças camoneanas* do Gabinete Portuguez de Leitura, que o Sr. Theophilo Braga achou engraçadissimas vendo a sua imagem virtual atravez das lentes biconcavas do Oceano, que a inverteram de pés para o ar! E aqui vai a imagem real olhada pelo prisma que corrige as extravagancias da optica condescendente.

A colonia portugueza tem (até no corpo commercial) sem excluir mesmo a propria directoria do Gabinete) muitos individuos acima da altura marcada pelo Sr. Dr. Nabuco na craveira litteraria do assumpto; o Brazil tem duzias de homens de lettras muitissimo mais elevados e maduros pelo sol da litteratura classica do que o verde e aliás talentoso orador escolhido ; e Camões não é poeta nacional do Brazil para que seja indifferente a qualidade do orador n'uma festa que tem por fim retemperar a consciencia da nacionalidade portugueza.

São estas outras tres proposições, que me propuz estabelecer e sustentar contra as premissas affrontosas á dignidade e á verdade ultrajadas *ignobilmente* pelas *mofinas*, que o Sr. Theophilo Braga acaba de estigmatisar do alto da sua cadeira de patriota ambiguo fazendo gai-

fonas com *rôlha* da Russia, talhada por canivete republicano, que dobra o fio ao tocar no osso do *convencionalismo!* E concluirei demonstrando que o *Camões-Nacionalidade* ficaria mais ufano, se, para a sua festa no Rio de Janeiro, fosse tirado o orador d'entre os alumnos do Lyceu ou do Retiro Litterario Portuguez, d'essas escolas gratuitas e modestas, que a ostentação não vê, nem o Sr. Theophilo Braga conhece, mas que são sustentadas brilhantemente pela colonia portugueza em beneficio dos analphabetos que os sabios da patria deixam engeitar ás cegas, e em desmentido formal dos que imputam aos portuguezes expatriados no Brazil uma ignorancia crassa, invencivel ou supina!!!

Camões não é um ente particular: é uma entidade publica; bem o sabemos. Mas Camões não é um poeta de meras banalidades lyricas, nem um simples trovador de canções chulas para qualquer patusco cantar á viola. Se é o poeta que encerra em si o patriotismo de um povo, não póde repartir-se por dois completamente independentes; se é o monumento que representa as glorias do paiz conquistador, não póde representar as glorias do paiz que deixou de ser seu conquistado; se é o symbolo que significa a independencia de Portugal, não póde significar a independencia do Brazil; se Camões é—Portugal em carne e osso,—não póde ser o osso da carne d'este Imperio; se Camões é—o Portugal litterario-politico,—e os *Lusiadas*—a sua bandeira,— não póde o Brazil *hasteal-os* nas estantes da sua Bibliotheca Nacional, sem deixar tremular sobre a fachada do edificio o *Pendão das Quinas*, que é satellite forçado do astro que nos allumia na Historia.

Mas Camões é tanto—o Poeta do Brazil—como Gonçalves Dias é—o Poeta de Portugal. E' como Virgilio e Homero, Milton e Byron, Shakespeare e Gœthe, Schiller e Dante, Cervantes e Tasso, Bocage e Pulci, Ariosto e Boiardo, Trissino e Shelley, Ronsard e Racine, Petrar-

cha e Garrett, Voltaire e Castilho: é... como todos os poetas épicos, lyricos e dramaticos, emfim, tirados da lista dos mortos e mettidos no catalogo dos livreiros, são de quem os compra e os comprehende.

Sobre o Camões-litterario podem votar todos os que sabem lêl-o. Porém, Camões, creando a epopéa da civilisação moderna para todo o mundo culto, gravou nas taboas dos *Lusiadas* os mandamentos da—*Lei do Deus da Patria*—, e ensinou o evangelho que inspira no coração dos patriotas a natural religião do amor á terra natal, que todos devem ter, e que todos podem alli aprender, como muito bem disse o proprio Sr. Dr. Nabuco.

Se com a fórma a mais elegante e sublime Camões levantou um padrão de celebridade perpetua, em que pendurou as panoplias e tropheus dos *Barões assignalados*, que temerarios por *mares nunca d'antes navegados* e intrepidos nas *terras viciosas* descobriram com arrojo, batalharam com esforço, venceram com valor, conquistaram com heroismo, e edificaram com sabedoria *novo reino que tanto sublimaram*, não foi para que esse padrão se partisse em pedaços, como a columna *Vendome* ás mãos de monstruosos communistas. Se ás sete maravilhas dos seculos antigos Camões junctou mais uma que será eternamente o orgulho nacional dos portuguezes emquanto *vivos*, e depois de *absorvidos* o epitaphio das gloriosas memorias de Portugal, não foi para que esse marco milliario viesse figurar na America do Sul, como foi figurar na do Norte uma das *Agulhas de Cleopatra*, vendida como a outra á Inglaterra, por os mais ignobeis *trinta dinheiros* d'esse povo, que geme amaldiçoado por Deus e envilecido pelos homens!

« Busca-se o Egypto no mesmo Egypto, e não se encontra: entre dispersas ruinas apenas se divisam debeis vestigios da sua grandeza, e esvaecida gloria... Onde está Portugal? Onde só existe o Egypto,—nas ruinas, e na Historia... »

Já assim exclamava o autor do *Oriente*, agarrado á *Pyramide* que marca o nosso passado nos annaes do mundo. Que diria hoje aquelle padre energico, se visse que tentavam partil-a em duas postas, como pescada no contubernio de Cleopatra?!

Mas Portugal não póde parecer-se com a terra dos Pharaós.

Se tripudiou nas torpes bacchanaes, não succumbiu nas horrendas carnificinas; se tombou embriagado nos lautos banquetes, e rolou sobre o luxo dos opiparos festins, nunca volteou nos andrajos da fome, da peste e da guerra sobre as ondas de sangue que tingiram o Nilo! Se algumas pragas cahiram no seu abençoado torrão, nunca Menes nem Sesostris, nunca Pheron nem Psammiticho, nunca Cambyses nem Alexandre, nunca Ptolomeu nem Marco Antonio, nunca Augusto nem Saladino, nunca os Mamelucos nem Mehemet-Ali fizeram ninho dentro d'elle, nem turvaram as aguas do seu Tejo com o maná do céu transformado em amargoso fel da terra! Se o solo portuguez foi profanado por forasteiros inimigos, foram breves e bem vingadas as invasões, como affirma Latino Coelho.

Mas Portugal nunca foi o Egypto, porque foi sempre uma outra Roma. Até para equiparar-se-lhe na religião romana, elle instituiu a sua—religião do patriotismo!

Portugal repetia Roma, diz Oliveira Martins (apesar da sua má lingua), porque, como ella, não era uma nacionalidade ethnographica nem geographica, mas sim politica: não vivia pela unidade de raça nem pela conformação do solo, mas sim pela união de sentimentos; não era uma nacionalidade natural, mas sim moral, e por isso as suas fronteiras, como as suas tradições, todos os seus elementos de cohesão se encontravam resumidos n'um só sentimento, n'uma só palavra, o Deus de Virgilio como o Deus de Camões, o evangelho de Roma como o evangelho de Portugal, a razão de ser da existencia nacional, que, apagado o verbo, expira—o patriotismo. Se

Portugal é, pois, pelos quinhentistas uma nova Roma; se os seus heróes são romanos; se as grandes acções se repetem; se a historia se copia; se o filho reproduz todos os caracteres, todas as tendencias da mãi; que figura fazem os portuguezes de hoje a negociar Camões pelos mercados estrangeiros?

« *Nem sei de nojo como o conte!* »

Esse divino livro chamado *Lusiadas*, sendo esphinge da sabedoria de Camões, é um symbolo real do *peito illustre lusitano*, é um emblema perfeito de *que outro valor mais alto se alevanta*, e será a *arca santa* onde as tradições dos feitos da *famosa Gente* escaparão ás aguas do diluvio ethnographico, se a ira de Deus quizer arrazar de todo a terra onde *alguns traidores houve algumas vezes*.

Pela significação altissimamente politica para os portuguezes, que sobrevivem aos cataclismos parciaes dos seus antigos dominios n'esse passado brilhante da historia da civilisação, é Camões a sagrada reliquia venerada por todo o mundo culto, mas que só Portugal póde apertar ao coração com o sincero e acrisolado amor de pai; e os *Lusiadas* são a biblia dos crentes: dos que não renegaram a patria, nem a religião da sua autonomia: dos que não são *Coriolanos*, nem *Sertorios*, nem *Catilinas*, nem *Migueis de Vasconcellos!*

« Camões é o poeta de Portugal. Camões é a mais alta expressão d'este povo extraordinario que, mal apparecendo no globo, conseguio fazer-se mencionar na historia. »

Victor Hugo.

« Camões é a patria coroada de poeticos laureis. Os *Lusiadas* são a estatua da nação. »

Latino Coelho.

« .... Nenhum homem como elle póde redimir-se de suas fragilidades, divinisando os erros da imprudencia, fazendo-se amar nos extravios, e immortalisando-se em um livro que, ao fechar de tres seculos, alvoroça uma nação... Permitta a Providencia das nações que os *Lusiadas* não sejam a esplendida mortalha que Luiz de Camões deixou a Portugal. »

Camillo Castello Branco.

« .... Assim tambem como para os judeus, que não têm patria na terra, constitue a *Biblia* a sua patria ideal, assim foi no captiveiro dos sessenta annos o livro de Camões o laço commum de todos os portuguezes, e é ainda hoje a expressão mais brilhante e mais completa da nossa nacionalidade... E Portugal, glorificando Camões, glorifica-se a si proprio, faz a festa do orágo da sua nacionalidade, e lança aos olhos da Europa, n'esta quadra de decadencia, a affirmação energica da sua autonomia, como ha trezentos annos a apparição do poema de Camões foi, n'uma época de sombra e de morte, a affirmação gloriosa da sua vitalidade. »

Pinheiro Chagas.

« .... Eia, pois, velhos, que sois o conselho, moços, que sois a força e o enthusiasmo, damas, — esposas, filhas e mãis, que sois a providencia, a inspiração, o sacerdocio do lar, ajudai-me vós todos! Que não fique perdido para o futuro este momento historico tão solemne! Comecemos desde hoje o trabalho, após o festejo; não já descobrindo e conquistando novos mundos, mas conservando o muitissimo que nos resta, e amando-o, engrandecendo-o á sombra da paz, á luz da liberdade.

« E quando cada um tiver cumprido a sua tarefa

diaria, antes de sentar-se para repousar, levante os olhos ao céo e diga-lhe: — Por ti, Camões!

« Esta, sim, que ha de ser a sua grande apotheose. »

Thomaz Ribeiro.

. . . .
« Dos esquadrões que vale a força dura?
Do sacerdote a benção que me exalta?
Ah! não ter corrompido essa alma pura!...
Portugal não é meu! Camões me falta.

. . . .
« Morto é Camões; mas guarda-se a verdade
No poema d'essa austera consciencia,
Onde a patria respira a liberdade,
Onde resurge a morta independencia.

. . . .
« Camões! Camões, heróe, cantor e bravo,
Envilecidos animos alevanta;
Porque encerra o poema onde os seus canta
A força que faz livre um povo escravo. »

Theophilo Braga.

Mas quem é este Theophilo Braga?! Quem é aquelle povo escravo?! Quem é aquell'outro Camões que alevanta os animos envilecidos?!

Este Theophilo será o mesmo que chamou *mofineiros* aos seus patricios, porque, immigrados em terra estrangeira, ahi mesmo abraçam com enthusiastica devoção o *sagrado estandarte da patria*, estremecendo com ella sobre a sua autonomia?! Será o mesmo que estigmatisou os seus compatriotas por quererem dar ao centenario de Camões no Rio de Janeiro um caracter exclusivamente portuguez?! Será o mesmo que chama o Brazil—rudimento de uma phase nova e futura da nação portugueza?! Será o mesmo que chamou—affirmações gloriosissimas para o futuro de Portugal—a hypothese do Sr. Nabuco agourando que a figura de Camões será—alma errante de uma naciona-

lidade morta entre cem milhões de Brazileiros vindouros?!

Não! não póde ser o mesmo, se não houve dois Camões, e se aquelle *povo escravo* não é o que ainda geme no Brazil envilecido pelo captiveiro; a menos que o publicista do *Positivismo* não seja um monstro de duas cabeças n'um tronco só; ou sob a pressão de qualquer força estranha assignasse violentadamente o titulo de credito exigido pela *quadrilha*!

O mesmo portuguez que disse álém:—« o centenario de Camões n'este momento historico e n'esta crise dos espiritos tem a significação de uma revivescencia nacional»—,que fabricou semelhante epigraphe para o seu admirador e confrade republicano, Teixeira Bastos, escrever por baixo:—é festa nacional a commemoração do centenario; todos os que têm o sentimento da nossa nacionalidade devem hoje erguer a voz para celebrar esta grande festa—, póde vir dizer áquem:— são *mofineiros* os portuguezes que protestaram contra o facto de entregar-se á execução de um estranho em nacionalidade a parte *principalissima* do programma do centenario?! Póde exclamar em qualquer ponto do mundo que:—o tal facto foi um meio efficaz para dar ao centenario um dos seus caracteres de universalidade, ligando por uma mesma emoção tradicional dous povos irmãos?!—Não, porque um tal disparate desacredita mesmo o *curso inferior de lettras* da Lourinhã !!

Revivescencia nacional com *caracteres da universalidade?!* Mundo aberto com cancellas pelo meio?! Portugal e Brazil—povos irmãos?! Filhos de quem, Sr. Theophilo Braga?!

Então Portugal foi — metropole —, o Brazil foi — colonia —; Portugal descobre e desbrava, dá á luz e cria o Brazil, e fica o ascendente irmão do descendente?!

Que diabo de trapalhada de parentesco é esta?! Que demonio de doutrinas prega a *philosophia positiva* do Sr. Theophilo Braga?! Dar-se-ha caso que S. Ex. já seja

irmão de sua mãi e primo de sua avó?! Ou embrulha o illustre professor com o Brazil os differentes estados da *America hespanhola* que se chamam irmãos por serem todos filhos da velha Hespanha?! Ou falla serio, quando pensa e diz que a gente do Gabinete Portuguez de Leitura é — a corporação dirigente da colonia portugueza, e por assim dizer a synthese da sua unidade moral?! De que *pato* é a penna com que S. Ex. faz d'esta fancaria para mandar á *feira* dos *japonezes retornantes* do Brazil?!

Ex-metropole e ex-colonia — povos irmãos?! Nem Strabão ousaria dizer isso na Capadocia, nem o Brazil consente semelhante desaforo, porque não está ainda tão immoral como por ahi se julga e diz! Elle chama Portugal — *seu velho* —, seu ascendente, e até *mãi* de todos os seus males! Mas — *irmão* — nunca ouvi chamar-lhe, a não ser — *irmãos em Jesus-Christo* —, como dizem as côrtes da Praia Grande pela bocca do Dr. Costa Ferraz!

(Bordallo Pinheiro que conte ao Sr. Theophilo Braga a historia dos *trinta botões*.)

E já que abri um parenthesis, aproveito-o para explicar a palavra — *velho* — que deixei acima estatelada. *Velho,* no Brazil ou, pelo menos, na capital do Imperio, começa a *reinar* como synonimo de — *pai* —. Muitos dos filhos já não dizem — *o meu pai* —, dizem — *o meu velho!* — E' uma das metamorphoses que está soffrendo a lingua portugueza entre a geração moderna, e que eu acho tão elegante como euphonica e acertada. Meu pai — é uma expressão velha, quasi obsoleta, trivial, baixa, chula, e ás vezes pulha que póde envergonhar o filho. *Meu velho* — é uma phrase nova, fresca, energica, engraçada, nobre, sublime, e que, em certos casos tem, a conveniencia de evitar o *trocadilho* calumnioso de chamar-se — pai — a quem só tem a responsabilidade de ser o — *velho* —). Fechado o parenthesis, reabro o conteúdo.

Desde que o Brazil cortou o cordão umbilical que o prendia á placenta da metropole, a continuidade do todo interrompeu-se, e o communismo dos dous seres acabou na

vida organica. A mãi podia desde então contrahir enfermidades physicas, ou vicios moraes, sem mais contaminar o organismo do filho. Podia mesmo succumbir aos effeitos de uma intoxicação politica, sem o filho sentir ou soffrer a menor commoção na cabeça ou nos pés. Assim o filho póde viver ou morrer, engordar ou emmagrecer, sem que o leite da mãi seja d'isso responsavel, desde que elle passou a sustentar-se das suas proprias sôpas. O Brazil emancipou-se, estabeleceu-se, e governa-se por sua propria conta; nada mais tem Portugal com elle, e menos tem elle com Portugal. O portuguez não póde nem deve intrometter-se nas cousas brazileiras; e o brazileiro não deve nem póde promiscuar-se nas cousas portuguezas. E se tudo isto não é axiomatico, vão bugiar todos os termos d'essa logica traidora, que me poz o juizo a arder nos meus tempos do *Curso Superior de Lettras*.

Se o Sr. Theophilo Braga e mais alguns *philosophos* do *positivismo* chamam as nacionalidades — *obcecado empirismo politico*, — e gastam resmas de papel a cantar em prosa e verso uma cousa que chamam — *patria* — para darem ou venderem conforme lhes cantem, eu não tenho culpa d'essas obcecações do espirito, nem obrigação de cortejar semelhantes aberrações da alma. A minha religião, embora para os patuscos do *Universalismo* a patria seja utopia e o patriotismo uma chimera, será sempre a de Fenelon e d'outros *parvos* como o *divino* Hippocrates, *santo* padroeiro da minha confraria, que ao proprio *sacerdocio-medico* ensinou patriotismo, recusando-se por todo o oiro de Artaxerxes Longimano a tratar os soldados que eram inimigos da sua patria.

Não ha de ser a mim que J. Lermina metterá no rol das—creaturas inconscientes—productos da civilisação exaltada—sem senso commum—por baboseiras de *universalismos*, que todas as *philosophias* prégam pelas boccas das eloquentes metralhadoras. Antes quero ser burro vivo do que ser um doutor morto.

Mas eu nunca ouvi dizer senão agora que Camões é—

o Poeta *luso-brazileiro!* E o proprio Sr. Theophilo Braga, quando affirmou na sua Historia de Camões que os maiores sabios da Europa sustentaram ser este Poeta—um grande espirito, que attingiu o bello, e que é o mytho de uma nacionalidade—, já o Brazil tinha feito a sua independencia, e já cá tinha vindo o Sr. Conde de Thomar reclamar umas cousas, que ainda hoje Portugal chama—suas—, para não chamar-lhes—cebôlas do Egypto!

Ora, se Portugal e Brazil são duas nações distinctas, e Camões é—o mytho de uma nacionalidade, qual das duas nações é a proprietaria do mytho? Qual das duas é a mãi da criança, que o Sr. Theophilo Braga ameaça de rachar ao meio para contentar a ambas?

Se, porém, Portugal e Brazil fazem uma só nacionalidade, ou Camões tem o dom do *ser* e *não ser* ao mesmo tempo; se os sabios, capitaneados ultimamente por Victor Hugo, roubaram ao Brazil a sua quota parte, e eu, que ando no mundo por ver andar os outros, fui pilhado na rêde da boa fé, restitua-se o quinhão sonegado, mas venha então a igualdade do communismo reciproco indemnisar-nos do rateio:—Que João Pinto Ribeiro, por exemplo, possa chamar-se o principal heróe da independencia do Brazil, e José Bonifacio—o *Washington* de Portugal!

A theoria dos que querem dar ao Brazil o direito de poder dizer:—O que é de Portugal é meu, e o que é meu é meu só—, faz lembrar o desaforo do *vilão em casa de seu sogro*, que, depois das partilhas do inventario e distribuição dos quinhões, ainda pretende comer á custa do pai da noiva, guardando o que ella recebeu de legitima da mãi como estado independente e exclusivamente seu, em que o *velho* não póde mais metter o dente.

Se, porém, algum *Cujassio* não achar torto este ponto de direito, appello para os *praxistas* de Fafe, cuja *justiça* varias vezes tem sido posta em pratica nas terras onde

ha marotos e marmeleiros. Mas ninguem se assuste, que tudo isto fica em metaphoras.

A nossa questão ha de resolver-se á pancadaria, mas é da logica. E para acabar tornemos-lhe a dar.

« — A commemoração do centenario de Camões em Portugal foi uma grande solemnidade nacional que affirmou a vitalidade do povo e a honra do paiz.

« — Os magnificos e esplendidos festejos do centenario de Camões foram uma manifestação de vida e de força nacional, uma demonstração unanime de patriotismo, que pela sua elevada significação ha de marcar uma época memoravel na historia evolutiva da nossa consciencia nacional.

« — A celebração do tri-centenario de Camões foi o despertar da consciencia de todos no sentido da unificação e engrandecimento da nacionalidade portugueza; foi um espectaculo em que todas as forças activas na sociedade se dispuzeram a saudar uma data que continha em si um grande facto, uma memoria immensa, que era a resurreição da nação portugueza pela concentração dos elementos da sua nacionalidade no momento mesmo em que a tinham querido subverter, etc., etc., etc. »

São d'este theor e tom as commoções que lá sentiram os peitos portuguezes, e cá repercutiram nos que são verdadeiramente irmãos. Porém uns ethnophronos da patria, arrogando-se por ahi a representação official dos que sabem ler, entenderam que o melhor era—tresler. O que tentaram affirmar de vitalidade e honra, de consciencia nacional e patriotismo, de resurreição e engrandecimento da nacionalidade portugueza, foi:— Que Portugal é um moribundo incuravel, e sem um filho que o honre na terra estrangeira! Que os portuguezes no Brazil jogaram a consciencia nacional e perderam o patriotismo! Que a resurreição e engrandecimento da nacionalidade portugueza significado pelo centenario de Camões quer dizer:—que a nossa missão está terminada, e que temos de *desappa-*

recer como fracção minima para surgir no grande todo da grande e immensa geração, como Jonas surgiu do ventre da baleia milagrosa na praia de Ninive!!!

Aqui está o que significou o centenario de Camões no Rio de Janeiro festejado por uma gente, que o mesmo Sr. Theophilo Braga dos versos *retro* chama sem rebuço da prosa *infra*—« corporação dirigente da colonia portugueza, e por assim dizer synthese da sua unidade moral! » E houve um homem intelligente e distincto, de outra nação, dos que mais pretendem na sua patria ser notaveis patriotas liberaes, que pactuou gostosamente com os vendilhões de patriotismo, e prestou-se, como feitor de horrenda senzala, a pegar no ferro em braza do labéo annullatorio para marcar com elle o corpo brioso e livre de seus semelhantes, sem importar-se com o que sofreria a dignidade propria de S. Ex., se em vez de algoz fosse a desgraçada victima! E um moço sympathico e amavel, prégador exaltado dos direitos da igualdade humana, esqueceu a doutrina dos seus sermões philantropicos, e fardou-se de tyranno intruso para usurpar os direitos dos que tambem nasceram livres e senhores do que lhes pertence, com deveres e prerogativas, com obrigações e privilegios!!! E houve em Portugal um patricio, poeta, prosador, professor e *positivista*, que não poz os pontos nos *ii* na palavra—patifaria—, tendo deitado os bofes pela bocca fóra na propaganda do enthusiasmo patriotico em louvor da *revivescencia nacional!!!* Como é grande a grandeza de Deus na creação dos seres, que deixam de ser o que são, para ser o... quer que seja!

O Sr. Theophilo Braga grita em Portugal:—que resuscite o patriotismo do *Lazaro* á voz do centenario de Camões; e manda dizer aos portuguezes emigrados no Brazil que deixem enterrar bem fundo o seu sentimento patriotico! Brada á metropole:— que desperte do lethargo; que reviva na autonomia; que reaja contra a decadencia; e exclama para a colonia devotada á patria:

—que deixe reproduzir a dissolução de 1580; que festeje a futura *absorpção* pelo Brazil com o passado dominio da Hespanha; que entregue ao dominio do Sr. Pedro II o que o II Felippe não pôde conquistar!

E atira-nos isto um patriota *vermelho*, um poeta *republicano*, um *professor do Curso Superior de Lettras*, a quem Portugal paga para ensinar-nos o que é *eloquencia alevantada* e o que significa — baixeza de caracter?!

E é aquelle *corneteiro de Badajoz*, que na patria dá signal de alarma para pôr em debandada as legiões inimigas, o mesmo *Josué* que nos apparece n'esta *Jericó* tentando deitar abaixo as nossas convicções a toque de *trombeta?!* Ah! mas felizmente d'esta vez nem o sol parou, nem estamos na terra de Chanaan, nem o *palestino* atravessou a pé enxuto este *Jordão*, apezar de tentar *vir para cá de carrinho.*

Mas para que nos serviu então o centenario de Camões no Rio de Janeiro? — Para attestar que a colonia portugueza é tão nescia, que se mette em frótas sem bandeira! — Para certificar ao mundo que ella é um segundo povo hebreu, condemnada a ficar sem patria, a ser absorvida e a desapparecer na *grande nebulosa dos espiritos* ou na grande obscuridade dos *corpos!* — Para que uns satrapas da colonia figurassem de iconoclastas da patria na sua grande *panathenea!*

No Rio de Janeiro houve *festa* e festejos ao tri-centenario de Camões. Estes foram anonymos e gratuitos; aquella paga e encommendada por individuos que aproveitaram da ostentação. Mas quanta differença houve entre a festa espartilhada por uma philaucia ridicula e os festejos modestos, desabotoados, livres, ao ar livre, com todas as fórmas da singeleza natural!

O espectaculo officioso em que os devotos do Genio foram, como romeiros da Jerusalem, queimar na praia de Botafogo o incenso da adoração espontanea ao *redemptor* da tribu que fez do Brazil melhor terra que a da Promissão, foi grandioso como a vastidão dos mares percor-

ridos pelos galeões lusitanos; foi magestoso como o céu brilhante do novo mundo descoberto pelos argonautas portuguezes; foi radiante como o sol da civilisação trazido a estas florêstas gentilicas pela cruz da espada de Portugal! E o Brazil, representado por seus filhos e por seus hospedes, foi depositar sobre o tumulo historico do gigante que lhe derrubou as mattas selvagens do obscurantismo, que lhe abriu as portas para o mundo culto, e que o apresentou no gremio das nações civilisadas, uma grinalda de affectuosa saudade pelo heróe, e de piedoso reconhecimento pelo heroismo, que fez sahir da espuma das vagas desconhecidas o imperio encantado e cheio de encantos!

O espectaculo official realisado no theatro — *Pedro II* — foi um melodrama em que Portugal representou o velho Jacob, Camões o seu querido José, directores do Gabinete os desnaturados que venderam seu irmão, Joaquim Nabuco o Putiphar que comprou a esclavagem do captivo, Eduardo Lemos e Joaquim Ortigão os mercachifes israelitas intermediarios da traficancia!

Aqui morria o officionalismo interesseiro e o calculo ignobil! Além nascia a gratidão instinctiva e a generosidade espontanea sem as cadeias do servilismo, sem os artificios das conveniencias torpes!

Tambem o *Retiro Litterario Portuguez*, que se desligou da festança do Gabinete, como todas as outras associações portuguezas, fez o seu gratuito e brilhante festejo onde mostrou aos seus tres mil convidados (sem distincção de nacionalidades, mas com muita distincção na escolha dos convites) como uma phalange de môços da corporação commercial, sem ruido de patacoadas, cultivam e honram as bellas lettras, repartindo-as generosamente e com regular instrucção por muitos analphabetos, que vão ali aprender a ler os *Lusiadas*.

E quando, longe da patria, se encontrava no peito de alguns portuguezes uma cousa cheia de sangue vivo, que os physiologistas chamam — coração —, no arcabouço

de Portugal achava-se uma viscera cheia de sangue morto, que os anatomistas podem chamar — *hysto-hematico*, e os salchicheiros — *paio-vilão!*

Lá estava eu a resvalar para o despinhadeiro do tetrico, carregando as côres do quadro realista! Fujamos, leitor amigo, das terras de Gessen, que os Pharaós não são todos generosos, e as *pragas* do Egypto não se acabaram com Moysés.

Os castigos do céu nunca faltaram ás maroteiras da terra.

A vingança divina anda atraz dos soberbos, como Ixion anda atado á roda vingadora.

Os Golias matam-se á pedrada, os Achiles com um pequeno arranhão no calcanhar, os Holofernes, na sua propria cama, ás mãos de uma Judith, e os Marats, a banhar a ferocidade, na ponta da faca de uma Carlota Corday. A soberba e tyrannia dos Romanos destruiram a propria Roma, e deram vingança ao mundo que ella avassalou e opprimiu.

Tudo isto consta dos annaes da historia; e d'estas historias applica-se o conto a quem ousa julgar-se invulneravel, trazendo sempre suspensa sobre a cabeça a espada fatal, que Dyonisio mostrou um dia ao Damocles adulador. Socrates, Pythagoras e outros felizes bonachões dizem que a melhor vingança é fazer nosso amigo a quem nos offendeu. Mas proverbios bem oppostos são na pratica os mais aceitos.

O afamado orador camoneano, acreditando na infallibilidade da sua reputação, e atirando-se sem *cerimonia* ás profundidades de um assumpto tão vasto como melindroso, feriu-se na cabeça pela idéa, e morreu pelos pés da fórma, como quem expira de um tetano espontaneo. As contracções espasmodicas dos seus proprios elementos asphyxiaram o seu discurso abafando-lhe a respiração da vida real ainda dentro da propria madre; e os gazes deleterios da atmosphera impropria em que foi gerado

ajudaram a rigidez cadaverica a declaral-o defunto muito antes de nascer.

Certos *cheiros* desenvolvidos pela logica do Sr. Theophilo Braga no apparelho do *á priori* haviam annunciado antecipadamente que a respeito de Camões estava corrompida a fama fabulosa do nume, reputado immortal pelo juizo ordinario de uns escaravelhos litterarios; e as emanações produzidas no *posterior* dos acontecimentos vieram confirmar a desillusão indiciada desde 1872. Os *bolas* descreram então do oraculo; e varados pelo lôgro, que os proprios cegos vêem quando a nuvem se desfaz e Juno não apparece, vergaram a cabeça leviana ao peso de um nariz de palmo e meio.

O *Cicero* fallára muito, e muito bem; mas dissera pouco e muito mal para discurso academico de primeira agua. A peça encommendada, que o mercado esperava como primor de arte, compromettêra a officina que falsificou a marca da fabrica, e desacreditára o artista que executou a imitação pessimamente. Os troca-tintas da *corporação dirigente* viram-se precisados de um endossante para poderem fazer o desconto d'aquella *lettra* pouco acreditada no mercado do elogio mutuo, e não o acharam em todo o Brazil! Todas as *bancas* lhes fecharam as portas, e o completo silencio reinou em todas as columnas dos jornaes, á excepção de um para dizer que nem merecia critica o aranzel! Ninguem escreveu uma palavra laudatoria a respeito do discurso *nabuco-camoneano!* Aquelle titulo não tinha cotação na praça, e era forçoso que elle girasse para ao menos salvar-se a vergonha da emissão. Faltava-lhe um *alguem* que prestasse a firma para satisfazer a formalidade cambial, e dentro do Imperio não appareceu quem estivesse pelos ajustes do conluio. Para poder suspender-se e adejar por cima da cabeça dos papalvos, carecia de um rabo de credito, como os *papagaios* de papel com que brincam os rapazes, mas nem surgiu quem quizesse pegar na guita do *devertimento!* Estava tamanha *honra* reservada para um litterato, que

é professor de *positivismo* na minha terra! Porém, nem padrinho nem afilhado, póde lamber-se com a empada, porque o recheio sahiu azedo, como acontece sempre que o diabo entra nas trampolinas.

Do original mais serio sahe a mais burlesca parodia, se o imitador presume de poder impingir por bom ouro o seu ruim pechisbeque. Da mais conceituada cabeça surge o mais enorme disparate, se a vaidade mette o nariz na conversa.

Da menos supposta leviandade procedem as mais fataes consequencias, se a verdade soffre e o direito natural pune por ella.

O prestigio do nome, o encanto da palavra, a magia da eloquencia, sem a força da razão e do direito, são fogos fatuos de arraial frivolo, que só servem para incendiar o edificio da justiça, se as fagulhas cahem na palha que envolve o fardo da reacção.

O mais audacioso tribuno popular, o mais eloquente adversario democrata, o mais poderoso reformador da nossa época, o grande Mirabeau emfim, comprometteu menos a causa da realeza accusando-a violentamente perante os sanguinarios demagogos, do que tentando defendel-a como galante cortezão e diplomatico realista perante os mais moderados jacobinos.

Os argumentos levantados sobre artificiaes e falsas combinações desabaram da *Convenção* sobre a *Praça da Revolução*, arrastando comsigo throno, corôa e monarchia. As flores de rhetorica do *Demosthenes* francez, como as suas proprias cinzas exhumadas do Pantheon, foram atiradas aos ventos pela populaça infrene sua ex-admiradora, e as cabeças de Luiz XVI e Maria Antonieta rolaram no tablado do execrando cadafalso.

Não ha de ser, pois, o palavriado do Sr. Theophilo Braga capaz de salvar da decapitação o discurso do Sr. Joaquim Nabuco, como tambem o Sr. Nabuco não foi capaz de salvar a situação falsa em que os falsos *girondinos* o collocaram; porque foi leviana a caracte-

risação theatral com que no acto mais solemne e grave para uma nacionalidade o illustre brazileiro quiz representar de portuguez; porque foi ridicula a embrulhada que o eximio patriota fez de duas nacionalidades diversas; porque foi revoltante a impavidez com que o eminente tribuno se prestou a sustentar a serio proposições de uma burlesca convenção; porque foi provocadora a iniquidade com que o distincto liberal, defensor acerrimo dos direitos da igualdade, se transformou em usurpador da igualdade dos direitos; porque foi, affim, aggressiva a contradição do denodado caudilho, que combate a favor da alforria dos negros do seu paiz e pelejou contra a liberdade dos brancos da minha patria.

Se entre Portugal e Brazil houve completa separação de bens, e o communismo acabou; se o *pendão das quinas* não foi rasgado ao meio e repartidas as duas metades entre o pai e o filho, que creou para si outra divisa, como ha de partir-se em dous pedaços o symbolo de Camões, que é a nossa bandeira? Porque tem agora o filho, que nos fugiu de casa, mais direito á joia do que tinha a mãi, que nos deu o ser, e que ha 300 annos pretendia igualmente *apertar-nos* nos seus braços? Que nos importa o nome de quem nos absorva, se essa desgraça não póde deixar de ser? Que mais tem ser a Hespanha ou o Brazil o nosso dono, se nem elle, nem ella, como muito bem dizia o burro da fabula, ha de pôr-nos duas albardas? Se no livro dos destinos está escripto que nós os portuguezes de hoje sejamos os ultimos *Druidas*, e que sem remissão, nem aggravo, iremos parar na caldeira de *Pedro Botelho*, para que havemos de andar com o Camões n'uns bentinhos ao pescoço? De que nos serve gastar cêra com ruim defunto, se elle não ha de rogar no céu a Deus por nós, e fortificar-nos na fé dos bemaventurados, que sem ser pela pobreza de espirito teem certo o reino da gloria? Se depois do burro morto a cevada nada vale, para que nos cansamos a joeirar os *Luisiadas*?

E' para o Sr. Joaquim Nabuco fazer gymnastica no trapesio das utopias? E' para o Sr. Theophilo Braga trabalhar de *elastico* sobre a manta dos pelotiqueiros ambulantes?

Mas que figura fazemos nós então de bocca aberta applaudindo as pantomimas dos comediantes de feira?

Os *paduanos* que o digam!

Eu direi apenas que o Brazil nem cá precisa do Camões, nem cá deseja *Theophilos Bragas*. O que elle deseja e precisa não são cabeças, são braços; não são idéas, são serviços; não são lérias de livres pensadores, são obras de livres trabalhadores para substituirem o trabalho servil.

E isto é tão verdadeiro como acertado e natural. E isto é tão natural como o não dever o Sr. Dr. Nabuco intrometter-se nas cousas intimas de Portugal.

Mas com que titulos S. Ex. atropellou então o direito dos herdeiros forçados e empolgou a herança do seu parente remoto? Com a jurisprudencia do *suum cuique tribuere?*

Não! com a do leão a fazer partilhas entre carneiros! Com o direito das gentes que invadem a propriedade alheia pela *razão* da força, e pela força da *logica* com que os mais notaveis *abolicionistas* da escravidão estrangeira escravisam para si estados inteiros á voz do *Armsstrong*, que leva a *liberdade* ao Transvaal e a *felicidade* ao Afganistan!

Na pagina 8 do seu discurso diz o Sr. Nabuco com esta graça, e esta generosidade á custa do pão do seu compadre:

« Nesta festa uns são Brazileiros, outros Portuguezes, outros estrangeiros; temos todos, porém, o direito de abrigarnos sob o manto do Poeta ».

Para o Sr. Joaquim Nabuco o manto do Poeta era *roupa de francez*, emquanto que de França Victor Hugo telegraphava: — Camões é o poeta de Portugal!

Quando aquelle insuspeito e illustrado critico acrescentava: — Camões é a mais alta expressão d'este povo extraordinario que, mal apparecido no globo, conseguiu fazer-se mencionar na Historia —, os Portuguezes entre os Brazileiros e os *estrangeiros* reunidos na festança eram uns *aquelles* do genero neutro, que nem tinham nacionalidade para o *amavel* orador selecto! O segundo factor d'aquelle problema incrivel representava o zero infinitesimal da nullidade absoluta!

E isto, sendo enormemente monstruoso, é rigorosamente mathematico!

Mas o caso ainda não fica aqui. No mesmo sitio em que o Sr. Nabuco atacava a propriedade da nacionalidade portugueza, e a diplomacia apitava pedindo soccorro ao direito das gentes, a grammatica de Camões gritava aqui-d'el-rei debaixo d'um facão neotérico com que S. Ex. a mutilava barbaramente!

E aqui vão algumas provas do attentado, para o leitor ficar sabendo desde já como é justa e conceituosa a critica do Sr. Theophilo Braga quando diz que o discurso do Sr. Nabuco é de uma *alevantada eloquencia.*

Na mesma pagina 8 das 24 com que este senhor formou o impresso, que appellidou de — volume — e dedicou ao Sr. Joaquim Ramalho Ortigão, lê-se este periodo, que transcrevo *ipsis verbis et ipsis virgulis* com vista ao *Aristarcho* que seja n'este julgamento o promotor publico do tribunal dos aranzeis:

« A terceira (commemoração) é esta imponente solemnidade artistica, honrada com a presença de um Soberano, que já mostrou, com (!) Victor Hugo, que é para elle um dos privilegios do seu officio de rei poder esquecer que o é diante de um poeta, com a presença de uma princeza que só (!) tem feito fallar de si pela sua bondade e pela sua benevolencia para com todos, e com a representação (!) da Camara dos Deputados, que interpretou bem com a sua homenagem á (!) Luiz de Camões, o sentimento unanime do nosso paiz. »

E' o caso de dizer-se apropriadamente: — *foi cada mergulho seu barbo!*

Em primeiro logar temos — um Soberano, que já mostrou, *com* Victor Hugo, etc., fazendo de Victor Hugo, em portuguez velho, instrumento de ajudar a mostrar, (um dedo com que Sua Magestade apontou, por exemplo), e no portuguez novo do Sr. Nabuco uma locução *eloquente* produzida por metastase da preposição *com* n'um *artigo contrahido*, que á moda dos nossos latinos produz um *dativo instrumental* muito desafinado.

Em segundo logar temos uma *princeza* (com *p* pequeno), que só tem feito fallar de si pela sua bondade, e tal. (!)

Não podendo suppôr-se que o galante democrata quizesse amesquinhar uma Senhora, como é a veneranda Imperatriz do Brazil, chamando-lhe princeza com *p* pequeno, depois de ter escripto Soberano com *S* grande; nem devendo imaginar-se que o gentil diplomata, redigindo — *que só tem feito fallar de si pela sua bondade e benevolencia* —, quiz dizer que S. M. a Imperatriz é tão pequena ou tão curta que só chega para essa pobreza de espirito, esbarro com o leitor n'outra parede de novo edificio *nabuqueano*, onde mora o pobre adverbio — *só* — com o figurão — *tanto* — em perfeito communismo de igualdade e grandeza proverbial! Por qualquer dos angulos da hypothese ficamos, pois, entre o bico e a cabeça.

Em terceiro logar, deixando á margem algumas virgulas de mais ou de menos e quejandas ninharias néogothicas, temos a — representação da Camara dos Deputados, que interpretou bem com a sua homenagem *á* Luiz de Camões, o sentimento unanime do nosso paiz!

Depois de uma *princeza pequena*, uma *Camara Grande* não podia deixar de fazer um escandalo enorme. A sua — homenagem *á* Luiz de Camões — reprovaria *nemine discrepante* qualquer nação inteira representada por Deputados, embora Grandes, que fizesse exame da lingua portugueza perante a gente que sabe ler os *Lusiadas*.

O bello Sr. Nabuco, na sua febre de originalista, fez *gato sapato* do *A* de seus avós, como as creanças fazem ás teteias, quando as escavacam por fóra para verem como ellas guincham por dentro. Pelas travessuras do Sr. Nabuco o *artigo contrahido*, que os nossos maiores chamavam — *dativo* —, transformou-se em — preposição de uso ou de modo —, e por modo que já parece um boneco sem pés nem cabeça. Quem houvesse escripto em verdadeiro portuguez — homenagem *á* Camões e costume *a* Luiz XIV, haveria grammaticado *a* moda do *Curso Superior de Letras*, ou inaugurado *á* moda do mil diabos. Se alguem dissesse em boa lingua de Camões que o Sr. Nabuco sabe andar *á* cavallo e montar *a* ingleza, esse alguem, ou era um idiota que desconhecia os idiotismos da lingua, ou um insolente que S. Ex. podia metter na cadeia por crime de injuria ou diffamação. A construcção do Sr. Nabuco póde conseguintemente causar perigosas amphibologias, e até desabar na indecencia dos trocadilhos de *má-laia*.

Passemos a outro periodo da pagina seguinte, numerada por um — 9 —.

« *Si* o dia de hoje é o dia de Portugal, não é melhor para elle que a sua festa nacional seja considerada entre nós uma festa de familia ? »

Onde foi o Sr. Nabuco encontrar o pronome pessoal — SI — desempenhando o papel da conjuncção condicional — SE —, para dar com elle na cara do Camões, que nunca pôde fazer semelhante descoberta?

Quem foi o maganão que forneceu latim a S. Ex. e lhe metteu no fardo da conjuncção — *si* — o relativo — *sui, sibi, se*, conhecido entre os rapazes de escola pela alcunha de *rabo sem cabeça?* Ou com que direito pretende S. Ex. ser mais realista que o proprio rei, alatinando em *si* a nossa condicional *se ?* E com que raça de modestia ou delicadeza julga o Sr. Dr. Nabuco ser melhor — que uma festa nacional de Portugal seja considerada no Brazil *festa de familia?*

O Sr. Nabuco, pela primeira, desconhece certamente os elegantes escriptores portuguezes, que não regem por notas de musica; pela segunda, conhecendo talvez o rifão que diz: — quem meus filhos beija minha bocca adoça —, deu-lhe a extensão de poder-se tambem beijar a mãe para adoçar a bocca dos filhos!

Tem graça! E acho bom que se generalise esta interpretação, responsabilisando-se o Sr. Nabuco pelos embargos que os pais das creanças ponham a semelhante demasia.

Mas, como filho, e já taludo, o que faria S. Ex., se encontrasse este seu venerador, simples visita da casa, nos aposentos reservados da sua mãe-patria a fazer-lhe festas ou a discutir com ella as coisas intimas da familia? Que diria S. Ex., se este seu criado, mesmo naturalisado brazileiro que fosse, tentasse um dia penetrar na sua Camara de Deputados?

Decididamente o Sr. Dr. Nabuco ou faz duplicatas como o Sr. Theophilo Braga, ou faz simplesmente dos portuguezes zeros puros na conta das nacionalidades, como se fossem judeus errantes, fantasiando que elles perderam a patria ao pôr o *pé de boi* nas terras de Santa Cruz, como o boi do mocotó perde o sexo á entrada do açougue.

E se o leitor não está pelos autos, ponha-me então em pratos limpos os periodos que passo a transcrever da pag. 9, cuja meada eu não pude dobar depois que o Sr. Theophilo Braga veio bulir-me no sarilho da *eloquencia*:

« Até a patria é um sentimento que se alarga, abate as muralhas da China que o isolavam, e torna-se cada vez mais, como se tornou a familia entre os homens, e ha de tornar-se a religião entre as Igrejas, um instrumento de paz, de conciliação, e de enlaçamento entre os povos. »

Francamente, nada percebi d'esta locução, senão que *enlaçamento* é uma *crioula ingenua*, já nascida fôrra pela grande lei do ventre livre. A patria — *sentimento que se*

alarga e abate as muralhas da China—se não é allusão mordente ao projecto do Brazil fazer na China um viveiro de filhotes seus patriotas, é então uma *araria*, que só o leitor poderá entender, se foi contemporaneo dos moiros em Portugal, ou discipulo do Dr. Theophilo *Brago-positivista*.

Passando d'aqui por cima de toda a folha até á pag. 11, deparamos a meio d'ella com esta *galanteria ethnographica* muito a proposito para saber-se a pag. 12, que os pais de Camões eram *gallegos* e *pobres*, e que—*Já n'esse tempo a pobreza era o apanagio dos fidalgos de Portugal. (!)*

« O emigrante Portuguez chega ao Brazil sem fortuna (!) mas tambem sem vicios, e pelo seu trabalho crêa (!) capitaes; vem só, e funda uma familia; seus filhos são Brazileiros; fallando a nossa lingua (!), e da nossa raça (!), essa emigração nem parece de estrangeiros (!); todos os annos, á força de privações corajosamente supportadas, ella põe de lado uma somma consideravel, que não accresce tanto á riqueza de Portugal como á nossa. »

Nesta espetada de orações *é natural* disse o Sr. Dr. Nabuco verdades núas e pêtas crúas, que vamos destrinçar, separando os alhos dos bogalhos:

O emigrante portuguez chega ao Brazil sem fortuna, (ou sem fortuna ao Brazil?), mas quasi sempre com algum vicio, ainda que não seja senão o *de fumar*, e pelo seu trabalho nem sempre *crêa* capitaes, porque tem muitas vezes que dar a alma ao Creador.

— Que vem só; que funda uma familia; que faz filhos brazileiros; que passa a fallar a sua lingua, a ser da sua raça, e a não parecer estrangeira essa immigração—; é uma verdade tão núa, como ficam os immigrantes no Brazil, se não fazem pela vida, e se esperam pela roupa que o paiz promette dar-lhes nas *colonias* onde os *protege officialmente!*

O que é, porém, pêta crua e dura de roer é que o immigrante, que chega ao *Brazil sem fortuna (Romanos posse vincere Latinos)* seja só o portuguez; e que este todos os

annos esteja na *postura* de uma somma consideravel. O que é fortemente indigesto e consideravelmente despropositado é que na lista dos pratos da ceia, dada ao Camões na noite do seu tri-centenario, figure este recheio de miserias com o môlho picantissimo das *pimentinhas* do Brazil!

Mais abaixo, e muito mais *baixo*, diz o Sr. Nabuco:

« Todos estes beneficios merecem o mais solemne reconhecimento da parte de quem, como eu, votou a sua vida politica toda á causa do trabalho livre. »

Este *reconhecimento* do Sr. Nabuco *commoveu-me* profundamente, e foi arrazar de gratidão todos os corações dos escravos da minha terra representados pelo Sr. Theophilo Braga! Bem haja o Sr. Nabuco que, lidando azafamado em favor das alforrias dos negros do Brazil, não esqueceu as liberdades dos brancos de Portugal na causa do trabalho livre!! S. Ex. faz-me recordar com a mais viva saudade aquella engraçada parodia da

Coimbra, terra d'encantos,
Do Mondego alegre flor,
.. ..

que foi rimada e arrimada nestes termos de chacóta:

« Coimbra, terra de brutos,
Do Mondego negra flor,
Venho pagar-te em charutos
Tributo do meu rancor.

« Não engeites porque és pobre
Porque tens o canto nobre
Do cantor da linda Ignez,
....

O Sr. Dr. Theophilo Braga acabará o resto da cantata para regalo do seu corpo e consolação da nossa alma.

E' cruelmente horrivel o *delicioso pungir d'acerbo espinho* que o Garrett ensinou a varar o corpo e a penetrar no espirito para espetar-se na idéa que nos traz á memoria coisas de tocar no coração! Mas, para allivio das dores

lancinantes que não têm cura, podemos recorrer hoje ao balsamo consolador que o Sr. Nabuco receitou no final da sua pagina 13, por estas palavras da *posologia* fantastica:

« A illusão é uma parte de nós mesmos, e a melhor; não é possivel arrancal-a sem que no espaço que ella occupa fique um *vasio que nada enche.* »

Ora, eu, que fiquei a *nadar* com o vazio cheio de rir, como não estarei repleto de prazer, qual outro Archimedes ao descobrir o cobre na falsificação da aurea corôa do seu rei?!

E Camões,—o parvo—, que disse—*Melhor será experimental-o que julgal-o*—como não estará vasio de banalidades gostosas e consoladoras, que elle nunca soube transformar em Natercias reaes e verdadeiras?!!

O Sr. Dr. Nabuco foi realmente de *uma eloquencia alevantada!* S. Ex. pode dizer que espancou as trevas da camoneana de tres seculos, e que para ella o verdadeiro seculo das luzes começou no seu discurso a paginas 11 com a surprehendente apparição d'um *planeta* nunca visto, mas que vai ver-se agora por um *canudo* d'astronomia moderna!

« Tambem quando me offereceram este lugar na grande festa que a nacionalidade portugueza solemnisa hoje no Rio de Janeiro, como no mundo inteiro, em todas as escalas que os seus navios foram descobrindo no Planeta, não senti nem liberdade, nem desejo de recusar-me. »

Este periodo é pyramidal! A sua construcção e lavores hão de attestar no futuro da archeologia da lingua brazileira uma edade pre-historica muito remota, como certos fragmentos da *silex* grosseiramente talhados pela mão do homem e que se encontram nas escavações profundissimas da terra, revelam a época que os geologos chamam —*poleolithica*, a ser verdade o que dizem as ruinas da Citania.

Abstrahindo-se da falta de liberdade e desejo sentido pelo Sr. Dr. Nabuco para recusar o lugar de orador official que lhe offereceram na grande festa da nacionalidade Por-

tugueza, e desprezando-se as pequenas borbulhas grammaticaes, que podem passar por insignificantes espinhas carnaes de redacção, atiremo-nos ao *Planeta*, com licença do Sr. Theophilo Braga.

Quando eu deparei com este *Planeta* grande dando-se ares de senhor absoluto, olhei-o de alto a baixo, tirei-lhe o meu chapeu, e fiz-lhe os meus comprimentos, julgando que elle fosse algum dos meus conhecidos, que pelo andar dos seculos tivesse crescido até áquelle tamanho; mas o que reconheci foi que eu me tinha enganado redonda e planeticamente! De bôcca aberta e pedra no sapato, corri á casa do meu *Diccionario* para colher informações a respeito do desconhecido que me tinha embasbacado; mas o adello da roupa velha apenas póde dizer-me que nenhum planeta conhecia tambem com aquella magestade e absolutismo, a não ser a —*Casula Sacerdotal!*— Conversámos e discutimos sobre as hypotheses do possivel, e o bom do velho concluio então que: se o *Planeta* do Sr. Nabuco não *gira*, é com certeza a referida alfaia clerical; se o *Planeta* do Sr. Nabuco *gira*, é certamente algum *astro opáco*, que anda á roda do Sol a *pescar* luz e que póde muito bem ir parar á *Terra Nova*. Resta-nos, portanto, no encalço da verdade, esperar que o Sr. Dr. Nabuco nos decifre a charada do seu grande *Planeta*, se o curso superior de lettras não estiver para isso habilitado.

IV

Camões pelas ruas da amargura

Sendo ponto forçado da nossa derrota o porto de *Pantana*, onde o Sr. Dr. Joaquim Nabuco foi atirar com o Camões embrulhado nos andrajos da historia e da grammatica portugueza, corrijamos as variações da agulha e órcemos uma quarta ao rumo de ENE em demanda do pharol da Guia, para fundearmos nas aguas da Belém do Gama, sem encalharmos no Bogio, que devê ficar-nos a OSO pela pópa fóra.

O Sr. Dr. Nabuco na sua pagina 14 jogou a *vermelhinha* com tres Catharinas d'Athayde, e, sem saber onde a *ella* ficou, metteu as cartas no baralho e declarou que tal *abundancia de Catherinas*, como uma verdadeira epidemia, era explicavel pelo contagio do nome da rainha d'aquella calamidade, que tambem era Catharina e prefazia a conta de quatro casos fataes!

Depois, mimoseou com a mácula de *favorita* de Camões a filha de D. Antonio de Lima, sem receiar que os parentes da fallecida fidalga, apezar da *pobreza ser o apanagio dos fidalgos de Portugal*, arrangem dinheiro p'ra passagem, e venham ahi pedir a S. Exa. uma satisfação á moda dos *Magriços* d'aquella época.

Acrescentando ainda que a tal *favorita* tem um *partido numeroso* e *rivães poderosas*, e querendo imputar á probidade do Sr. Visconde de Jorumenha a paternidade d'essa sultana ou corteză de Camões, diz o Sr. Nabuco que o illustrado visconde é *padrinho* d'ella e ella sua *protegida*, atacando assim a moralidade do caso e a de quem não é capaz de—fazel-os e baptizal-os.

No meio d'um ponto tão confuso ou complicado para os biographos, mas *tão complexo* (!) para o Sr. Dr. Nabuco, como S. Ex. diz ser a referida—*abundancia de Catherinas; e diante d'uns certos sonetos, que não têm dois sentidos, sôbre tudo para as mulheres (!)*, S. Ex. exclama na pagina 14 com o desespero de quem está enredado n'uma cerca d'espinhos de Maricá: —« *A verdade, senhores, é divina ; mas a certeza nem sempre vale mais do que a duvida.* » *(!)*

A isto nada ha que replicar-se, porque o Sr. Joaquim Nabuco lá o lê, e lá o entende. Semelhante *axioma* era completamente desconhecido até hoje no moral e no racional da Philosophia; mas o Sr. Nabuco, tendo estabelecido na sua pagina 13—*a illusão é a melhor parte de nós mesmos, e a melhor* (!), foi logico no corollario deduzido das duas proposições, o qual demonstra a certeza de que os principios racionaes e moraes de S. Ex. acentam na duvida, e que nós devemos ficar na illusão do que S. Ex. nos havia parecido antes do discurso, que encobria a *verdade divina*. Se o—contradizer a verdade conhecida por tal—já não é, pois, peccado dos que bradam ao Céo, remòva-se esse torpeço da estrada real, e dê-se passagem franca á mentira, para melhor na-

vegarem nas aguas turvas os que levam a vida deitando poeira nos olhos da gente.

Regressando-se á pagina 12, vemos que o Sr. Dr. Nabuco pendurou no alto d'ella um periodo *alevantado* que, se não fôra a referida collocação, haveria ficado tão baixo, como está o final da pagina antecedente. O tal periodo diz:

« Não preciso dizer, como aliás o podia fazer sem deixar de ser sincero, que n'esta noite sou Portuguez; basta-me dizer que acho-me(!) animado para com a pequena, mas robusta Nação que fundou o Brazil, e que foi tanto tempo a Mãi Patria, de um sentimento que, si (!) não se confunde com o patriotismo, não deixa de confundir-se entretanto com o proprio orgulho nacional. »

Na parte em que o Sr. Joaquim Nabuco declara que não precisa dar satisfações de ser ou não ser portuguez, dou razão a S. Ex., e até applaudo a sua franqueza, porque eu tambem as não dava á gente que me metesse n'aquelles trabalhos de *ratoneiro* de nacionalidades. E a dar-lh'as, podia muito bem dizer-lhes, sem deixar de ser sincero, que tão....... portuguez é o que vai á horta, como o que fica á porta a proteger a manobra do furto.

Emquanto ao—*basta-me dizer qu'-acho-m'-animado*—, desculpe S. Ex. que eu varra os detritos da decomposição do—*m'-acho animado*—, e que desvie a *pequena (que fundou o Brazil, e que foi tanto tempo a Mãe Patria)* das *animações* cacophonicas que podem offendel-a e machucal-a nos pés da lingua.

Lamentando, não obstante, o trambulhão que o afamado artista deu do *q''acho* abaixo, ao desviar-se do *m'acho*, agradeço em nome da *pequena* o sentimento que, *si..... lá, sol, fá, mi, ré, dó.*

E já que estamos com a mão na massa das cacophonias, mettamos no tôrno da limagem algumas outras, que certas arestas, resultantes da qualidade do barro da fôrma na fundição, não deixam gurnir nos escouvens do ouvido.

A meio da pagina 15 diz o Sr. Nabuco a respeito de Camões: « em 1550 alista-se para a India como soldado, e não parte porque a náo arriba (!); demora-se em Lisboa tres annos, um dos quaes na prisão, até que em 1553 parte para a India na náo (!) S. Bento, para lá ficar desesete annos (!). Como vêdes, passo rapidamente sobre factos que conheceis (!), para chegar ao Poema. »

Com effeito, o Sr. Dr. Nabuco passou, como gato por brazas, sobre factos da historia de Camões, que nós *conhecemos*, para *chegar* ao Poema e a varias coisitas mais, que nós *não conheciamos*.

O Sr. Dr. Nabuco foi d'uma generosidade magistral na concessão aos nossos conhecimentos (!), e de uma bizarria *afidalgada* á portugueza nas *chegas* ao Poema e mais coisas da nossa ignorancia. Mas, como n'este momento critico não tratamos ainda d'esse *petisco*, voltemos á vacca fria das cacophonias, que a *prosa* do nobre orador official tinha obrigação de polir sem auctorisar-se a chupar exemplos *n'alma minha*, que Camões deu em verso onde não *póde o Gama mais*.

Na-náo não tem malicia, nem immundicia, e poderia muito bem passar por alto, se não protestasse da supposta allusão um sujeito da Bahia, que eu conheço por esse mesmo appellido. *Por-que-a-náo*—é que não tem furo possivel entre gente limpa que não embarca na lancha do lixo e muito menos em *porca náo*.

Risquemos, por tanto, estas compótas da lista das *conservas*, servidas à Camões como petisqueira excellente do *discurso-modêlo*, que tem de ficar para *desenjoativo* das gerações futuras.

Emquanto ao facto de Camões não partir p'ra India em 1550, *porque a náo arriba*, e ao parecer-nos o caso incrivel, visto ser forçoso que um navio parta para poder depois arribar, explica-se facilmente por uma especie de *hyperbaton*, que nos conduz direitinhos a estas duas hypotheses de que podemos escolher a que for mais do nosso gôsto:— ou Camões, desconfiando de que a tal manhosa

embarcação tinha tenções de arribar, não quiz partir; ou a náo arribou na vespera da partida, e Camões, no dia seguinte, tinha arribado, sem ter partido. Isto é tão claro, como agua; e mette-se até pelo ôlho cego de Camões sem ajuda d'*anastrophes*.

Porém, o que real e maravilhosamente se tornou luminoso para as trevas dos motivos que levaram Camões á India foi a descoberta *alevantada* do Sr. Dr. Nabuco! « .... em 1553 parte para a India na náo *S. Bento* para....— la ficar 14 annos! Este *fim*, que levou á India aquelle pandego de Camões, é que a ninguem tinha ainda passado pela cabeça! Foi uma verdadeira revelação com que muito ha de aproveitar o curso superior de lettras!!!

Recapitulando a inquirição das Catharinas em que a historia do Sr. Dr. Nabuco *abunda* (sem ambiguidade de prêta mina), admiremos como S. Ex. sahio artisticamente de *ponto tão complexo!*

« Contentemo-nos com saber que D. Catherina d'Athayde tinha cabellos loiros e ondeados, as faces côr de rosa, o collo de neve, os olhos verdes, o olhar luminoso, a falla doce, que era alegre, cortez, e suave, e que, si a belleza é antes de tudo a graça musical dos movimentos, ella tinha

« Esse compasso certo, essa medida
« Que faz dobrar no corpo a g ntileza.....

O Sr. Dr. Nabuco teve tentações, ao que parece, de metter Camões n'um *cateretê* do — *quebra minha gente*, onde o *compasso certo e a medida* (hoje diz-se decilitro) *faz dobrar no corpo a gentileza....!*

E a lembrança teve uma graça *alevantada*. A occasião, porém, é que não foi das mais apropriadas, nem das mais felizes a escôlha do genero em que menos realça o grande Épico.

As *gaiatices* do Camões — rapaz — não são as glorias dos Portuguezes, nem os merecimentos do Poéta, que o mundo confronta com os de Homero — philosopho.

O lado por onde Camões é visto com admiração geral das gentes, que nem conhecem os *batuques* d'Africa, nem os *cateretês* do Brazil, tem uma feição tão séria, que nem consente que se bailem os graves *minuêtes da côrte.*

Se o Sr. Dr. Nabuco desejava fazer sobresahir o *forte* de Camões, não devia mettel-o em *lunduns*, nem tocar-lhe no *fraco* das *Natercias*, em que elle não fez a melhor figura.

Se o notavel orador queria exhibir amostras poéticas do genio de Camões e lisongear com ellas os portuguezes, tinha nos *Luziadas* varias especies, que certamente produziriam melhor effeito.

No genero da *patuscada* está Camões muito abaixo de outros *pandegos*, que lhe levam as lampas muito acima.

Se o Sr. Joaquim Nabuco precisava fazer rir o publico na *bambuxata* do theatro—D. PEDRO II—, tinha S. Ex. muito melhores *pilherias* do que as de Camões, pelo feitio da que vai aqui para amostra:

« Quando dansa a Maldonado,
E os quadris saracoteia,
Não é mulher! É sereia!
Não é sereia! É o diabo!

(Côro).— *Péga fôgo in sápicado.*

. . . .
. . . .

Respiremos, e continuemos.

No cimo da pagina 15 do nunca assás admirado discurso, disse o Sr. Dr. Nabuco, qual outro *Ulysses* no cimo da *Cotovia:*

« Quanto ao amor do Poeta, lêde as suas Canções, algumas das quaes parecem escriptas por um Grego, de naturaes que são (!!). Nellas (?) (sem apostropho, é uma villa da Beira Alta,) reconhecereis logo essa plenitude de vida que se aspira por (!) um dia claro, sob o Azul diaphano, n'uma atmosphera pura, quando a alma sente-se, como o *noûs* de Anaxagoras, (!) — a mais pura

e subtil de todas as substancias — (!), e o Ar nos torna não só melhores, como mais intelligentes e mais livres. (!) »

Ao terminar de engulir esta posta de pescada intelligente ao ar livre, lembrei-me de *Filinto Elyseo* e comecei machinalmente a recitar a lettra d'esta sua cavatina:

« Dá eá o presunto
« Rapaz enfeitado,
« Quem come um bocado
« Não morre de fome;
« Morreu lobis-home!
« Em cama de neve,
« Com a penna que escreve.
. . . .
. . . .

Reconheci então que o Sr. Dr. Nabuco, pela dura necessidade de fazer alevantada erudição tinha arranjado umas coisas, que tambem parecem escriptas por um grego.

Respeitemos, pois, as intenções litterarias de S. Ex. que o forçam a dar estes saltos mortaes na corda bamba das piroêtas artisticas, e concedamos-lhe pleno direito de fazer amphiguris, e atè mesmo *Cantilenas*, *Gestas*, ou *Dithirambos da Edade-média*, se S. Ex. precisa d'esse desabafo para chegar contente á edade-madura,

O que não póde, porém, dar-se de barato, nem deixar-se passar como rapaziada de *Quincas travêsso*, é a carnavalesca enfarruscadela que o Sr. Joaquim Nabuco deu na cara de Camões e nas ventas dos portuguezes com esta foligem da chaminé do seu *gazometro*, cuja raspadura começa no final da pagina 12 :

« Não ha em torno do Poeta, nos primeiros annos da vida, senão pallidos reflexos da Renascença, que entretanto como o Sol que ao morrer converte toda a sua luz em côr, concentrava-se no intenso colorio Venesiano. (!) O morticinio dos Judeos, o trafico de escravos, a Inquisição com os seus Autos da Fé, as intrigas Hespanholas, o

despotismo grosseiro de um rei fanatisado pelos Jesuitas, as pestes que se repetem, a alegria que desapparece no meio da miseria crescente, eis o quadro de Lisboa durante longos annos. *Si* em vez de ficar encerrado no horizonte moral de um povo que não sentia a Arte (!), tendo que abrir caminho por si mesmo em todas as direcções do seu genio n'um circulo de ferro (!), Camões tivesse ido á Italia (!), e se houvesse misturado em Roma com os discipulos de Raphael (!), com os amigos de Ticiano (!), com os adoradores de Miguel Angelo (!), familiarizando-se com os frescos do Vaticano, e a tragedia humana da Sixtina (!), como elle não teria crescido pela Arte, e pela liberdade! (!) A obra prima estava em germen no sentimento, e elle que levou a patria comsigo para Macáo, a teria levado tambem para Roma... (!) A sua natureza poetica approximando-se da Grecia (!) teria sentido a acção eterna d'aquella patria do Bello, e quem sabe *si* além dos Lusiadas, que eram o peccado original (!) do seu genio, outras obras primas não teriam augmentado a sua influencia permanente sobre o espirito humano, e a herança immortal que nos deixou? »

« É ao (!) tempo que Luiz de Camões passou em Lisboa, admittido á intimidade da sociedade elegante e aos serões do Paço, que se prende o romance do amor que lhe inspirou D. Catherina de Athayde. »

« Os grandes poetas não parecem completos sem uma mulher que os acompanhe perante a historia. Só se comprehende que elles tenham inspiração, tendo amor. É uma illusão, senhores, do sentimento popular, mas, como qualquer outra é mulher a respeitar que a destruir (!). A illusão é uma parte de nós mesmo, e a melhor (!); não é possivel arrancal-a sem que no espaço que ella occupa fique um vazio que nada enche. » (!!)

Deixemos este vazio, que já enchi mais atraz, e voltemos ao torno do Poeta para analysarmos o torneado da construcção.

Primeiro a substancia grammatical; depois a logica da sentença:

« Não ha em torno do Poeta, nos primeiros annos da vida, senão pallidos reflexos da Renascença, que entretanto como o Sol que ao morrer converte toda a sua luz em côr, concentrava-se no intenso colorido Veneziano. »

Os—*pallidos reflexos da Renascença*—são o sugeito do verbo impessoal—*ha*—; *em torno do Poeta*—é o complemento circunstancial do logar onde não ha;—*nos primeiros annos da vida*—é o complemento circumstancial da occasião em que tudo isto se passa. E até aqui tudo está muito bem casado, em genero, numero, e correspondente *caso,* como mandava a nossa antiga madre igreja da Roma grammatical.

Mas, o—*que entretanto como o Sol que ao morrer converte toda a sua luz em côr, concentrava-se no intenso colorido Veneziano*—deixa-nos a ver gondolas em Veneza, e navios de *fundo chato* no *alto de Santa Cath'rina*, sem sabermos quem é o consignatario de um *que*, que mora no mais escandaloso communismo com outro *que* pertencente ao Sol, e sem percebermos, portanto, quem é o sugeito do verbo—*concentrava-se.*

E' o *torno do Poeta,* ou o Poeta do torno, o dono d'aquelle relativo?

São os *pallidos reflexos da Renascença*, ou a Renascença dos reflexos pallidos, que *concentrava-se?* Ou é o proprio Sol que, deitando abaixo as paredes-meias das virgulas, atropellou a propriedade alheia, como faz quando encontra *destelhados* os edificios das escolas de primeiras lettras?

Com certeza a grammatica do Sr. Dr. Nabuco tem os seus *ques* mal entendidos, que nem a bondade do respeitavel mestre Conego Dr. Fernandes Pinheiro deixaria passar sem quatro *RRRR* no Collegio de D. Pedro II, visto que S. Revma. a paginas 110 da sua *Grammatica* ensina a fugir do respectivo *solecismo* por modo muito airoso e honroso, que o Sr. Dr. Nabuco desprezou para cincar

por enfadonho, ou cahir em *vicio da oração* contra as regras da syntaxe, e com a circumstancia aggravante de peccar no solemne momento em que se apresentava como eximio mestre da lingua de Camões, e gladeador invencivel nos torneios da esgrima litteraria.

E' certamente lamentavel a triste figura do elegante mancebo encartuchado n'um fanado josesinho, mas imperdoavel esse ridiculo, visto que a *nobresa obriga* a metter-se em camisa de onze varas só quem tem sufficiente panno para mangas.

Do *Sol ao morrer*, da *côr convertida* e do *colorido Veneziano*, fallaremos lá mais ao pôr do Sol *vivo*, que nasce sempre, e que nunca *resussita*.

Talvez pareçam pedantescas e ridiculosas as minhas digressões grammaticaes pela ceára do Sr. Dr. Nabuco, mas nem essa, nem á feição acintosa póde imputar-se a quem não trata S. Ex. de — *banal* —, como escreveu o Sr. Theophilo Braga; nem lhe chama — *Apollo de gesso* —, como fez o Sr. José de Alencar; nem o appellida — *camalião nacional* —, como oiço chamar-lhe depois que procura metter os Estados-Unidos nos negocios do seu paiz, e zurze á meza da politica estrangeira os *estrangeiros* que trabalham no Brazil, e ajudam esta terra a dispensar na lavoura os braços de S. Ex. Se martello na construcção do obelisco, não é para deixal-o escavado em mero serviço de vandalicos desabafos. A demolição é por utilidade publica, no interesse da verdade, da justiça e dos creditos litterarios luzo-brazileiros, que o sympathico Sr. Joaquim Nabuco não póde representar em boa lingua de Camões.

Se nas fórmas litterarias está o criterio com que a Historia distingue as épocas, as phases, os periodos, os cyclos das revoluções dos tempos, e os gráus da illustração dos povos, poderia o discurso do Sr. Nabuco no futuro calumniar *officialmente* a litteratura do Brazil, que conta ainda sabios mestres com todos os foros de puristas severos e grammatistas rigorosos; mestres que

eu conheço e reconheço, que eu respeito e considero, como discipulo que muito estimaria fazer-lhes honra. Portanto, seja embora doloroso, é forçoso desencapellar a borla do — *non plus ultra* — com que o Sr. Joaquim C. Ramalho Ortigão, graduou em *claustro pleno* de compadres-ethnophronos o Sr. Dr. Joaquim Aurelio Nabuco d'Araujo.

Joaquim Ortigão, que actualmente aspira ao logar *d'alcaide-mór* d'esta praça colonial, subornado pelo *valor* da dedicatoria do *discurso-chavão*, e talvez fascinado por uma sonhada carta de conselho, entregou ao despojador da nossa autonomia litteraria as chaves da cidadella com o mais cynico desprezo pelas cinzas gloriosas do fiel Martim de Freitas! E Joaquim Nabuco, que na actualidade pretende ser o *menino bonito* d'este Imperio, enlevado pela acclamação d'uma plebe litterata, e allucinado, quiçá, por um titulo de conselheiro em litteratura, fez d'um anspeçada um general, e d'esse biscoito uma *particula ethenica,* onde encerrou com o desdem do maior *philosopho* o corpo inteiro da directoria do Gabinete de Leitura e de toda a colonia portugueza que vagueia por estas terras!! Era, pois, mister desalojar o usurpador de nosso territorio, e punir o *peculador* que, sobre o abuso de confiança como chaveiro do castello, incorreu nas penas de concussão aceitando uma dedicatoria inteira, a que tinha, quando muito só um quinto do direito pela sua quinta parte de director da communa. Nem era possivel escurecer o commettimento da deslealdade patriotica, quando um de seus proprios irmãos illuminava o tribunal do jury com o facho do ardente patriotismo.

O elegante escriptor Ramalho Ortigão, *José*, que conserva ainda no fundo d'alma as puras tradicções do honrado e venerando Ortigão, pai; d'esse cidadão illustrado e de consciencia nacional incorruptivel, que no seu *Collegio da Lapa* a tantos mancebos ensinou a ler os *Lusiadas* e a traduzir em eloquentes phrases do co-

ração: —*Esta é a ditosa patria minha amada*,—ajudou como bondoso *Abel*, a pôr em relevo a perversidade do réprobo *Caim*. Quando o *mano* Joaquim traficava no Brazil a dignidade e capacidade portugueza, escrevia em Portugal o irmão José esta magnifica apophthegma de protestação.

« Os *Lusiadas* são a pedra monumental sob que jaz a gloria da patria, e é n'essa pedra que terão de vir afiar as suas espadas de combate todos aquelles que se armarem para resistir a esta invasão temivel com que luctamos e que se chama — a decademia. »

Para o irmão José têm os *Lusiadas* aquella applicação honrosa e sublime.

Para o *mano* Joaquim são os *Lusiadas* a pedra d'aguçar a faca do sicario nacional que combate pela decadencia dos patricios ! Para o apostolo leal ao *Christo* da patria não podem, pois, os *Lusiadas* deixar de ser a pedra de afiar a espada, que tem de deitar abaixo a orelha do phariseu !

Mas que disse eu agora, oh ! Rei dos Judas ? ! Que terrivel preceito recordei, oh ! Redemptor ? ! — *Tem-te, Pedro ! Quem com ferro mata, com ferro morre !* — E Christo nunca mentio com as suas predições ! Alto, pois, á banca das orelhas, que os castigos do Ceu fazem tremer. Préguemos o evangelho da religião nacional, mas com humildade christã, e de olhos postos nos tormentos que Christo padeceu para ensinar-nos a perdoar aos que não sabem o que fazem. O leitor julgará d'aqui por diante os peccados dos inconoclastas da patria, e a falsa doutrina dos idolatras cosmopolitas, que nem a Cezar nem a Deus querem dar o que é do seu dono, sem que eu lhes faça a maior carga. De grammatica torta. . . . nem mais palavra, porque tambem tenho orelhas, e preciso d'ellas para o serviço da auscultação. De heresias patrioticas. . . vista ao ministerio publico da nacionalidade, que fará o seu dever. De blasphemias historicas e apre-

ciações calumniosas... remetter ós autos ao supremo tribunal de justiça da critica, acompanhados apenas dos articulados exigidos pelas formalidades do processo, e aguardar o — *fiat justitia*.

A respeito de substantivos em connexão ou correlação *ás tres pancadas*... o dito, dito : — ponto em bocca. Sobre collocação dos adjectivos relativamente aos sujeitos de que são attributos e que mais parecem *chefes* que *subordinados*,.... idem, idem : — bico, bico.

Apenas recordarei na despedida da vizita á sra. *Grammatica*, as melodias da palmatoria com que ella faz cantar em prosa e verso a igualdade da preposição portugueza — *de* — com o *caso do genitivo* dos *Horacios*, que no espirito das leis da *Regencia* é representado por esta eloquente figura de *Rhetorica:* — ,, O genitivo, senhores estudantes, é como a mulher e o freio do cavallo : — aperta —, comprime —, e restringe a significação do sujeito. — *Ergo,* logo, por consequencia, segue-se que não póde nunca — jámais interromper-se-lhes a continuidade do contacto, sem que Deus, ou o diabo, mettido no meio d'elles, escangalhe a igrejinha da *Concordancia* —. ,,

Dadas por findas as impertinencias da syntaxe, passemos ao introito das *affirmações gloriosissimas* que o Sr. Theophilo Braga descobrio na *alevantada eloquencia* do Sr. Joaquim Nabuco.

De minimis non curat pretor diziam nossos avós para justificarem o desprezo a que botavam as bagatelas da circumfusa. Do mesmo modo procedeu o Sr. Theophilo Braga, não curando da *minima* grammatica do Sr. Dr. Nabuco. Será, pois, mesmo plebeismo da minha parte occupar-me com as ninharias que não sobem ao patamar do curso superior de lettras. E como tambem aspiro á nobreza dos *positivistas,* volto as costas ao *peão* do B—A—BA, e declaro que não quero bater-me senão com *fidalgos* da alta republica lexicologica. Quando o sol nasce é para todos; e princi-

palmente n'estes tempos em que elle já não *morre,* nem converte toda a sua luz em côr para monopolio do *colorido Veneziano*, como fazia n'outros tempos, segundo prégou o Sr. Dr. Joaquim Nabuco.

O Sr. J. M. Velho da Silva na sua *Apreciação Litteraria* ao EURICO de Alexandre Herculano, cuja edição foi impressa n'esta cidade em 1877, diz na sua pagina 6ª:

« Fixada a syntaxe de uma lingua, ninguem a
« póde alterar; augmente-se embora o seu vocabula-
« lario, modifiquem os sons, innovem algumas de suas
« fórmas, a syntaxe é immutavel, e se assim não for,
« a lingua deixa de ser a mesma. »

Terá, portanto, o Sr. Velho da Silva a bondade de meu defensor que o caso pedir, se alguem tentar apedrejar-me por necromante dos preceitos — avoengos.



V

Camões e a canalha do seu tempo

Para complemento do libello intentado pelo Sr. Dr. Nabuco contra a honra de Portugal e do Camões, transcreverei, antes da respectiva réplica, o pedaço, que começa na pagina 15 da referida *alevantada eloquencia*, pelo teôr seguinte e conseguinte amabilidade:

« No meio da depravação dos costumes (!), da sede de dinheiro (!), da ausencia completa de qualquer especie de moral (!), ninguem podia escapar ao envenenamento produzido pela decomposição do Dominio Portuguez na India (!). Camões não era asceta, nem excentrico (!); misturava-se livremente com a sociedade que o cercava (!); não era nem puritano, nem hypocrita (!), e não tinha esse poder de isolação que permitte aos fortes e aos escolhidos conservarem-se alheios ao meio no qual vivem, interiormente extranhos ao movimento de que fazem parte (!!!).

« *Si* o homem, porem, adaptou-se sem velleidade de resistencia, e sem constrangimento de vontade, á decadencia sem nenhum reflexo de Ideal (!), de Arte (!) ou de nobreza (!), da vida militar na India, o Poeta, pelo contrario, com a mesma expontaneidade (!) reagio, traçou um circulo de heroismo em torno de si; creou na patria um isolamento para o seo genio (!), e compoz os *Lusiadas*, escrevendo cada novo Canto obrigado pela emoção de que o enchia o Canto que havia acabado (!). E' assim a obra da arte (!); ella força o artista a não a deixar incompleta, e o faz sentir como Cesar (!), o qual fez da ambição uma arte, que nada está feito emquanto resta alguma cousa por fazer (!!!). *Si* não fosse assim, quantas obras primas não ficariam, como o S. Matheus de Miguel Angelo, metade na pedra, metade no genio do esculptor? Mil vezes antes para uma obra de arte ficar eternamente mutilada, como as estatuas gregas, do que eternamente incompleta (!).

« Na partida de Camões para a India devemos vêr, senhores, como quer que o chamemos, o acaso intelligente (!) que leva o artista *á* collocar-se, sem que o saiba (!), e ás vezes contra a sua vontade, nas condições unicas em que lhe é possivel produzir a obra que será a medida do seo genio (!).

« Á bordo da náu que o levava, Camões repetio, como tantos outros que não conhecem o seu proprio desinteresse, nem a sua dedicação (!): — « Ingrata Patria! Não possuirás os meus ossos. » *Non possidebis ossa mea.* São as palavras do Scipião. « Ingrata Patria! » *Parva mater amoris*, mãe de pouco amor, como chamava Dante á Florença, etc., etc., etc. »

O leitor comprehendeu todo este sarapatel? Pois, nem eu nem minha avó torta! O que percebi melhor, é que:

Parvus, parva, parvum declina-se por *Justus, justa, justum!*

Justo é pois que ajustemos as nossas contas sem polemica, e que descontemos as injustiças apresentadas contra

os nossos ascendentes na conta corrente dos cheques, que nos causaram choques pouco *chiques*.

Coragem! E avante, bondoso leitor d'esta estopada!

Na penultima linha da sua pagina 16 prosegue o Sr Dr. Nabuco:

« Em Lisboa, com as occupações insignificantes, mas forçadas, da vida da Côrte, com as pequenas conspirações da inveja, e as feridas do amor proprio, com o espirito alegre, sociavel, e superficial (!), como é preciso ter nas salas (!) (as damas que agradeçam), com a intervenção benevola (!) da Inquisição e dos Jesuitas, o que teriam sido os Lusiadas?

« Foi no Oriente, em Macáu, senhores, n'essa gruta, á qual prende-se a devoção dos seculos, collocado n'uma das extremidades d'essa enorme têa, que dava *á* Portugal o direito de ser chamado antes da Hollanda, *a aranha dos mares*, foi no Oriente que a patria appareceu *á* Camões como uma entidade diversa de tudo o que elle havia até então confundido com ella. (!)

« O fetchista tornou-se pantheista. (!) A historia nacional se lhe representou ao espirito como a vida phenomenal de uma substancia quasi divina e eterna. »

Depois de umas cousas que deitámos fóra, e de outras que guardámos para mais tarde saboriarmos, continua o Sr. Dr. Nabuco na pagina 20 o seu elogio funebre n'estes termos:

« Portugal, senhores, podia ter tido uma vida modesta; preferiu porem n'um dia encher o mundo e a posteridade com o seu nome.

« Um principe de genio da casa de Aviz teve a intuição da missão historica, da sua patria, o Infante Dom Henrique. (!)

« A' beira do mar, (?) ás vezes azul, (?) unido, (?) luminoso, (?) attrahindo mais e mais com a sua calma, (?) com o seu silencio, (?) e o seu horizonte (?) a vela do

pescador; (?) ás vezes revolto, cahotico e infernal, querendo tudo destruir; (?) Portugal não podia escapar á irresistivel fascinação do desconhecido, a cuja borda elle estava inclinado. O que podia haver alem de tão terrivel? A morte? Mas quando a morte certa, e inevitavel mesmo, impediu a nossa especie de realisar um desejo, de satisfazer um capricho, de descobrir uma verdade, de affirmar um principio! (!) Portugal obedecia *á* essa força centrifuga que impelle as nações maritimas *á* apoderarem-se do mar na canôa do selvagem do Pacifico, (!) ou na galera de Colombo, e a fructificarem ao longo das costas fronteiras, qualquer que seja a distancia. (!)

« Nada porem se faz de grande sem um consideravel emprego da energia lentamente accumulada no individuo ou na raça, e a energia que Portugal despendeu foi muito superior á que o seu organismo podia produzir sem aniquilar-se.

« O seo destino pode ser comparado ao dessas aves aquaticas que habitam os rochedos do Oceano.. (!) Um instincto insaciavel (!) o levava para os mares desconhecidos do Sul (!); a loucura do descobrimento (!) apoderou-se delle, e, como essas aves de que eu fallo, quando depois de ter voado sobre os mares descobertos e os mundos novos, elle quiz voltar ao seo rochedo, ao seo ninho de pedra (!), o organismo estava exhausto, as forças o trahiram, e abrindo as grandes azas que o tinham levado á India e trazido á America, elle soltou o grito estridente, que repercutem os *Lusiadas*, e cahiu extenuado sobre as ondas! (!).

« Esse momento unico, (!) porém o, torna tão grande como a Hollanda, como a Inglaterra, como a Hespanha, (!!!) e desse (!) momento, depois do qual a Conquista consome as forças criadas, as quaes só mais tarde hão de ser reparadas pela colonisação, Luiz de Camões foi o poeta.

« Entretanto, apezar de serem os *Lusiadas* a mais ele-

vada expressão artistica da Patria, a Nação não cooperou nelles (!) não ajudou o Poeta a deifical-a, e recebeo com indifferença o Peoma. Camões, que havia cantado para ter um premio nacional (!) como elle proprio o diz :

Que não é premio v l ser conhecido
Por um pregão do ninho meu paterno,

reconhece na conclusão da sua empreza que esse premio Portugal não o podia dar. » (!)

Basta, leitor complascente ! Faça alto e frente á retaguarda ! Depois de uma semelhante refrega é myster voltar ao campo da batalha par enterrar os mortos e cuidar dos vivos !

A carnificina do Sr. Dr. Nabuco foi de arrasar clero, nobreza, e povo, sem poupar *nem Rei*, *nem Roque !* Sansão a matar philisteus com a queixada de burro, foi menes heróe que o Sr. Dr. Nabuco a matar portuguezes com a penna de sabio ! Das grandezas de Portugal arrastadas pelas ruas da amargura com as sublimidades de do Camões-vulgar, interesseiro e devasso, ahi vai o que escapou :

Morticinio dos judeus — trafico de escravos — Inquisição com os seus autos de Fé —intrigas Hespanholas— despotismo grosseiro de um rei fanatisado pelos Jesuitas — pestes que se repetem — alegria que desapparece no meio da miseria crescente — horizonte moral de um povo que não sentia a Arte — depravação dos costumes — sêde de dinheiro — ausencia completa de qualquer especie de moral — envenenamento produzido pela decomposição do Dominio Portuguez na India — decadencia sem nehum reflexo de Ideal, de Arte ou de nobreza — loucura do descobrlmento — destino comparado ao das aves aquaticas — quéda sobre as ondas — momento unico que o torna tão grande como a Hollanda, como a Inglaterra, como a Hespanha. (!!!!!!!!!!!!!!!!!!)

E' este o rosario das amabilidades que o Sr. Dr. Nabuco distribuio no jubilêo da nossa religião politica! São estas as lindas flôres com que S. Ex. matisou o altar da nossa patria! São estes os elogios que o galante orador da nossa festa nacional despejou no templo da nossa historia brilhante!

Nunca em verso ou prosa laudatoria ás miserias dos portuguezes alguem excedeu o Sr. Dr. Nabuco! Como orador escolhido a dedo para defender os portuguezes do delicto do vituperio, e louvar-lhes com bôcca alheia os illustres feitos nacionaes, foi assombroso na *tropo-sinthese* da exclamação (que elidio por *corriqueira*):—

Cesse tudo o que a Musa antigua canta,
Que outro valor mais alto se alevanta. (!!!)

Ninguem transforma melhor um panegyrico em sermão de lagrimas para apostrophar os impios que mataram o seu Deus!

Só faltou chamar-lhes:—*cães de Niza*, e *perros d'Arrifana!* ..

A catadupa de louvores foi obra desenganada! O *Soldado pratico* de Diogo do Couto *desenganou* menos que o Sr. Dr. Nabuco!

A's bellezas da *Rhetorica* encomiastica faltou apenas accrescentar:—que os portuguezes das nossas glorias, que os heróes da nossa admiração, que os *Barões assignalados* da nossa Epopéa tinham sarna estoica, piôlhos virtuosos, lepra veneranda, e que, limpos como os *porcos* de Byron, viviam identificados com a *fedorenta* Lisboa de Ratton na *cidade do inferno* de Cleynarts!

O caracter nacional dos portuguezes representados pelo Sr. Nabuco em phrases de official elogio consiste na estupidez! na pobreza! na avareza! na corrupção! no roubo! no assassinio, e em tudo o mais que Mafoma não disse do toucinho! E Camões não *era asceta*, *nem excentrico*, *misturava-se livremente com a sociedade que o cercava; não*

era nem puritano, nem hypocrita, e não tinha esse poder de isolação que permitte aos fortes e aos escolhidos (como o Sr. Dr. Nabuco entre os capoeiras do Brazil) *conservarem-se alheios ao meio no qual vivem, inteiramente extranhos ao movimento de que fazem parte. (!!!)*

Ahi tendes, oh! devotos de Camões, a moral da canalha dos Lusos, e o reflexo do autor dos *Luziadas*,—*que eram o peccado original do seu genio!*

Meu Deus, perdoai-lhe! Tambem assim cospiram na face do Vosso Filho! Tambem assim padeceu affrontas o nosso Divino Mestre!

Portugal comparado *ás aves aquaticas* e cahido *extenuado sobre as ondas* teve um *momento unico que o tornou tão grande* como a Hollanda! como a Inglaterra! e como a Hespanha!

Como a Hespanha! que mais de dois seculos gasta ainda para varrer do solo da patria as legiões invasoras dos musulmanos, depois que em Portugal não se arvora mais o guião mourisco! Como a Hespanha! que ainda em 1610 disputa aos agarenos a paz christã de Granada, quando já em 1415 Portugal tem levado a guerra á Mauritania e hasteia em Ceuta o pendão das Quinas!

Como a Inglaterra! que só 93 annos depois de Portugal ter aberto o caminho da India ella foi ver o imperio que uma princeza portugueza havia de levar-lhe em dote! Como a Hollanda! que gastou 97 annos para aprender a carreira ensinada por Vasco da Gama, e que nunca conseguio *estrumar* as suas grandezas com o *guano* do Brazil que o *passaro* portuguez produzio n'esta vasta região, cobrindo-a e defendendo-a em toda a superficie, que conta 4,000 milhas de litoral, que mede 5.053,240 quadradas de area continental, e que pesa 1/15 de todo o globo terraqueo!

Mas o Sr. Dr. Nabuco fabricou até anachronismos para invectivar Portugal e depreciar o caracter do seu Camões!

O morticinio dos Judeus em Portugal foi em 1506, sessenta e seis annos antes do *S. Bartholomeu* da França

(que o Sr. Nabuco calou por conveniencias da sua accusação) e alguns lustros antes de Camões ter nascido; o que faz recordar a moralidade da fabula em que o manso cordeiro disse ao lobo carnivoro — *nondus erat natus!*

Os cataclysmos de toda a especie, incluindo os terramotos, não aniquilaram Portugal antes da jornada de Alcacer-Kibir em 1578, e os *Lusiadas* já corriam impressos sem essas *más impressões* no espirito de Camões desde 1572! Já Camões jazia no misero catre, quando Portugal, cingido pelas serpentes invasoras que desceram da Hespanha, cahio como Laocoonte em desesperadas contorsõos.

O horizonte moral do povo, que não *sentia a Arte* na época em que foram escriptos os *Lusiadas*, não era tão curto, que não chegasse para sustentar em activo negocio só em Lisboa — 5 imprensas — 54 livreiros — 47 desenhadores — 10 cartographos — 7 mestres de grammatica — 34 de ensinar a ler — 13 escolas de musica — 14 de dansa — 76 pintores — 32 lapidarios — 420 ourives — 6 banqueiros — 28 commerciantes de seda e 60 de pannos por atacado — 30 corretores — 458 commerciantes de diversos objectos — 620 negociantes a retalho, sem fallarmos dos afamados serigueiros e bordadores, dos armeiros das rijas temperas, e de outros notaveis industriaes mencionados na estatistica publicada em 1550, que tanta admiração causou a Mr. Raoul de Navery ao vêr a lista dos homens das sciencias e das artes da Edade-media de Portugal, no mesmo momento em que o Sr. Dr. Nabuco nem das *Escolas Geraes* fundadas já em 1289 fazia a justa e honrosa menção!

A *miseria crescente* do povo traficante de ascravos, inquisidor, devasso, avaro, envenenado pela podridão da ignorancia e da desmoralisacão, *sem nenhum reflexo de Ideal, de Arte ou de nobreza,* fez em 1514 repicar os sinos da Roma opulenta em louvor da faustosa e deslumbrante riqueza do monarcha portuguez, que mandára Tris-

tão da Cunha hysopar com a tromba selvatica d'um elephante as sagradas ventas de Leão X!

A *séde de dinheiro* não foi o que desmoralisou nem embruteceu o Portugal horrendo do panegyrista camoneano! Quando Lisboa era o emporio do commercio de toda a Europa, tinha ella as virtudes civicas da Carthago antiga ou da Londres moderna, e o tal *colorido veneziano* do Sr. Dr. Nabuco.

As preciosidades do Oriente e as bellezas do Occidente eram baptizadas nas aguas do Tejo, e Portugal ficava sabendo, pelo menos, que destino levavam e que applicação tinham no mundo das artes e das sciencias! E este periodo brilhante de riqueza, de intelligencia e de prestigio começou antes de nascer Camões, e durou até os seus ultimos dias!

Não pódem, pois, sinceramente marear-se as legitimas excellencias do povo cantado nos Lusiadas, nem as verdadeiras impressões encomiasticas do seu eximio cantor, com os salpicos da vaga tempestuosa que mais tarde ameaçou submergir os domadores do *Gigante Adamastor!* Não pódem, conseguintemente, de boa fé deslustrar-se as virtudes civicas, nem os feitos heroicos, dos que no mar revolto do obscurantismo antigo navegaram de pròa arfada para o pharol da civilisação moderna!

Portugal teve reis avaros e prodigos, loucos e sensatos, castos e molherengos, intelligentes e estupidos, cavalheirosos e assassinos, tyrannos e justiceiros, duros e brandos, *cosidos* e *crús*, que davam pão e páu e que faziam *fraca a forte gente*, que bailavam nas ruas e regiam nos paços, que sahiam das comesainas profanas e entravam nos agápes religiosos; teve clero humilde e arrogante, ordeiro e desordeiro, honrado e rapinante, pudíco e impudíco, ignorante e sabio, bondoso e perverso, sincero e mentiroso, digno e indigno; teve nobreza rica e pobre, illustrada e inculta, affavel e brutal, honesta e viciosa, proba e defraudadora, leal e traidora, covarde e destemida; teve povo sagaz e bruto,

instruido e analphabeto, altivo e humilde, fanatico e sceptico, autómano e autócrata, que gemia sob a tyrania dos reis e que desfazia o despotismo das monarchias;

« A rei não obedece, nem consente
« Que não fôr mais que todos excellente.

Teve, finalmente, de tudo como na botica que recebia as drogas do laboratorio da Edade-média preparadas para o consummo commum de todas as raças acampadas na Europa d'aquelles tempos.

Mas, a mais dos outros povos, teve uma—edade heroica—, unica na historia do mundo conhecido, que o Sr. Nabuco ignora ou faz que desconhece para *poupar* os portuguezes ás gratas commoções que lhes produzem na alma os elogios feitos á sua patria!

Eu não me propuz fazer um livro de Historia de Portugal, nem tenho pretenções de ensinal-a ao talentoso panegyrista; mas preciso ferir os pontos do despropositado anachronismo, commettido intencionalmente, ao que parece, para enfeixar-se tudo quanto houve de ruim nos portuguezes, e dizer-lhes que a sua gloriosa historia jaz sepulta em chimericas phantasias, amortalhada nas patrioticas illusões dos nescios que têm feito de um argueiro um cavalleiro!

Por nenhuma face nova, a não ser a sua grammatica, encarou o Sr. Nabuco a essencia do Camões; por todas as faces velhas, incluindo a iniqua apreciação, olhou o notavel orador a deficiencia dos portuguezes!

« *Si*, em vez de ficar encerrado no horizonte moral
« de um povo que não sentia a Arte (!), tendo que
« abrir caminho por si mesmo em todas as direcções do
« seu genio n'um circulo de ferro (!), Camões tivesse
« ido á Italia (!), e se houvesse misturado em Roma
« com os discipulos de Raphael (!), com os amigos de
« Ticiano (!), com os adoradores de Miguel Angelo (!),

« familiarizando-se com os frescos do Vaticano (!), e a « tragedia humana da Sixtina (!); como elle não teria « crescido pela Arte e pela Liberdade! (!!!) »

Que horror! E que *alevantada eloquencia* para o Sr. Theophilo Braga!

D'estes galanteios é que o Sr. Dr. Nabuco envia a Portugal e a Camões n'um pedaço da sua pagina 13, acrescentando mais n'outro da 21, para fazer sobresahir a grandeza da *banalidade* com que admira o arrojo *trivial* dos navegadores portuguezes, esta lisongeira galanteria:

« Portugal obdecia *á* essa força centrifuga que impelle as nações maritimas *á* apoderarem-se do mar na canôa do selvagem do Pacifico (!), ou na galera de Colombo (!), e a fructificarem ao longo das costas fronteiras (!), qualquer que seja a distancia. » (!)

Ninguem tinha dito semelhantes coisas até hoje em honra e louvor da audacia portugueza *por mares nunca d'antes navegados*, nem sonhado com a falta dos discipulos de Raphael, dos amigos do Ticiano, dos adoradores de Miguel Angelo, dos frescos do Vaticano, e da tragedia humana da Sixtina para Camões poder ser um *grande homem* crescido pela Arte, e pela liberdade! Temos, pois, que fazer replica severa ao libello do Sr. Dr. Nabuco, para que não còrra á revelia o seu processo difamatorio. Depois dos meus pobres articulados offerecerei ricos depoimentos de testemunhas idoneas, que farão dar por não provadas as bases da aleivosa accusação.

Os portuguezes, forçaram as portas do lymbo do Oriente, e rasgaram nas muralhas da tenebrosa Edademedia francas janellas por onde começou a circular desafogadamente a luz e ar benefico da Renascença, e d'onde a valetudinaria Europa, na convalescença da longa enfermidade que a entorpecera, admirava debruçada sobre

a sacada da occidental praia lusitana os segredos das terras incognitas e os mysterios dos mares desconhecidos que Portugal arrancava ás ondas tormentosas na vasta amplidão do mundo novo. E o mundo inteiro ficou devendo para sempre á temeridade lusa e á dedicação heroica dos lusitanos os primeiros trabalhos de saneamento do charco infecto, em que jaziam todos os povos mergulhados na podridão dos seus costumes.

Na alma portugueza, dizem os illustrados criticos da nossa historia, não esteve o deus da ganancia, como estivera na alma de Carthago, na de Roma, e na de Veneza. O espirito nacional fôra formado pela religião e pela cavallaria entre o terror das batalhas e no meio das angustias da fome. Conquistar, dominar, avassalar, e civilisar era o principal movel dos portuguezes, que sonhavam em reproduzir os Romanos na força das suas armas, e os Gregos na sabedoria das suas lettras, deixando o coração na patria, e levando os olhos em Deus, que os illuminava na sua marcha triumphal.

E' certo que elles não se forraram aos desmandos das conquistas na carnificina e no sangue. Mas, em que historia do velho e novo mundo póde ler-se outro procedimento dos invasores em territorios occupados ou conquistados? Morreria, por ventura, o proprio *Catão Censor*, puro d'esses peccados mortaes do assassinio e do roubo, se elle houvera podido realizar a sua idéa fixa no — *Delenda Carthago* —: o seu pensamento constante de ver destruir e arrazar a florescente republica só porque lhe fazia sombra a sua rival prosperidade?

O que fizeram na Europa os *barbaros* do Sul e os *vandalos* do Norte? O que fizeram por toda a parte os soldados dos Alexandres, dos Cesares, dos Carlos, dos Philippes, dos Fredericos, dos Nicoláos, dos Napoleões, *Grandes e pequenos?* O mesmo que fez hontem a Prussia na França, e o Brazil no Paraguay; o mesmo que faz hoje o Chile no Perú e a Inglaterra na Asia, na Africa, e até dentro do seu *Reino-Unido* — na desgraçada Irlanda!

Portugal voou e revoou com as azas da fama por toda a superficie dos mares, mas não cahio extenuado como as aves aquaticas do Sr. Nabuco a que o *instincto insaciavel* e a *loucura do descobrimento* tinham exhausto as forças!

Cahio como o cedro do Libano derribado pelo machado fatal do tempo!

Cahio como um Titan a escalar os Céus mordido pela serpente de Saturno, que será eternamente o circulo vicioso em que a Natureza, pela lei universal das vicissitudes, faz girar os seres do Universo!

Cahio como a Roma soberba de Tarquinio! como a Roma ambiciosa de Julio Cesar! como a Roma millionaria de Paulo Emilio! como a Roma cubiçosa dos Scipiões! como a Roma severa de Alexandre! como a Roma devassa de Galliano! como a Roma incestuosa de Caligula! como a Roma embriagada de Mario! como a Roma feroz de Nero!

Foi assim que Portugal cahio, e não sobre o rochedo deserto do Oceano indomito, mas sobre o povoado do mundo que ajudára a civilisar!

Cahio como a Roma das grandezas historicas, e como a Grecia das lendas mythicas! E, se Portugal cahio na pobreza e Camões morreu na miseria, ficou reproduzida a ruina do guerreiro Imperio Romano, e copiada a decadencia do sabio Dominio Grego!

O *Hercules* romano baqueou-se aos pés dos *Attilas*, dos *Odoacros* e dos *Gensericos* cobrindo a nudez com a tunica esfarrapada dos *Nessos* vencedores! E a *Minerva* grega apeou-se do seu altivo pedestal para ver passar o seu Homero, mais velho e mais cego do que o Camões, esmolando de porta em porta o pão da mais ingrata patria até o ultimo suspiro da vida que o tornou immortal!

Portugal *não sentia a Arte,* mas sentia a Natureza! Não phantasiava mythos, mas produzia realidades! Não sabia pintar elephantes como os *discipulos de Raphael*, mas sabia domestical-os na Asia e montal-os em Roma

para Giovano da Udina poder refrescar os *frescos do Vaticano!* Não sabia pintar as *Baccanaes em Ferrara* como Ticiano, nem as *Bambochatas de Napoles* como Miguel Angelo, mas sabia ver os *Pagodes* na India e visitar Venus na *Ilha dos Amores!* Não sabia familiarisar-se com a *tragedia humana da Sixtina*, mas sabia identificar-se com a tragedia sobrehumana do *Adamastor!* Não sabia *imitar servilmente*, como a França e a Italia, os monumentos gregos e romanos, segundo diz o Sr. Dr. Theophilo Braga (1), mas sabia fazer com verdadeira originalidade o *gothico flammejante*, o *gothico florido* — o *gothico manoelino* —, e ornamentar com elle o velho padrão de Aljobarrota, e o monumento do novo caminho do Oriente!

Portugal não sabia pintar na téla ideias abstractas! Sabia escrever na pedra ideias fixas para commemoração dos seus feitos! E Portugal no *circulo de ferro* do Sr. Dr. Nabuco foi quem primeiro despertou da somnolencia medieva, dizem e provam os commentarios da Historia.

« Emquanto os potentados e senhores estão exhaurindo em lutas fratricidas o vigor no seio da christandade, sem ao menos suspeitar que ha mundo além das fronteiras europeas, está o pequeno Portugal traçando a empreza mais brilhante, e a poder da heroica perseverança, levando ao cabo os seus descobrimentos de além mar. Principia guerreando na Mauritania, e acaba o primeiro acto do seu drama guerreiro e navegador pela ousada expedição de Vasco da Gama.

« Portugal, que até então se constituira para si proprio, vae agora servir a humanidade e abrir a edade moderna e a civilisação novissima por um d'estes feitos immortaes, que podem evocar de novo aos cantos epicos a emmudecida tuba da epopéa. »

LATINO COELHO.

---

(1) Th. Braga: Historia de Camões, Parte 1.ª, pag. 28.

. . . . , ...

« Decididamente Portugal estava sendo o confidente da Providencia. Era elle o abençoado pescador, que, a cada rêde lançada na vasta amplitude dos mares, colhia nas malhas da sua intemerata audacia, já uma ilha, já um continente! Era o mergulhador sublime que immergindo, sem impallidecer, nas profundidades do horizonte, arrancava de lá, como o pescador de Ceylão as perolas diaphanas, mundos juvenis, essas perolas do desconhecido.

. . . .

« Hoje Levingstone póde percorrer os desertos africanos, explorar o prolongamento das terras conhecidas, Cameron póde preencher as lacúnas, deixadas no mappa entre a costa occidental da Africa, Bruce, Speke e Grant pódem encontrar mais uma catarata ao Nilo, mais um lago que elle atravessa, mais um monte por cujas faldas desaba um novo affluente; Stanley pode seguir até ás suas fontes o Zaire amplo e torrencial, e determinar, entre o labyrintho de correntes de agua que se cruzam no centro da Africa, a individualidade do grande rio; Dumont d'Urville, Ross, Mac-Clure, Franklin, os capitães do Alert e do Discovery, pódem juntar mais um pedaço de gelo aos montes gelados que marcam ao norte e ao sul os confins do nosso planeta, mas esse prazer supremo, olympico, de vaguear em mares desconhecidos, mas resplandecentes, de dia aos raios do sol equatorial, á noite com as trémulas scintillações da ardentia—esse luar das vagas, e ver surgir de subito, como ao toque de magica varinha, um novo continente em toda a immaculada flôr da sua existencia, um mundo fresco, viçoso, conservando intacto o signal das mãos do Omnipotente, ver apparecer, saindo das aguas, como a Venus Aphrodita da espuma jonia, com as verdes tranças dos arvoredos soltas sobre as espaduas das montanhas, com a fronte cingida de grinaldas de bromelias escarlates, como as noivas virginaes com as alvas coròas de flòr de larangeira,

uma terra virgem que ri ao sol de Deus e offerece ao homem a luxuriante fecundidade das suas entranhas! desembarcar no meio d'essa paizagem mil vezes mais maravilhosa do que as sonhavam Tasso, Ariosto e Camões para os seus jardins de Armida ou de Alcina, ou para a sua ilha dos Amores!...

. . . , ... , ...

. . . .

Nós, com o trabalho de um seculo, implantámos profundamente no coração da Abyssinia, no coração da China, a civilisação européa. Os que vieram depois de nós nem fizeram obra nova, nem conseguiram apagar os vestigios do que deixáramos incompleto, pela fatalidade da evolução politica de que resultou a nossa decadencia nacional. E' que só o enthusiasmo funda imperios ou produz acções heroicas, e o enthusiasmo só se accende nos corações inflammados pelas idéas grandiosas, e pelos generosos affectos. O sentimento religioso, essa effusão sublime do espirito humano, o amor da patria, essa synthese ardente de todas as affeições mais intimas e mais profundas do coração do homem, valem mais para inspirar grandes feitos do que o vago humanitarismo dos philanthropos associados com estatutos e quota mensal, e do que o espirito commerciante dos *commis-voyageurs* scientificos que procuram novos mercados para as manufacturas européas.

Pinheiro Chagas.

. . , ...

« Este pequeno povo de heroes abroquelou impavido a Europa das invasões do islamismo emquanto as nações cegas se debatiam em guerras fratricidas.

. , ... , ... , ...

« Foi ao valor e virtudes patrioticas dos seus monarchas; á nobre ambição em estender os limites do acanhado terreno que herdaram; á illustrada educação, amor

da patria, o espirito do cavallaria de seus principes; aos nobres estimulos de uma aristocracia illustre pelo valor e sciencia; á intrepidez, dedicação e perseverança na empreza do mais nobre povo do universo; foi a todos os filhos de Portugal, nobres e peões, que á porfia misturavam o seu sangue com nobre emulação para o engrandecimento da patria, que esta nação deveu primar entre todas as da terra, sendo outr'ora o pasmo e admiração dos estrangeiros. »

VISCONDE DE JUROMENHA.

Basta por agora. Não irei acordar os mortos que dormem tranquillos no pantheon da nossa litteratura ; nem chamar a juizo todos os vivos que tem feito esclarecimentos para a instrucção d'este processo ; e muito menos irei incommodar os oito couraceiros que, perfilados sobre o pedestal da estatua do seu Principe, o defendem da *eloquencia alevantada* do Sr. Dr. Nabuco, formando o *circulo de ferro* que o encerrava no *horizonte moral de um povo que não sentia a Arte* ! Tenho medo que essas *feras, criadas no meio da depravação dos costumes, da sêde de dinheiro, da ausencia completa de qualquer especie de moral,* ensinem ao Sr. Theophilo Braga o que são *affirmações gloriosissimas* para o passado, presente e futuro de Portugal !

Que esses *desgraçados* avós não saibam o que alguns *afortunados* nettos dizem d'elles ! Que esses *miseraveis* patricios ignorem o que certos *cavalleirosos* plebeus lhes atiram á face *ignobil !*

E peço ao magnanimo leitor que, se alguma vez passar pelo velho Largo do Loreto a fallar d'estas ignominias, mude de conversa, para que não córe a pedra lioz da cara d'essas oito *vergonhas,* que attestam ao mundo a verdade com que Luiz de Camões: —*não era asceta, nem excentrico; misturava-se livremente com a sociedade que o cercava; não era nem puritano, nem hy-*

pocrita, e não tinha esse poder de isolação que permitte aos fortes e aos escolhidos conservarem-se alheios ao meio no qual vivem, interiormente extranhos ao movimento de que fazem parte—. (!!!!!!!!)

Representam estes oito pontos de admiração os oito perversos mais notaveis da quadrilha de Camões, que tinham e tem ainda na *giria* da historia os nomes de: —Fernão Lopes, Pedro Nunes, Gomes Ennes d'Azurara, João de Barros, Fernão Lopes de Castanheda, Vasco Mousinho de Quevedo, Jeronimo Corte Real, e Francisco de Sá Menezes.

Se, portanto, o Sr. Theophilo Braga fôr parente d'algum d'elles, e julgar dispensavel a admiração que lhe toca n'esta partilha, terá a bondade de devolver-m'a que tenho por cá muito onde a empregue.



VI

Camões e os « Lusiadas » á Luz da Lua... Aberta!

Fanatico por essa doutrina que os *conservadores* chamam — maximas dos povos —, curvo-me diante do — *esto brevis, et placebis* —, e passo, por conseguinte, sem mais demora, á triste figura que fez Camões com a versalhada dos *Lusiadas*, para vermos como o Sr. Nabuco passou tambem a galope por factos que *conhecemos* (diz S. Ex.) para *chegar* ao Poema *em que não cooperou a Nação!* (segundo o mesmo autor).

O Sr. Joaquim Nabuco, depois de haver dito na pagina 17 da sua *alevantada eloquencia* que Camões de *fetichista* se tornára em *pantheista*, deixou-se escorregar por ella abaixo até esbarrar-se n'este periodo :

« Quando falla dos seus heróes, a adoração nelle tem a realidade completa do anthropomorphismo (!), assim como tem o contorno fluctuante e vaporoso do pan-

14

theismo (!) quando elle a encara na sua substancia insondavel (!). Essa é a Patria que elle adora como o pastor Aryano á Aurora brilhante que apparece sobre os cumes nevados do Himalaya, ou a lua que se abre (!) no Indo, como uma grande flòr de lóto... (!) E' á ella que elle pede no meio da oração inconsciente (!), que todo o homem dirige do fundo do coração ao deos que nelle se reflecte:

« Onde a vida é livre, onde os mundos são radiantes, ahi torna-me immortal » (Rig Veda),

porque é ella a divindade, cujas incarnações elle celebra, da qual adora cada *avatar* triumphante (!), e *á* quem (!) dá a beber, na taça das Musas, o licor que dava a immortalidade aos deoses! »

N'estas metópas eu não bulo, porque não chego aos triglyphos doricos do Sr. Joaquim Nabuco! Está *alevantada* de mais para mim a architectura de S. Ex., e até, penso eu, para professor de curso superior de lettras, á vista do juizo que d'ella fez o Sr. Theophilo Braga. Portanto, sigamos pelos *baixos* da pagina 18, apanhando aqui e ali o que ha de mais precioso, incongruente e disparatado, parecendo ás vezes que o Sr. Joaquim Nabuco tirou d'um cesto, ao acaso, palavras, palavrões, phrases, orações, bellas figuras, más censuras, bons louvores, ruins desfavores, para construir *prosa*, assim como eu estava agora a fazer *versos*. E não repare o leitor nos pontos de admiração, se lhe parecerem demasiados, porque muitos d'elles não o são; representam lagrimas, que eu não sei pintar melhor.

« Não sei *si* os *Lusiadas* não (!) deviam na primeira idéa do Poeta terminar no Canto VI, talvez destinado a ser augmentado com a *Ilha dos Amores. (!)*

« Os ultimos cantos do Poema, preciosos como são, parecem novas galerias accrescentadas á nave central (!).

N'elles a historia Portugueza que se tinha desenrolado magestosa nos outros torna-se biographica e individual (!); ornamentos são amontoados uns sobre outros (!); o Imperio da India toma o logar proeminente, ao passo que o Poeta está cansado (!), vê-se obrigado a repetir-se (!), queixa-se, irrita-se, lança mão da satyra, e ameaça até as Nymphas de abandonar a obra *si* ellas o não inspiram. (!)

« Exceptuai o Canto IX, accommodado, estou certo, ás exigencias e aos escrupulos da Inquisição (!), mas que, apezar d'isso, e das explicações provavelmente forçadas (!) do Poeta, parece uma pagina da Renascença (!), um fresco da Farnesina (!), ou melhor a representação viva da *Caça de Diana* do Dominiquino (!), natural, sadia, alegre, sensualmente (!) ideal; exceptuai a *Ilha dos Amores*, que podia estar reservada na idéa do Poeta para encerrar os *Lusiadas* primitivos, e o que vêdes? Os ultimos cantos nos revelam que depois da interrupção, não sei de quantos annos, que houve na composição do Poema, ou pela imposição de uma poetica orthodoxa á qual elle não soube forrar-se (!), ou pela idéa que uma grande obra é forçosamente uma obra grande (!), ou pela reflexão que tantas vezes destróe a belleza do pensamento expontaneo (!), qualquer que fosse o motivo emfim, o Poeta, *si* conseguio igualar-se *á* si mesmo em eloquencia, não conseguio todavia, o que era impossivel, renovar a faculdade creadora. (!!!) »

. . . .

Pagina 29:

« O trabalho da composição do Poema não nos revela, como o da composição da *Divina Comedia*, nenhum soffrimento tragico do espirito (!), debruçado sobre os abysmos da sua propria allucinação, querendo seguir com os olhos fechados a restia de luz que precede a Dante nesse *Inferno* (!), que elle creou talvez com o receio ingenuo (!)

e catholico de que elle não existisse (!); tão pouco, senhores, nos revela aquella composição a liberdade serena com a qual Gœthe olha como naturalista para o homem (!), autor das suas proprias desgraças moraes, do seo proprio destino intellectual, desprezando idealmente a vida n'uma illusão inexplicavel, que o torna inferior a qualquer borboleta dos tropicos (!), que contenta-se com viver alguns dias, e para a qual a Natureza é um poema de luz, de cores, de amor, e de vida! (!!!)

« Os *Lusiadas* não resumem o homem, nem a vida (!); não são o espelho do Infinito subjectivo, nem o da Natureza (!); elles são como obra de arte o poema da patria, a memoria de um povo (?!). Foram, há tres seculos, dia por dia, o testamento de uma grande raça, e são hoje a sua bandeira. (?!)

« Portugal, senhores, podia ter tido uma vida modesta; preferio porem n'um dia encher o mundo e a posteridade com o seo nome. Um principe de genio da casa de Aviz teve a intuição da missão historica da sua patria, o Infante Dom Henrique. »

Na pagina 22 contiúa o Sr. Nabuco, (depois de haver dito na 21 que, apezar de serem os *Lusiadas* a mais elevada expressão artistica da Patria, a Nação não cooperára n'elles, nem ajudára o Poeta a difical-a:)

« Mas devia, senhores, o Portugal do seculo XVI collaborar com elle? Para mim é duvidoso. (!) Imaginemos que, em vez do acolhimento frio que teve, o Poema fazia de cada Portuguez um partidario, incutia o fanatismo patriotico onde já havia o fanatismo religioso. O desastre de 4 de Agosto de 1578 teria occorrido seis annos antes, e o Poeta teria sido parte no suicidio nacional. (!!!)

« Camões, depois de dezesete annos de auzencia, não conhecia nem o povo, nem o rei, que, ambos haviam mudado (!). O que lhe inspirava confiança no povo, era o passado; no rei, era a dynastia. Mas o paiz era muito

pequeno para occupar a Africa, a Asia, e a America, para combater, conquistar e colonisar *á* um tempo, e a politica dos Jesuitas não podia desenvolver as forças nacionaes. Quanto ao rei, a dynastia de Aviz acabava, como devia, com um heróe, que era um louco (!). Magnetismo da bravura e da mocidade, entretanto! Esse rei de vinte e quatro annos, só porque morre como um bravo, envolto na nuvem dos bereberes, só porque o seu cadaver não repousou ao lado do de D. João II na Igreja da Batalha, mas foi enterrado, como o de um soldado, no primeiro comoro de arêa do deserto (!), é transformado, como os guerreiros do Norte que as deosas arrebatavam no ardor da peleja, ao primeiro sangue, n'um mytho nacional (!!).

« Camões desejou partir com elle para ser o poeta official da campanha, e até começou um novo poema, que elle mesmo rasgou, depois do desastre de Alcacer-Kibir. Fez bem, senhores. Nada ha mais triste na historia da Arte do que o periodo da decadencia de um artista de genio, quando a imaginação não póde mais, e o cerebro cansado só produz a repetição banal (!) e a imitação da obra prima da madureza (!). Felizmente, porém a dignidade do Poeta e a gloria do Artista não passaram pela prova dessa palinodia (!) dos *Lusiadas.* »

« Desde a publicação do Poema a alma de Camões, que fôra alegre e jovial na mocidade, communicativa e facil durante a vida, talvez porque a sua esperança toda resumia-se nos *Lusiadas*, torna-se tragica. A expedição Africana, que elle havia aconselhado com a eloquencia de um Gladstone (!), pedindo a expulsão dos Turcos da Europa, déra em resultado a destruição da monarchia. O seo Jáo havia morrido, legando á historia um exemplo dessa dedicação, que é a honra do escravo. A mãe de Camões, D. Anna de Sa e Macedo, que viveo até 1585, para receber a tença do filho da generosidade (!) de Felippe II, estava inutilisada pela idade. A pobreza do lar era extrema, e, si a tradição não mente, chegou até á

esmola, e á fome. Como devia ser triste para elle morrer assim, recordar o passado, reconstruir a sua vida toda!

« A poesia, disse Carlyle, é a tentativa que o homem faz para tornar a sua existencia harmonica. » « Quem quizer escrever poemas heroicos, disse Milton, deve fazer um poema heroico da sua vida inteira. » Com effeito, senhores, que poesia é mais elevada do que, por exemplo, a vida da mulher verdadeiramente bella, quando essa vida é tornada harmonica pelo respeito, pelo culto, pela adoração de si mesma, como a producção de uma Arte superior, (!) que é a Natureza? Que poema heroico é maior do que esse em que o operario converte o trabalho, o marinheiro o navio, a mãi o filho, o rei o reinado, a mulher o coração, o homem o dever e o povo a historia? (!) (!) (!)

« Este material não é mais commum que o marmore ou o verso (!). A nossa propria vida é a materia mais difficil de trabalhar artisticamente e de converter em Poesia. (!) Nesse sentido, talvez, que lançando um olhar sobre o passado Camões (!) só visse nelle os fragmentos de uma existencia dispersa, da qual a memoria tornara-se por fim o registro indifferente. Porque não renunciou elle, para ser feliz, á sua propria superioridade, á composição d'essa epopéa quasi posthuma da sua raça? (!) Mas como se enganava! Essa vida, cujo nexo elle não achou no meio das contradicções do impulso e das difficuldades da luta, navio perdido no mar, cuja direcção desde o principio escapára á sua vontade, cujas velas o vento contrario o obrigava á amainar, emquanto a corrente o desviava do seu rumo, essa vida tinha uma unidade que a torna harmonica, senhores, como o queria Carlyle, e heroica, como o pedia Milton, e essa unidade da qual os *Lusiadas* são a expressão artistica, não é outra senão a necessidade que a Nação Portugueza teve de produzir uma obra universal no momento unico da sua historia em que ella com Luiz de Camões chegou a possuir a faculdade do genio. (?!)

« Por mais triste porem que fosse para o Poeta a consciencia imperfeita que elle tinha do seu destino individual, a sorte de Portugal devia commovel-o ainda mais.

. . . .

Admiremos como o Sr. Dr. Nabuco dá ás vezes, *uma no cravo, outra na ferradura,* e continuemos.

Pagina 26:

« O que é a celebração deste Centenario, senão a prova de que Portugal não morreu de todo em 1580, (!) mas sómente atravessou a morte, e de que os *Lusiadas* não foram o tumulo nem da raça nem da lingua?

« Dos dois lados da fronteira (?), depois que se operou a cicatrisação dolorosa, formou-se um patriotismo diverso (!). A nação criou nova alma, e o Poema de Camões, que elle julgava condemnado ao esquecimento, tornou-se a patria do Portuguez, como a Biblia o é do Israelita, e o Koran do Musulmano, em qualquer latitude onde elles se achem. (?!).

« *Si* eu posso fazer um voto nesta noite, não é que se levante *á* Camões uma estatua na capital da America Portugueza, deixo essa iniciativa aos que melhor a podem tomar; mas que os *Lusiadas* sejam distribuidos generosamente pelas escolas, para serem lidos, decorados, e commentados pela (!) mocidade. Não é um livro que torne ninguem Portuguez (!), é um livro que torna todos patriotas (!); que ensina muita cousa n'uma idade em que estão lançados no menino os alicerces do homem (!); que faz cada um amar a patria, não para ser n'ella o escravo, mas o cidadão; não para adular-lhe os defeitos, mas para dizer-lhe com doçura a verdade. Nelle se aprende que os principios e os sentimentos devem ser os musculos, e não os nervos, da vida (!); que a existencia do homem alarga-se pela sua utilidade exterior, que em vez de gyrar o Mundo em torno de nós como no systema de Ptolomêo, devemos nós gyrar (!) em torno

do Mundo, como no de Copernico (!). Elle ensina que a vida é a acção, e condemna essa

> Austera, apagada e vil tristeza

do organismo doentio que dobra-se sobre si mesmo (!), em vez de se expandir na Natureza da qual faz parte. Condemna o ascetismo e a simonia, a justiça sem compaixão, a força sem direito, as honras sem merecimento; eleva a mulher no respeito do homem, o que é um serviço prestado ás raças meridionaes (!); mostra a lingoagem que se deve fallar aos reis, sobretudo

> Se he certo que co'o rei se muda o povo;

incute a coragem que deve ser a principal parte da educação (!); familiarisa o ouvido com a belleza, a medida, e a sonoridade da nossa lingoa que será sempre chamada a lingoa de Camões; mostra que a popularidade é uma nobre recompensa, mas que não deve ser o movel de nenhuma conducta, quando falla do

> ... que, por comprazer ao vulgo errante,
> Se muda em mais figuras que Proteio;

ensina que o homem forte (?) leva a patria em si mesmo, ou como elle o diz melhor:

> Que toda a terra é patria para o forte;

prega o desinteresse (?) que é a condição essencial de qualquer nobreza (!), sobretudo quando o Templo, como em Jerusalem, e o Forum, como em Roma, estão invadidos pelas bancas dos mercadores (!); fulmina a escravidão em dois versos (?), que encerram a eterna injus-

tiça das grandes riquezas accumûladas pelo trabalho alheio não retribuido, quando promette não louvar a quem

> Não acha que é justo e bom respeito
> Que se pague o suor da servil gente;

indica, senhores, ao que se propõe *á* qualquer elevado e patriotico fim na vida de que arte

> ... o peito um callo honroso cria
> Desprezador das honras e dinheiro, (?)

e lhe aponta a unica fórma digna de subir ao que elle chama — *o illustre mando*, e que há de ser sempre para os homens altivos e firmes, onde quer que o governo não fôr uma conquista, mas uma doação:

> Contra vontade sua e não rogando!

« Tenho atravessado nesta noite comvosco o dominio inteiro da arte. (Arreda, lage, que te parto!) « O verdadeiro peregrino, diz um personagem de Shakespeare, não se cansa, ao medir reinos com os seos debeis passos ». Pois bem, eu acabo de medir o reino da Poesia (!) com a devoção de um peregrino, e agradeço-vos a attenção com que me ouvistes.

« Senhores, a obra de arte existe por si só: (oh!) admirada, *si* o povo a sente; solitaria, *si* elle a não comprehende, mas sempre a mesma e sempre bella. Portugal tem razão em considerar os *Lusiadas*, como Jerusalem para o Hebreo, e Athenas para o Helleno, a patria do seo espirito. (?) Elles são um poema que em vez de ser escripto podia ser levantado, como o frontão do Parthenon, sobre columnas doricas pelo compasso de Iktinos; (?) esculpido em relevo nas metopas do friso pelo cinzel de Phidias; (?) pintado *á* fresco, nas paredes da Pinacotheca, pelo pincel de Polygnoto, *si* Portugal fosse a Grecia. (?)

« A grande estructura (!) de marmore pentelico serve só para cobrir as estatuas dos deoses e dos heróes, e as pinturas nacionáes das suas muralhas; no seo architrave reluzem os escudos votivos; o navegante o avista do mar na pureza das linhas horizontaes com que elle corta o Azul (!); as suas grandes portas de bronze abrem-se para deixar passar o cortejo das Panathenéas da patria; elle guarda a vela de purpura da galera sagrada; é ao mesmo tempo que a Acropole de Athenas o Forum de Roma; a tribuna do povo defendida, como os Rostros, pelos esporões dos navios tomados em combate; o Arco de Triumpho sob o qual desfila o prestito Portuguez desde Affonso Henriques até D. Sebastião, a nação toda, vestindo a purpura e cingindo a corôa pela Via (!) da historia.

« Agora só me resta inclinar-me diante da tua estatua, ó glorioso Creador do Portugal moderno. Na pleiade dos genios, que roubaram o fogo ao ceo para dar á humanidade uma nova força, tu não és o primeiro (!), mas estás entre os primeiros.

« A' estatua ideal do homem moderno, Shakespeare deo a vida, Milton a grandeza, Schiller a liberdade, Gœthe a Arte, Shelley o Ideal, Byron a revolta, e tu lhe déste a patria. (?) A tua gloria não precisa mais dos homens. Portugal pode desapparecer, dentro de seculos, submergido pela vaga Européa, ella terá em cem milhões de Brazileiros a mesma (?) vibração luminosa e sonora. O Brazil pode deixar, no decurso de milhares de annos, de ser uma nação latina (?), de fallar a tua lingoa (?), pode dividir-se em campos inimigos, o teo genio viverá intacto nos *Lusiadas*, como o de Homero na Illiada. Os *Lusiadas* podem ser esquecidos, desprezados, perdidos para sempre, tu brilharás ainda na tradição immortal da nossa especie, na grande nebulosa (!) dos espiritos divinos, como Empedokles e Pythagoras, como Appelles e Praxiteles, dos quaes apenas resta o nome. A tua figura então será muitas vezes invocada; ella apparecerá *á* algum genio crea-

dor, como tu foste, á foz do Tejo (!), qual outro Adamastor, convertido pelos deoses nessa

Occidental patria lusitana,

alma errante (!) de uma nacionalidade morta (!) transformada no proprio solo que ella habitou (!). Sempre que uma força extranha e desconhecida agitar e suspender a nacionalidade Portugueza, a attracção virá do teu genio, satellite (!) que se desprendeu d'ella, e que resplandece como a lua no firmamento da terra (!), para agitar e revolver os oceanos.

« Mas até lá, ó Poeta divino, até ao dia da tradição e do Mytho (!) tú viverás no coração do teu povo: o teu tumulo será, como o de Mahomet, a patria de uma raça; e por muitos seculos ainda o teu Centenario reunirá em torno das tuas estatuas, espalhadas pelos vastos dominios da lingoa Portugueza, as duas Nações eternamente tributarias da tua gloria, que unidas hoje pela primeira vez (?) pela paixão da Arte e da Poesia, acclamam a tua realeza electiva e perpetua, e confundem o teu genio e a tua obra n'uma salva de admiração, de reconhecimento e de amor, que ha de ser ouvida no outro seculo!

E assim terminam as *affirmações gloriosissimas* para o futuro de Portugal! E aqui fica em resumo o melhor da *alevantada eloquencia* do Sr. Dr. Joaquim Nabuco para entulho da base das nossas rasões finaes:

Não sei *si* os *Lusiadas* não deviam na primeira idéa do Poeta terminar no Canto 6º! — Os ultimos cantos do poema parecem novas galerias acrescentadas á nave central! — O Poeta está cansado! — Só o canto 9º parece (ainda apezar de varios pezares) uma pagina da Renascença, um fresco da Farnesina, ou melhor a representação viva da *Caça de Diana* do Dominiquino, natural,

sadia, alegre, sensualmente ideal! — Os ultimos cantos revelam uma poetica orthodoxa á qual Camões não soube forrar-se, ou pela idéa que uma grande obra é forçosamente uma obra grande, ou pela reflexão que tantas vezes destróe a belleza do pensamento espontaneo! — O Poeta, *si* conseguio igualar-se a si mesmo em eloquencia (nos ultimos Cantos), não conseguio todavia, o que era impossivel, renovar a faculdade creadora!

—O Poema não nos faz revelação como a *Divina Comedia*, como o *Inferno* de Dante, como a composição de Gœtte; nem resume o homem, nem a vida, nem é o espelho do Infinito subjectivo, nem o da Natureza!—Os *Lusiadas* são a mais elevada expressão artistica da Patria, mas a Nação não cooperou n'elles! — Camões cantou para chupar um premio nacional, mas ficou a chuchar no dêdo, porque Portugal não podia dar-lh'o! — D. Sebastião (que parece na historia o ultimo paladino da Edade-media, e que desde 1582 repousa regiamente no seu tumulo em Belem, para onde foi transportado de Ceuta n'aquelle mesmo anno) foi um doido, e ficou enterrado no primeiro comoro d'arêa do deserto! — Camões fez muito bem em não escrever um novo Poema, porque estava em decadencia, cansado, no estado em que o cerebro só reproduz a repetição banal, e assim a dignidade do Poeta e a gloria do artista não passaram pela prova d'essa palinodia dos *Lusiadas* ! A mãe de Camões vivêo até 1585, só, unicamente, de caso pensado, e rixa velha, para... receber a tença do *filho da generosidade* de Philppe II! — O maior poema heroico é esse em que o operario *converte* o trabalho, o marinheiro o navio, a mãe o filho, o rei o reinado, a mulher o coração, o homem o dever, e o povo a historia, !

A celebração do Centenario foi a prova de que Portugal não morreu ainda de todo! — Os *Lusiadas* não é um livro que torne ninguem Portuguez, mas que ensina muita coisa boa na edade em que estão sendo lançados no menino os aliçerces do homem! — N'elle se aprende que

os principios e os sentimentos da vida devem estar na carne dos musculos, e não na sensibilidade dos nervos! — Que, em vez de deixarmos gyrar o Mundo em torno de nós, devemos nós gyrar em torno do Mundo! — Emfim o Sr. Dr. Nabuco, depois de dizer com admiravel emphasis parlamentar que tinha com aquella sua *alevantada eloquencia* atravessado o dominio inteiro da arte (!) e medido o reino da Poesia (!), óra, querendo ensinar-nos a ser *gyras*, óra dando-nos lições de novo *antropomorphismo* faz e desfaz em Camões, põe e tira a Portugal, e de dentro de um *vasio que nada enche* atira-nos umas sensaborias massiças, que parecem querer dizer-nos consubstanciadamente no mais chocarreiro amphiguri: — na arte da alveitaria todo o burro que não vê — é cégo!!!

Ahi fica outro rosario de *affirmações gloriosissimas* para o *futuro* de Portugal, e para o *passado* de Camões! Portugal é quasi um morto, e Camões cheira a defunto aos pés de uns figurões que lhe trucidaram a primazia da Arte e do bello!

Por generosidade e muito favor de Shakespeare, de Milton, de Schiller, de Goette, de Shelley, e de Byron, Camões pòde dar á estatua ideal do homem moderno...... a — patria! E Portugal poderá ter a gloria de ser submergido na onda européa, e o prazer de ver os *Lusiadas* assim apreciados pelo Sr. Dr. Nabuco com applauso do Sr. Theophilo Braga!

E estes dois *Sardanapalos* não hão de lançar-se á fogueira que purifica os hereges e sanctifica os arrependidos?? Oh! certamente. E não hei de ser eu quem lhes rese o officio da agonia.

As palpitantes blasphemias commoveram profundamente os *musculos da minha sensibilidade* e pozeram-me as unhas *a crescer* em perfeita dansa de San-Guy. E como na operação da catarata é indispensavel a mais vigorosa firmeza de mão, vou dar um homem por mim, que é especialista em tirar o peneira dos olhos, e fazer ver Camões á luz brilhante da Philosophia e da Historia.

Tem a palavra o Sr. Latino Coelho, e o leitor a fortuna de saborear uma opipara sobre-mesa, que o desenjoará das minhas insipidas iguarias.

Discurso pronunciado na Academia Real das Sciencias, de Lisboa.

. . . .

. . . .

Paginas 9:

« Fazer o elogio do Camões é tecer o panegyrico da patria. E é sempre grato a um portuguez o encomiar a Portugal.

« Nós temos, os portuguezes, um singular e raro privilegio. Somos nós entre os modernos povos europeus o que tem um poema verdadeiramente nacional, um poema cujos cantos são as façanhas da nação analtecidas pela mais florida e opulenta phantasia, modeladas nas fórmas da epopéa. Celebram outras gentes a fecundos e altissimos engenhos, cujos reflexos luminosos, transcendendo os ambitos da patria, estão doirando e ennobrecendo a litteratura universal. Mas nenhum povo tem como os portuguezes um d'estes felicissimos espiritos, que são ao mesmo passo o genio da nação, e o genio da poesia, e em cujas obras respire ao mesmo tempo a patria e a humanidade, a gloria privativa de um só povo, e o destino commum de uma inteira civilisação. O Dante é immortal, mas o seu poema é inspirado pelo mysticismo e a vingança. Immortal é o Tasso, mas a sua epopéa é a novella cavalleirosa, que se enreda e desenlaça em redor dos sacros muros de Jerusalem. Immortal é Shakspeare, mas a sua musa, que penetra e descobre as mais occultas fibras do humano coração, é mais cosmopolita do que fadada a conglobar a gloria dos bretões. Immortal é Cervantes, mas a figura entre sublime e comica do seu heróe,

é mais do que o symbolo da Hespanha, é a personificação da humanidade, como abstrusa e paradoxal composição de loucura e heroicidade. Immortal é o Camões, mas é immortal para os seus, immortal para os extranhos. Para os seus, porque em versos admiraveis divulgou as empresas, em que foram protogonistas. Immortal para os extranhos, porque os feitos, que reconta, são o berço onde incubou fecunda a novissima civilisação.

« Manda a Europa, ainda então adormecida para as longas e trabalhosas expedições, manda a Portugal que marche na vanguarda. Eram tenebrosos, impervios, procellosos os mares, onde nenhum baixel se tinha aventurado. Entrevia-se o Oriente como a quasi fabulosa região, d'onde vinham magnificadas pela creadora phantasia os encantos e as maravilhas. Era a terra das ardentes especiarias e das drogas perfumadas, a fecunda matriz dos diamantes e das perolas. Os seus thesouros aguçavam o desejo ás gentes occidentaes. Era como o paraiso da cubiça para esta velha Europa, já cansada da sua gleba mais esteril que os ridentes vergeis orientaes. Todos anhelavam porque se descobrissem faceis os caminhos, para que a todos fosse commoda a peregrinação dos tractos lucrativos e das fructuosas mercancias. Pois vá adiante Portugal e explore as sendas indomesticas d'aquella terra de profana promissão. Vá adiante circumnavegando briosa e perseverante as inhospitas margens africanas. Engolfe-se nos mares tempestuosos e descubra as ilhas viridentes, onde as arvores por centenares de seculos, na perpetua solidão das suas florestas, haviam ramalhado sem temer a hacha assoladora do colono, onde os passarinhos, dominando sem rival, cantavam indolentes os amores, pendurando nas vergonteas os seus ninhos, sem receiar que a mão do homem as viesse descobrir e profanar. Entrem os portuguezes, esta guarda avançada, estes heroicos batedores da nova civilisação, entrem na sombria, ignota e espessa escuridão das terras e das costas africanas, entrem resolutos com as suas prôas mal

seguras nas bahias, nas abras, nas aguadas. Vão nas suas aventurosas singraduras administrando pelo nome portuguez o baptismo da civilisação ás selvaticas paragens, que descobrem, e assignalando com padrões a possessão e o dominio. Pairem com os primeiros e mais felizes navegadores nas aguas revoltosas do cabo Tormentorio, onde a Africa, semelhante ao ferro agudo e penetrante de uma azagaia immensa, está ferindo inexoravel o coração do Oceano. Sejam infatigaveis na aventura, intrepidos no perigo, inabalaveis na ousadia, heroicos nas provações, indomitos nos contrastes da fortuna. Avancem de cada vez mais um estadio na róta, que traçaram. Abram nos mares desconhecidos a propria estrada, que vão descortinando e percorrendo. Operem maravilhas de sciencia cosmographica e prodigios de estoica paciencia e milagres de valor e galhardia. Deixem atraz o cabo temeroso e em fragillimos baixeis vão singrando aventureiros o Oceano Indico. Aportem finalmente á celebrada terra oriental, e a principio hospedes e forasteiros, venham a ser em breve termo os altivos dominadores d'aquelles florentissimos imperios, agora avassallados e sujeitos ao jugo portuguez. D'ali bracejem as extensas vergonteas do descobrimento e da conquista até ás mais apartadas e mysteriosas regiões. Entre a Europa escudada com o nome de Portugal na China e no Japão. Vá lustrando nos portuguezes galeões os mais remotos archipelagos. Deixe memorada na gloria dos seus feitos e nos nomes portuguezes dos logares a passagem triumphal d'este povo pequeno na extensão, gigante nos seus brios. Partindo do ultimo Occidente, de exiguo e infantil feito gigante, confranja nos seus braços de ferro o globo inteiro. Dissipe com o seu arrojo incontrastavel as neblinas, que escondiam o Oceano, e rompa animoso e irresistivel o veo mysterioso, que encobria a face da terra. Aponte ali aos que na sua assombrosa variedade a desconheciam, as divisões e as fronteiras das terras e das aguas, como um amoravel preceptor, arrancando o en-

voltorio, que tinha recatado um globo geographico, ensina ao alumno pueril e curioso, as linhas que delimitam os continentes e os mares. Diga finalmente á Europa entre assombrada e invejosa: « A terra, que tu sonhaste, era a terra fabulosa, a terra debuxada nas descripções phantasiosas dos antigos e nos mappas mentirosos da edade média. A terra, que eu te dou, é a terra qual outr'ora saíu das mãos da natureza para o homem primitivo, qual sae agora das minhas mãos para o homem civilisado. E' a terra, de que os antigos apenas conheceram uma nesga, de que Alexandre, nas suas tão famigeradas expedições, soube apenas tanto como a mais tarda e preguiçosa das minhas galés, talvez menos que o mais frouxo dos meus aventureiros. A terra que vós conheceis, é a terra de Ptolomeu e de Strabão, a terra dos que não a viram, mas sonharam. Esta, que vos dou, é a terra de Vasco da Gama, de Pedro Alvares Cabral, de Fernão de Magalhães, de João da Nova, a terra, de que para vós tomamos posse, como os primeiros que em todas as direcções a soubemos percorrer e navegar. »

« A Europa, ouviu, estremeceu, levantou-se e invejou. As páreas copiosas dos nossos descobrimentos, os despojos opimos das nossas expedições, os fructos sasonados das nossas conquistas, tudo lhe deitámos generosos no regaço. Para nós guardámos o que se não pode alienar: as glorias e os laureis. Démos-lhe tudo o que havia de terrenal e de mundano. Recatámos como thesouro inestimavel o que as nossas empresas memoraveis tiveram de espiritual, quasi divino. A' semelhança do honrado e brioso cavalleiro, que, com mais cicatrizes que veneras, no outono da sua existencia gloriosa, pendurando na panoplia a espada reluzente e o murrião abolado nas requestas sanguinosas, deixa que tudo lhe arrebate a má fortuna, mas não cede ou vende a extranhos as insignias memoraveis, esculpidas como brazão e sthema gentilico na face do seu broquel.

« Quando as glorias portuguezas são chegadas á brilhante culminação, quando principia a resfriar o ardor primevo das empresas memoraveis, quando é necessario colher na phrase momentanea do seu maximo esplendor a heroicidade portugueza, e como que photographal-a, ainda viva, recente, luminosa, apparece o Camões na terra de Portugal.

« O Camões é ao mesmo tempo a eloquente voz da posteridade, e a grandiosa resurreição dos tempos heroicos de Portugal. A sua penetrante visão intellectual descobre com a perfeição dos seus contornos immortaes as figuras, sobre que se concentra mais viva e mais brilhante a purissima luz da vida nacional. A sua previdencia admiravel adivinha que veem perto os tempos calamitosos, em que a patria para morrer como Cesar com a grave e severa alteza dos heroes, precisará de cingir-se na purpura da sua antiga magestade, e compor-se e adereçar-se nas soberanas vestiduras da sua gloria. Virão épocas escassas, em que extranhos arrogantes hão de buscar descingir-lhe o gladio refulgente, desvestir-lhe o gladio refulgente, desvestir-lhe a loriga impenetravel, e murchar-lhe na fronte os loiros immortaes. Tudo poderão emprehender. Mas o Camões, o soldado brioso das guerras africanas e indiaticas, o portuguez, que amou a patria acima da mulher, e a mulher acima da fortuna, o poeta que emulou nos antigos a belleza e a correcção, aos modernos superou no sentimento, ali está colligindo e ordenando nos versos varonis de uma epopéa nacional, as memorias da terra em que nasceu.

« Será na carta da Asia a India portugueza um ponto apenas, mas um ponto como estes que, em noites de serena atmosphera e de melancolica e tepida escuridade, estão brilhantemente scintillando, e esculpindo no ceo a distancias infinitas o seu vivo e eterno resplendor.

« Perdemos em grande parte a dominação e o imperio n'aquelles immensos territorios, onde outr'ora fluctuara, symbolo de empresas temerarias e felicissimas

victorias, a bandeira de Portugal. Mas ninguem nos póde nunca pleitear a gloria de as ter primeiro descoberto e avassallado. Que importa ao nome portuguez, que d'esse vasto e opulento senhorio não restem quasi já senão memorias?

« Cada povo tem na sequencia historica a sua funcção, no grande e vario drama da civilisação o seu papel. Uns em cada momento na evolução da humanidade são protogonistas e heroes, a outros cabem no complemento e execução da obra commum, officios mais modestos, mas não menos necessarias attribuições. E' o principio harmonico e fecundo da divisão do trabalho applicado á cooperação mutua das nações, no empenho de fundir e aperfeiçoar a civilisação no decurso das edades. E d'este modo a noção da patria individual se esconde na penumbra da humanidade.

« A nossa missão não era a de grangear para nós o mundo, mas sim de o sujeitar e descobrir. Fomos com a espada os missionarios da velha Europa, enviados a correr os primeiros lances, e affrontar os perigos, a que ninguem ousara então metter o peito resoluto. A gloria de descobrir é maior e mais duravel que a de fruir e dominar. A grandeza épica dos nossos feitos immortaes, mais se aprimora e abrilhanta n'esta abnegação e desapego, com que dos fructos das empresas sobrehumanas deixámos aos extranhos o proveito, para nós tomámos a gloria por salario. Dos grandes e magnificos descobrimentos, com que se accrescenta e se melhora a civilisação intellectual e a humana condição, não ficou enfeudada a propriedade exclusiva na geração e na familia dos gloriosos inventores. Kepler interrogando os ceos e os planetas, rebeldes e indomaveis até ali, clausurando-os no encerro perpetuo das suas orbitas ellipticas, vinculou o seu formoso descobrimento no morgado commum da humanidade. Os segredos, que o espirito de Newton soube roubar á mysteriosa natureza, doou-os generoso á sciencia cosmopolita e á civilisação universal. O telegrapho

electrico transmitte o pensamento, sem que esteja agora recatado como cioso monopolio na familia ou na raça dos seus engenhosos descobridores. A locomotiva passeia sibilando pelo mundo, sem que antes do seu curso impetuoso esteja esperando a venia e o signal de quem a primeiro a ideou e construiu. Assim tambem da terra que lustrámos nas suas mais afastadas e escondidas regiões. A gloria de a revelar á Europa cubiçosa, vale mais que a vaidosa satisfação de chamar nosso o que primeiro que ninguem soubemos procurar e descobrir.

« Das nossas aventurosas navegações e das nossas empresas bellicosas nasceu em grande parte o movimento operado na Europa desde o seculo XV. Tornámos possivel a sciencia moderna, que era truncada e imperfeita antes que ensinassemos as gentes européas a interrogar a natureza, e a descortinar as maravilhas e os segredos de inhospitas paragens, de mares desconhecidos, de um firmamento novo, onde brilham, escondidas aos antigos, novas e extranhas constellações. Revelámos a fórma do nosso globo, a configuração dos continentes, a continua successão do Oceano, a mudança e a condição dos varios climas. Patenteámos as riquezas innumeraveis da natureza organica, nos seus typos disseminados pela immensa vastidão das terras e dos mares. Atámos novamente os vinculos já rotos e perdidos entre a nossa civilisação e a nossa historia, e a historia e as civilisações dos povos orientaes. Com as nossas maravilhosas aventuras fizemos uma patria gloriosa e impozemol-a á admiração de todo o mundo, mas acabámos empresa ainda maior, porque fizemos tambem a nova humanidade congraçando e tornando umas das outras conhecidas as raças e as familias, que viviam pelos ambitos da terra sem liame e sem commercio fraternal.

« D'esta prodigiosa Renascença, em que a moderna christandade tornou a viver no espirito e no genio da antiguidade, fomos nós os mais activos e fecundos cooperadores. A outros coube a gloria de comprehender pri-

meiro e divulgar as formosas manifestações da intelligencia e da imaginação entre os antigos; de recompor as estatuas, onde o ideal quasi se confundia com o divino, de reconstruir os sumptupsos monumentos, de evocar das ruinas o mundo classico, e ao bafejo da paciente erudição fazel-o resurgir na apparencia da sua eterna belleza e perfeição. Mas em quanto os outros recompunham a antiguidade, nós mais audazes e felizes do que elles, alcançavamos completal-a e corrigil-a, penetrar onde ella não chegou, e tornar mil vezes mais intensa a sua luz, enfeixando com ella a que em remotas e sobrehumanas excursões se reflectiu na lamina das espadas gloriosas, e nas colubrinas e bombardas dos nossos galeões.

« Fizeram elles o renascimento do passado, dispertando-o do seu tumulo. Nós fomos acordar o futuro das nações no berço onde nasce a aurora. Fizeram elles resurgir as tradicções da Grecia e Roma. Nós fizemos nascer e avigorar-se o espirito da humanidade.

« Os outros fizeram a sciencia da antiguidade, acurvados nos pulverulentos manuscriptos e nas reliquias já truncadas da arte, da sciencia e da poesia. Nós fizemos a doutrina, que se accumula navegando e combatendo, a perigosa erudição, que se compra com sangue derramado, e enlaçamos aos loiros da sciencia as palmas triumphaes.

« Para entalhar no bronze da epopéa os feitos que resumem a vida nacional, nasceu Camões.

« Quem era? D'onde veiu? Onde nasceu? Onde passou a puericia? Onde aprendeu na adolescencia os dois amores, que lhe exalçaram o espirito, cravando-lhe de espinhos o coração,—o amor da patria, que elle idolatrou mais que ninguem,—o amor da mulher, que mais do que nenhum poeta lyrico elle soube divinisar?

« A vida do Camões é em quasi todos os seus successos uma lenda, ou um mysterio. Do poeta conhecemos perfeitamente o aspecto, em que se volta para nós e para

a patria. Ignoramos quasi inteiramente o que se occulta nas escuras profundezas do coração e da existencia individual. E' como estes resplendentes corpos celestes, de quem apenas rastreamos a luz e o esplendor, sem ao certo comprehender o que está por baixo da luminosa superficie. Contemplamos no Camões reflectida com toda a sua clara intensidade a vida nacional. Acostumámo-nos a ver e admirar no seu espirito a imagem heroica do povo portuguez. Os loiros, que lhe exornam a fronte, são tambem os laureis que enramaram em seus triumphos a patria, quando era gloriosa e invejada. A sua alma é a alma da nação. No seu poema não respira apenas o estro de um cantor, palpita o coração de Portugal. E' preciso que haja o que quer que seja de vago, impêssoal e indeciso n'esta figura grandiosa, que tem á cinta o proprio gladio da nação, e desfere no seu plectro, não os sons da sua propria inspiração, mas os hymnos collectivos entoados por todo um povo á sua grandeza e á sua gloria. O Camões não é apenas um poeta, é um côro triumphal, em que as vozes de muitas gerações, na propria saudação de seus heroicos feitos, se conglobam nos accentos de uma voz predestinada.

« São mal delineados, nebulosos, os contornos biographicos do Camões. Não se sabe ao certo quando nasceu, porque n'estas imagens e personificações da vida nacional, é bem que nos possamos illudir, suppondo que andaram largos tempos voejando antes que começassem a luzir. Ignora-se a terra em que nasceu. Em Lisboa? em Coimbra? em Santarem? Ninguem o póde á justa discriminar. E é bem que assim acontecesse, para que nenhuma povoação se possa gloriar, de que o poeta lhe pertence a melhor titulo do que a toda a patria, que illustrou. Perguntam-nos onde o Camões viu a primeira luz? Respondemos e basta: Em Portugal. Que-nos importa discernir se era vulgar ou generoso o sangue do poeta? Os monarchas da intelligencia não carecem de tronco e dynastia. Não tem pelo espirito nem antecessores

nem descendentes. Não releva o inquirirmos d'onde veem, já que sabemos aonde vão. Nascem da humanidade e vão para a gloria. Nascem do pó terreno e mundanal e caminham luminosos á divina immortalidade. Sabemos do Camões que foi soldado valentissimo entre os mais esforçados e briosos; sabemos que foi a mais subida intelligencia em nossa terra, o primeiro épico moderno. Sabemos que alcançou conciliar em harmonica união as graças e formosuras da mais solta e inventiva imaginação, com as dôutrinas mais severas da sciencia no seu tempo. Sabemos que em Africa militou, para que seguisse em tudo as mesmas sendas, por onde a gloria portugueza transitara. Sabemos que invejas, e malquerenças, e damnadas tenções, como elle diz, lhe mesclaram na vida aos jubilos e aos extasis da nativa inspiração, as tristezas e os opprobrios da existencia amargurada. Sabemos que amou extremosamente. E como podia está alma de eleição clausurar-se na solidão do sentimento, sem repartir o estro e a paixão entre a patria e a mulher? Sabemos que padeceu asperos desterros e carceres de affronta e provação. E como poderia esta luz intensissima do engenho ferir, sem os offender e offuscar, os olhos dos seus ingratos contemporaneos, que não buscassem afrouxal-a e desluzil-a, já que não a podiam apagar? Sabemos que na India provou a forte espada nos recontros e a estoica impavidez nos lances das armadas e nos perigos das tormentas. Sabemos que a pobreza foi a socia inseparavel do seu viver aventureiro. E que genio já houve em Portugal antigamente, que não tivesse a penuria por contrapeso aos thesouros immortaes da sua gloria? Sabemos que na China exerceu modesto officio, e que a fortuna ao Camões lhe destinou que para não perecer á fome, rebaixasse o divino talento do poeta ao prosaico e rude officio de exactor. Sabemos que a patria o desamparou nos annos derradeiros, atirando-lhe á mão, quasi estendida á caridade, a esmola do poder. Sabemos que morreu, quando a patria descahía no sepulchro, porque elle era a voz da

patria, o ultimo suspiro da nação agonisante, e era bem que se extinguisse, quando Portugal jazia amortalhado no manto de cavalleiro, tendo em redor do seu esquife as figuras sinistras e ironicas dos seus desapiedados conquistadores. Sabemos que os seus ossos jazeram até hontem esquecidos n'um desvão do convento de Sant'Anna, até hontem, em que por nobre e patriotica impulsão da nossa Academia, lhe pagámos — inanimado — na solemne apotheose, o que—vivo—os seus contemporaneos lhe negaram em pão e em conforto. Sabemos que deixou o seu nome intimamente vinculado ao nome e á propria existencia da nação. Sabemos que os *Lusiadas* os entalhou o brio portuguez com a espada nas mais distantes e ingratas regiões, e os imprimiu com o rasto das suas quilhas temerarias na face do Oceano e no dorso das tempestades, e o Camões os trasladou a versos immortaes, diffundindo no mundo pelo genio o que Portugal já tinha divulgado pelo immenso pregão do seu valor.

« O Camões é a patria coroada de poeticos laureis. Os *Lusiadas* são a estatua da nação, cinzelada pelo escopro do maior engenho portuguez. Glorifiquemos, pois, cada vez mais a epopéa e o cantor. Veneremos com elle o nosso passado glorioso. Mas como estes destemidos argonautas, que elle celebrou, os quaes se não ficavam inertes e parados após as mais felizes singraduras, nem cifravam a sua honra em descobrir apenas o cabo de Boa Esperança, volvamos o sentimento nacional aos tempos que já foram, e o espirito moderno ás eras do porvir: ao passado, para que d'elle possamos aprender o amor da patria, a tenaz perseverança nas emprezas mais difficeis; ao futuro, para que honrando o poeta nas suas mais largas e videntes aspirações, possamos completar as nossas glorias pelo caminho que a fortuna nos consente e nos deixou. Fizemos a epopéa sublime, traduzida pelo Camões na divina linguagem do seu estro. Façamos hoje a epopéa mais modesta da liberdade, da sciencia e do trabalho. »

VII

Post-scriptum da Primeira Parte

Quando em 1864, quasi pelo mesmo caminho que Pero da Covilhan abrio em 1487 á procura do Preste-Joham, fui ver de perto o turbante dos mouros, a barretina dos parseos, a trunfa dos brahmanes, e varias outras innumeras *raridades* que povôam o Indostão, observei pela vez primeira que os maiores glotões da Bretanha, meus companheiros de viagem, pouco depois do mais lauto jantar, que a grande *Companhia Peninsular e Oriental* servia a bordo dos seus memoraveis paquetes, roíam engelhados rabanetes, talos de aipo já murchos, e bolacha grosseira e dura, que bem poderia chamar-se-lhe o verdadeiro *pão que o diabo amassou.*

Fez-me impressão semelhante codicillo da culinaria, e busquei explicar-me a conveniencia d'aquella ultima vontade para quem tinha comido até *rebentar;* mas nem a physiologia dos velhos chaldêos ou dos novos

babylonios, nem a propria *sciencia* das excentricidades inglezas pôde elucidar-me sobre o assumpto. Tive que recorrer á palavra viva de um dos viventes que prégava a verdadeira *biblia* como um dos mais notaveis apostolos contra a falsa doutrina da *sociedade temperança*, e embasbaquei logo á voz da mais comesinha razão da hermeneutica, que eu (sem o sentir!) trazia na cabeça desde pequeno. Eil-a: « —*Melhor*— é comparativo; não ha comparativo sem positivo; este—*máo*—é que faz aquelle—*mais bom;*—é, pois, mister comer este positivo—*pessimo*—para poder dizer-se que o jantar estava—*magnifico*. »

« A ordem d'esta argumentação parece gostativamente transposta, mas é a mais racional e a mais segura:—é caminhar do conhecido para o desconhecido, fortalecido por *premissas* que o gato já não leva. »

Ninguem resiste á *logica* ingleza, principalmente quando é feita com polvora ou libras da mesma nacionalidade! Capitulei, pois! E dei-me por convencido, como ha de ficar o leitor ao notar que, quanto mais mastigar o *biscuit* que vou servir-lhe n'este *punch* final, tanto mais saboroso lhe parecerá o que leu escripto por Latino Coelho.

Depois da leitura d'aquelle accórdão, que condemna á fogueira os autos da *alevantada eloquencia* do Sr. Dr. Nabuco, e ao pagamento das *favas* o Sr. Dr. Theophilo Braga como procurador de causas perdidas, só resta a estes dois réus de *alta traição* litteraria tirar a carapuça, pôr joelho em terra, fazer acto de contricção e pedir a Camões que lhes commute a pena em mandal-os —bugiar.

Mas, se o Sr. Dr. Nabuco quizer ainda recorrer da sentença pedindo revista para o supremo tribunal da *eloquencia acaçapada;* se quizer fallar com mais vagar de Virgilio ou de Homero, de Lucano ou de Pulci, de Milton ou de Boiardo, de Schiller ou de Gœthe, de Trissino ou de Shelley, de Byron ou de Ariosto, de Cer-

vantes ou de Horacio, de Shakespeare ou de Dante, de Tasso pai ou de Tasso filho, emfim, de todas as pleiades poetisadoras, e até mesmo de uns perversos versos meus, que fizeram gemer os prelos do *Braz Tizana* antes de eu conhecer a definição de—*Philosophia racional e moral*—, entenda-se S. Ex. com o Sr. Latino Coelho, ou com qualquer outro *coelho latino*, que tenha bom dente para roer o escalracho da sementeira litteraria, porque eu, a respeito de cousas *alevantadas*, só posso dizer ao Sr. Dr. Nabuco quantos ossos tem o Sr. Theophilo Braga na cabeça, e ainda assim quando se me garanta que não anda wormio algum mettido por entre elles.

. . . .

Agora muito a serio:

Tenho pela pessoa do Sr. Dr. Joaquim Nabuco e por sua Exma. familia tão subida consideração, que não posso deixar de lamentar que S. Ex. esbanje a fortuna do nome respeitavel que herdou do illustrado jurisconsulto, do afamado estadista, do circumspecto cidadão, do serio patriota, do prestigioso e venerando senador Nabuco, fazendo digressões estabanadas pelos assumptos mais graves do campo social, sem o conveniente respeito pela sciencia das occasiões e dos meios, a qual é para os homens cultos como a experiencia do habil agricultor, que sabe escolher terreno e época apropriada para a bôa fructificação. Deploro que S. Ex., sem o devido acatamento á lição dos velhos mestres, que em todos os ramos das sciencias e das artes representam, pela encarnação da theoria na pratica, o *Verbo* da intelligencia humana a tirar do limbo do extincto os espiritos inconscientes, improvise das suas *impressões pessoaes* barretina de papelão, e se proclame *general em chefe*, como criança, que, montada em páu de vassoura, dá batalhas dentro do pateo contra o carneiro que não marra.

Sinto que S. Ex. rebaixe a capacidade e patriotismo da sua patria introduzindo n'ella por contrabando *in-*

fluencia estrangeira, e que, como estrangeiro para o meu paiz, degrade os meus compatriotas passando-lhes carta de — insufficiencia litteraria.

Eu resido ha annos n'este imperio, e nunca quiz ser proprietario, redactor, ou simples collaborador de jornal algum, nem mesmo ousei particularmente escrever a respeito das coisas d'este paiz uma palavra desagradavel sequer, porque me considero tão estranho para elle quanto quero que seja um cidadão do Brazil, (como de outra qualquer nação), para os assumptos privativos da minha nacionalidade, emquanto houver Campo d'Ourique e *Campos do Ypiranga*, e os Montes Claros não forem as *Lomas Valentinas* nem o Bussaco *Riachuelo*.

Tenho sustentado, apezar de algumas provocações, o maior silencio sobre assumptos que possam desagradar ao paiz onde sou hospede, e cujos nacionaes me honram com estima e consideração que eu nunca saberei merecer-lhes, salvas algumas poucas excepções, que muito me honram tambem em não fazerem parte d'aquella regra.

Por este meu procedimento, os Brazileiros sensatos louvam o meu comedimento de estrangeiro, e não censuram as expansões do meu patriotismo. Elles tambem sabem sentir essas emoções innatas com o leal cidadão; e a propria Constituição do Imperio lhes ensina que, sendo o sangue mais pesado que a agua, impossivel se torna equilibrar com qualquer madrasta o peso da estima congenita que prende o bom filho á sua verdadeira mãe.

O Brazil não precisa implumar-se com as pennas do pavão alheio, nem pretende fazer-se compatriota do Camões, visto que o proprio Sr. Joaquim Nabuco não quiz ser portuguez por algumas horas, nem quer que os *Lusiadas* sejam a sua litteratura patria senão emquanto o Brazil não tem uma *litteratura propria*. E o Brazil pensante não estranha que um portuguez falle em patriotismo, pois que um dos mais illustrados e notaveis patriotas brazileiros escreveu para a edição especial do

Jornal do Commercio dedicada ao centenario esta eloquente apophthegma, que tem o duplo valor de ser feita por um Grão-Mestre da Maçonaria do Brazil, e dizer a Maçonaria que a sua patria é o mundo inteiro:

LUIZ DE CAMÕES

« Se por algum lado especial póde ser apreciada a « obra immortal do autor dos *Lusiadas*, é esse, sem du- « vida, aquelle onde se revela e affirma o acendrado « patriotismo do grande poeta.

« Em cada verso do seu poema sente-se palpitar a « fibra magnetica do genio da patria.

« E' a grande alma da nação a que se irradia em « todas as paginas do seu poema.

« E' a gloria d'ella, que elle canta e celebra no jus- « tificado orgulho da sua grandeza.

« E' por isso que a immortalidade lhe pertence. Taes « obras só as podem inspirar os sentimentos nobres, por- « que só estes têm o condão de fazer perpetuar na me- « moria dos homens as glorias incorruptiveis dos povos « celebrisados por taes genios.

« JOAQUIM SALDANHA MARINHO. »

Já vê, pois, o Sr. Theophilo Braga que eu, fallando em patriotismo no Brazil, não *fallei em corda em casa de ladrão*. E posso até assegurar-lhe que o meu protesto contra a escolha do Sr. Dr. Nabuco para orador *official* do centenario festejado pelo Gabinete Portuguez de Leitura (note S. Ex. — Gabinete Portuguez —), não com a feição de simples festa litteraria, mas com o caracter formalmente patriotico, rendeu-me particulares demonstrações assás lisongeiras dos mais illustrados e respeitaves Brazileiros, como prova de que elles haviam

comprehendido a razão legitima da minha justa manifestação contra os aduladores e a *facilidade* do Sr. Dr. Nabuco em aceitar as thuribuladas da adulação. Todos julgaram esta parlapatice, caricata para S. Ex., e acintosa para os que serviram de carvão na queima do incenso; todos disseram que o Sr. Dr. Nabuco tinha obrigação de evitar este vexame, ensinando áquelles peralvilhos o que quer dizer : — um logar para cada coisa, e cada um no seu logar.

Tudo, porém; estava enterrado na valla geral dos acontecimentos que a ninguem engordam, e que morrem por inanição da importancia; e lá apodreceria na paz dos sepultos, se o Sr. Theophilo Braga não viesse exhumar e autopsiar os despojos da fétida cabidela. S. Ex., fabricando de encommenda, ou assignando de + (ao que parece pela palavra *mofinas*, que nem se conhece em Portugal) uns delambidos galanteios ao Sr. Dr. Nabuco, os quaes foram aqui reproduzidos em varios jornaes com avelhacado proposito, fez umas insinuações de *mofineiros* tão perfidas, que eu não posso deixar de desmentil-as, repelil-as e sacudil-as. Visto que fui cabeça de motim, cumpre-me decepar a cabeça do motejo; preciso mostrar aos *pais* do aleive quaes são os *filhos das... mofinas* que *despertam odios ficticios de nacionalidades*; fazer ver ao Sr. Theophilo Braga que eu assigno sempre o que escrevo, que se me defendo é porque me atacam, e que S. Ex, veio tarde para intrigar-me com o Brazil.

Pensou o Sr. Theophilo Braga em fazer acreditar que eu protestei por ciumes da escolha do orador? ou por animadversão pessoal contra o Sr. Joaquim Nabuco? ou por sentimento algum hostil para com o Brazil? E calculou quanto poderia prejudicar-me semelhante intriga, se ella calasse no espirito dos Brazileiros, ou se elles fossem as *feras* a que o gratuito delator imaginou atirar-me?

Não pensou, nem reflectiu, nem calculou nada; porque S. Ex. é atreito ás *lombrigas litterarias;* e, quando os

bichos carpinteiros lhe formigam no baixo ventre das lettras, repercutem-lhe na cabeça, por contra-pancada dos *musculos do sentimento* do Sr. Nabuco, as escusadissimas *alevantadas eloquencias*, que até fazem do Alexandre Herculano *bicha solitaria* a roer nas entranhas de quem só poderia dar-lhe o fel da presumpção.

Mas sabe o Sr. Theophilo Braga o que no Brazil quer dizer—*mofineiro?* Conhece o que significa semelhante epitheto por estas terras? Quer ver que insultuosa injuria S. Ex. atirou aleivosamente sobre este seu (mal) criado e por cima dos demais compatriotas que escreveram alguma coisa com o nome por baixo da dita coisa?

Pois eu lh'o mostro:

Mofineiro é—o sevandija que se aninha no chiqueiro do anonymo e ronca de lá suinamente aos proprios que ás vezes lhe dão a *lavagem;*—é o biltre que se sulapa como a salamandra no lòdo do incognito e baba venenosamente a limpida intenção de quem até lhe mata a sêde;—é o perverso que do covil do pseudonymo salta como chacal sobre os transeuntes inoffensivos, e traiçoeiramente os morde pelas costas;—é o sicario aleivoso que ataca á falsa fé;—é o bandido infame que acommette nas trevas;—é o ladrão covarde que furtivamente salteia a honra;—é o incendiario miseravel que ás occultas prende fogo no edificio da dignidade.

E tudo isto foi o que o Sr. Dr. Theophilo Braga nos chamou, sem saber o que dizia, quero crer; razão pela qual lhe não faço carga da intenção infamante, que, levada em conta, transformaria o—caso de leviandade—em—caso grave.

Na segunda parte d'este opusculo demonstrarei o que são os Portuguezes no Brazil, o que é o Brazil para os Portuguezes, e quaes as arestas que fazem attrito sobre os polidos individuos d'ambas as nacionalidades. Eu desembrulharei então no estendal da verdade a trouxa das reciprocas provocações, que de cá e de lá sopram aos *odios já apagados*, que não podem mais arder, porque

a grande maioria d'ambos os lados está sempre com a bomba do bom senso prompta a espadanal-os com o esguicho da moderação.

Já que a provocação do Sr. Theopbilo Braga a isso me auctorisa, eu lhe mostrarei o meu *livro negro*, que em diplomacia se chama—*livro azul*—, e que ha de deixar ficar *azúes* mais de seis *brancos* dos que se pintam côr de rosa, logo que entrem no caco da tinta os documentos authenticos que estou celleccionando com o mais rigoroso escrupulo. Então verá S. Ex. coisas do arco da velha e *coisos* da tangente official, que, baixada das nossas altas regiões governativas, roça por este circulo vicioso, mas não tão viciado, ainda assim, como diz de lá Oliveira Martinz no seu — *O Brazil e as Colonias Portuguezas*—, nem tão ruim como diz de cá o Sr. Dr. Jaguaribe *Filho* nas suas — REFLEXÕES SOBRE A COLONISAÇÃO NO BRAZIL.

E para que S. Ex. não possa dizer que só o aguilhão do centenario de Camões seria capaz de fazer-me sentir a dôr do patriotismo, ou que ha por aqui alguma *corporação dirigente* a dar lições d'essa *pathologia*, vou transcrever um artigo que publiquei aqui no *Jornal do Commercio* de 14 de Outubro de 1879 a respeito da EXPOSIÇÃO PORTUGUEZA n'esta cidade, que nunca mereceu as honras do *positivismo* do Sr. Dr. Theophilo Braga. É um *post-scriptum* com que fecho esta minha—Primeira Parte—, e com que deixo de bocca aberta os que suppõem haver por estes dominios *chefes-patriotas* a servir a patria como quem morre de amores por ella.

Faço n'elle algumas referencias que preciso explicar para o estimavel leitor menos se enfadar com o meu abuso de paciencia.

Quando fallo do actor italiano Rossi, reporto-me a uma injusta e descortez exclamação com que elle, na presença de varias pessoas, das quaes algumas se dizem portuguezas, achincalhou á gargalhada o letreiro de—EXPOSIÇÃO PORTUGUEZA—, que indicava a entrada do pa-

lacio onde ella se exhibia, dizendo que Portugal só podia fazer exposições de palha!

Quando alludo a um visconde pobre, que de passagem por estas paragens teve a galanteria de lisonjear a esperteza de titular rico, refiro-me ao Sr. Visconde de S. Januario, que em perigrinação diplomatica á roda da America do Sul criou aqui no Rio de Janeiro uma secção da Sociedade Geographica de Lisboa, e teve a *diplomacia* de considerar como unicos associandos altamente *illustrados* e categoricamente *habilitados* para aquella associação scientifica os homens de *lettras de cambio*, fazendo crer que ellas são as melhores das *bellas lettras* para os sabios d'aquella confraria, ou que os *geographos* d'esta colonia são precisos como os serventes dos pedreiros para carregar o material da obra em construcção.

Nunca levei a mal o meu ostracismo e dos meus compatriotas, que por aqui vivem das profissões litterarias, porque achei bom senso no Sr. Visconde de S. Januario em não querer vir ao Brazil buscar palavriado de torna-viagem, nem esbofetear o proverbio respeitavel do—*vales quanto pesas*.—S. Ex. não ganhou na especulação, mas perdeu em regra, com a lei das finanças, das finezas e das finuras na mão.

Era de esperar que dizendo o rifão:—*cada um dá o que tem*—dessem dinheiro os *sabios* que cultivam a *numismatica* real, e assim *poderosamente* concorressem para o *ramo* da *geographia positiva*. Era justo que pagassem a *pinga*, e fornecessem o *cobre* para o *fundo nóvo* da náo destinada a ir á *Terra-Nova*, os que nunca viram as cabeças dos rabos que de lá lhes mandam.

Não se póde ir, sequer, plantar batatas nas *hortas* de Mossamedes, sem têr-se *aquillo* com que se compram os melões. Além d'isto a grande maxima diz-nos que o *Maximo* mais minino, olhado atravez das lentes

do ouro, parece um camello muito maior que o cavallo de Troya.

Eduardo Lemos e Joaquim Ortigão não ha ainda muito tempo que mal sabiam escrever *lettra* que se *lêsse* nos *bancos* do Commercio, e hoje são quasi uns póços de *sciencia* á sombra da *erudição* das suas burras; porque a *litteratura* das *corporações dirigentes* tambem cresce na razão directa do quadrado dos cabedaes, como as *bestas quadradas* diminuem na mesma razão directa em que escassêa o cotão das algibeiras para dar logar á patacaria.

Portanto, o Sr. Viscondo de S. Januario procedeu com o tino de quem procura os melhores *paios* para fazer a sopa gorda.

Se lhe sahiram ôcos os *chouriços* a culpa é do *salchicheiro*, que de lá manda em *tripas* de pergaminho recheio de cágados por lombo *real*. E se lhe chamei — visconde pobre—, não foi para amesquinhar-lhe os seus valores materiaes ou estimativos. Este —pobre— é relativo do—titular rico—; e quanto mais pobre se me affigura S. Ex., tanto mais se eleva no meu conceito o seu caracter honrado e probo, que, tendo exercido desde longa data elevadas e rendosas commissões officiaes, nunca teve a *sabedoria* de chegar a rico, apezar mesmo dos presentes do rei de Siam e das dadivas do imperador do Japão.

Não posso testemunhar a S. Ex. mais subida consideração, nem furtar-me á manifestação d'ella, embora o meu figado estremecesse um pouco a fabricão do assucar com que elle adoça as *pilulas* dos desgostos amargos.

Não se é banido da lista dos *sabios* sem a bexiga do fel fazer *bexigada*; mas como as nossas funcções digestivas nada soffreram e nada prejudicaram os effeitos *posthumos*, arrotemos satisfação pelo caso passado, e vamos á vacca fria do artigo, cuja transcripção me é imposta pelas *mofinas* do Sr. Theophilo Braga.

Eis o dito artigo, sem dar-se n'elle o dito por não dito:

Exposição Portugueza no Rio de Janeiro

No crepusculo vespertino do seculo XVIII raiou precoce a aurora do seculo XIX.

Do reflexo da grande revolução franceza fulgiu o arrebol matutino d'este centenario brilhante.

Por traz da opaca e medonha Bastilha estava encoberta a estrella d'alva do seculo das luzes, que resplandeceu sobre as ruinas d'esse monturo das trevas.

A nuvem do obscurantismo antigo rasgou-se por aquelle golpe da civilisação moderna; e a luz radiosa do progresso universal brilhou no espaço dos povos, aclarando os jazigos das sciencias e das artes, que gemiam algemados nos calabouços das ignorantes e ferozes theocracias.

Os castellos do despotismo infrene cahiram derrocados pela explosão do direito natural ; e os monumentos da execranda tyrannia, arrasados pela onda do sangue dos martyres, sumiram-se nos alicerces dos monumentos da almejada liberdade.

Sobre os horrores d'esse mundo decrepito hasteou-se a bandeira festival de uma nova geração; e no solo esteril da ociosidade maldita germinaram os fructos do trabalho abençoado.

Ás maravilhas do mundo antigo, que a vaidosa soberba erigiu como attestados da arrogancia inepta e da tyrannia brutal, da indole refece e da ignorancia supina, succederam os monumentos do mundo moderno, que a sensata modestia levantou como certidões da prudencia douta e da liberdade sábia, do caracter excellente e da emulação civilisadora. E os pequenos monumentos do curto periodo

actual sobresahem ás grandes maravilhas dos longos seculos passados!

Mais altas que as pyramides do Egypto são as rasas campas dos operarios laboriosos!

Mais fortes que as muralhas da Babylonia são as singelas paredes das officinas industriaes!

Mais bello do que outr'ora o templo da afamada Epheso é a tosca matriz de ignota aldêa, onde a sociedade de hoje baptisa a sua igualdade!

Mais magnificente que a velha maravilha de Piza é o prélo de qualquer lugarejo, que ministra ao povo de agora a communhão da sua autonomia!

Mais magestoso que o colosso de Rhodes é o fragil poste do telegrapho, que sustenta os dous hemisferios ligados por um debil fio!

Mais brilhante que o grande pharol da Alexandria, illuminando extenso horizonte á superficie do mar, é o pequeno bico de gaz, alumiando curto perimetro na profundidade da terra!

Mais admiravel, emfim, que o tumulo de Mausolo no Halicarnaso, que foi grande para o mundo, é o receptaculo do vapor na machina, que faz o mundo pequeno!

Se, pois, a democracia das gentes é o evangelho dos povos cultos e os monumentos do trabalho os templos da civilisação real, deu-nos o seculo passado o prologo para a verdadeira historia da humanidade; porque ao desabarem os castellos de ferro onde a ociosidade feudal exhibia a ignorancia servil, cimentaram-se os palacios de cristal, onde o trabalho independente expõe a sabedoria liberrima.

Os coliseus dos espectaculos horrendos transformaram-se em circos de aprazíveis diversões: e os artifices humanitarios do seculo das luzes venceram os sanguinarios gladiadores dos tempos tenebrosos.

Metamorphosearam-se os costumes dos Estados, e o embryão da racionalidade social começou a desenvolver-se regido pelas leis da normal organisação!

Mas, se a vitalidade das nações civilisadas está na proporção da sua robustez physica e do seu aperfeiçoamento moral, a sciencia e a industria, o commercio e a lavoura são os seus orgãos nobres indispensaveis á vida; porque dos chyliferos da terra colhe a lavoura a materia prima da alimentação; porque nos pulmões das officinas vivifica a industria os elementos da nutrição; porque do coração dos mercados faz o commercio a distribuição do sangue social por todo o organismo do mundo; e porque a sciencia, como o cerebro nas organisações perfeitas, dirige com o seu principio vital o movimento da proveitosa assimilação.

E, se as nações cultas, como os seres bem organisados, não limitam o seu dynamismo ás funcções da vida de nutrição, têm ellas, conseguintemente, tambem a sua vida de relação e de reproducção, como os individuos mais perfeitos da escala zoologica. Não vivem só de si e para si; dependem da circumfusa politica geral e pagam tributo ao thesouro da procreação universal.

Na mutua communicação dos povos está a vida de relação dos paizes civilisados; e o direito das gentes, como hygiene dos corpos politicos, regula os preceitos da utilidade geral, prescrevendo os deveres reciprocos de que se alimentam os interesses communs.

No engrandecimento dos Estados por territorio ou população, por civilisação ou progresso, está definida a sua vida de reproducção; mas, se o *criamini et multiplicamini* das nações está mais claramente demonstrado na existencia da mãi-patria e na creação das colonias-filhas, nenhum outro paiz foi mais eloquente ou mais fecundo do que o pequeno condado de D. Henrique.



Na éra de 1097 nasceu em Guimarães um pequeno Estado, que aos 42 annos de idade foi baptisado no campo de Ourique com o nome de—Reino de Portugal.

Intrepido e aguerrido desde a sua juventude, Portugal conquistou palmo a palmo o seu terreno na Europa em valentes arrancadas contra inimigos poderosos. E quando, debruçado sobre a faxa do Oceano, que banha os pés das montanhas de Calpe e do Abyla, viu acabar-se-lhe o territorio no seu continente, riscou o *non plus ultra* das columnas de Hercules, e foi alargar os seus dominios pela Africa, Asia, America e Oceania.

De Ceuta á Boa-Esperança, de Moçambique a Suez, de Ormuz a Ceylão, de Sumatra a Siam, da China ao Japão, da Polynesia á Malasia, e da Patagonia ao Canadá, Portugal sulcou a immensidade de mares desconhecidos, assombrando o mundo com prodigios de valor; e pela força ou prestigio com que alcançou fazer-se respeitar pelos monarchas da Europa, fez-se temer pelos régulos e sultões da Africa, pelos rajahs e soberanos da Asia, caciques e principes da America, chefes e reis da Oceania, semeando provincias, produzindo reinos e colhendo imperios.

*
* *

Em descobrimentos e victorias, em illustração e civismo, Portugal mostrou-se grande entre as maiores nações do mundo, porque o seu braço, destro no serviço das armas, era agil no serviço das letras, porque o seu pulso, forte nos campos da batalha, era rijo nos campos da lavoura, porque ás grandezas da sua heroica fidalguia ligou sempre a nobreza do seu povo, e porque atravez da ambição da gloria ou da riqueza, que fascina e céga, viu sempre com olhos de affecto e veneração o altar da patria e o sanctuario da familia.

« O Italiano tinha fé em Deus, o Allemão no septicismo, o Portuguez na sua patria », escreveu um dia Garrett, como que para ajudar-me a dizer agora que pelo

patriotismo fez-se Portugal rico e nobre, honrado e valente.

Affeição pela terra do seu berço, estima pelos filhos da sua nação, dedicação pelos irmãos do seu paiz, amor da patria, ciumes da nacionalidade, paixão pelo patriotismo, zelos pelo civismo, foram sempre as divisas que distinguiram os Portuguezes na vanguarda das cruzadas civilisadoras.

A temeridade e valentia, a probidade e abnegação com que admiraram ao mundo conhecido, eram as resultantes do acrisolado amor da patria, que tem a força de fazer dos pequenos—grandes, e dos fracos—fortes!

* * *

O patriotismo é, como já ha tempos o defini a uns certos degenerados:—lei da gravitação applicada ao coração humano, que o obriga a tender sempre para o centro do povo onde nasceu:—força da aggregação, que reune os atomos civicos e forma um corpo nacional compacto, resistente e poderoso:—fluido imponderavel, que electrisa de um só choque todos os bons cidadãos de qualquer paiz:—laço mystico, que prende em um só nó milhões de individuos:—talisman mysterioso, que converte em uma só milhões de idéas:—magico poder, que confraternisa as populações de um Estado, que reconcilia inimigos rancorosos, que liga facções hostis, que amalgama partidos adversos, que escravisa ambições desenfreadas, e que impõe pela patria o sacrificio da familia!—Potencia maravilhosa, que arrasta contentes ao campo da morte milhares de cidadãos:—preceito inexoravel, que legalmente inimista o pai com o filho e leva um a batalhar contra o outro:—genese dos Affonsos e dos Sanchos, dos Cabraes e dos Gammas, dos Menezes e Mascarenhas, e de tantos outros immortaes Portuguezes, que ensinaram aos

povos valor e lealdade, coragem e abnegação, legando aos Lusos no fundo d'alma esse sagrado amor da patria, que faz de cada homem um soldado e de cada mulher um guerreiro, de cada moço um valente e de cada velho um bravo!—Enormon da valentia dos Pachecos, da intrepidez dos Almeidas, da bravura dos Albuquerques e do heroismo dos Castros:—vitalidade civica, que outr'ora com galharda pujança fez da Lusitania uma nação poderosa entre as mais poderosas nações do mundo, e hoje com gentil emulação sustenta Portugal independente e inconquistavel.

O patriotismo é, finalmente, um ventriloquo altamente eloquente, que só o cynico não escuta, que só o egoista não ouve, que só o avarento não attende, que só o idiota não percebe; porque o patriotismo é para os homens que têm senso como a sombra para os corpos que se expõem á luz; porque o homem bem formado exulta com as glorias da sua patria, ufana-se de concorrer para ellas, e orgulha-se de por ellas sacrificar-se: porque o engeitado, que não sabe amar a familia, sabe amar a sua patria; porque o homem sem patriotismo não tem caracter nem brio, nem sabe sentir, nem amar; é um zero da nação ou um monstro nacional: é um parvo desastrado ou um perverso nefasto, que só póde servir para horrendas calamidades ou para barbaras salvagerias!

Mas, se a indifferença pela patria é a dyscrasia de um povo, se o cynismo nacional é a decomposição de um paiz, se d'essa podridão politica é consequencia inevitavel o esphacelo da nação, se a morte do tronco começa pelo murchar dos ramos, está a desgarrar-se da mãi-patria a colonia portugueza, que tão viçosa e bella produziu já n'este imperio magnificos e saborosos fructos!

Os indicios da circulação da seiva desapparecem na medulla dos gommos fructiferos!

O nobre sentimento, a excelsa virtude, a sublime re-

ligião, o fogo sagrado do amor da patria. amortecem a olhos vistos no amago da lenhosa estirpe!

A' medida que as condecorações grelam no peito de alguns fôfos conterraneos, diminuem os feitos massiços, que brotavam no coração de sinceros patriotas!

No momento, talvez, em que a patria mais estimaria o conforto moral do patriotismo, alguns de seus filhos legitimos somem-se na gélida indifferença dos bastardos espurios!

*
* *

Portugal pautou diversos mares com as quilhas de seus galeões, e em differentes terras escreveu com a espada a sua historia immortal. Mas, o mundo com suas evoluções politicas fundiu pequenos Estados em nações colossaes, e ao lado d'esses gigantes robustos, Portugal parece hoje um pigmeu definhado, descahido das altas regiões da fama, como invalido veterano, que, sem officio nem rendas, apenas dispõe do parco soldo da reforma.

O mundo julga que o soldado envelhecido nas lides das conquistas deve estar cansado, como o guerreiro de Carthago, para as marchas forçadas do progresso; mas Portugal empenha-se em desmentir esse desfavor, concorrendo briosamente ao certamen da civilisação onde quer que as grandes nações modernas desafiem ao combate, e triumpha com sorpreza e admiração dos proprios competidores.

Vigoroso ainda, e laureado dignamente por estranhos, anima-se a vir ao Brazil visitar a familia, para mostrar-lhe os diplomas de seus merecimentos artisticos e as patentes de seus postos de distincção ganhos nos campos da lavoura.

Vem radioso de contentamento abraçar filhos e pa-

rentes, confiado na amizade de todos; mas, os filhos, mais indifferentes que os enteados, em vez de recebe-lo carinhosamente de braços abertos, voltam-lhe as costas com grosseiro desprezo, sem ao menos, lhe offerecerem a hospedagem da cortezia!!!

E o mundo, lendo na *Correspondencia de Portugal* de 28 de Julho ultimo: « que os Portuguezes no Brazil constituem uma só familia, com todas as virtudes do patriotismo, da liberalidade, do amor ao seu soberano, e da gratidão áquelle generoso povo que tão francamente acolhe os estrangeiros », não crê nem imagina, embora o veja, que os ratos da perfida burguezia, grandes patriotas até que o rei lhes ponha o carimbo dos *fadistas* da nobreza, roêssem as honras devidas e as merecidas homenagens á *Exposição Portugueza*, que ahi está, como engeitada na roda dos expostos, quasi esmolando a estranhos o custeio das suas despezas diarias!!!

Portugal traz os titulos da sua frequencia distincta nos cursos superiores da civilisação moderna ao seio de uma colonia sua, que excede de 80,000 almas, e acha-se com mais de 60,000 desalmados, que nem por dez tostões querem vel-os, para, ao menos, poderem affirmar a Ernesto Rossi que Portugal não tem só palha para fazer exposições!

Portugal deseja desmentir os seus ingratos calumniadores, e quer mostrar que é injusto o grande tragico de Palermo, mas encontra só palermas n'uma grande maioria dos pifios de commenda a comprovar que lhes assenta a chufa de que para Portugal o seu forte é — palha!

Portugal precisa demonstrar que no longo trato com os povos do Oriente nada se lhe pegou do seu atrazo e barbarice, e que, afóra a desigualdade do seu actual tamanho, póde nas cousas uteis confrontar-se com a antiga e moderna Italia; mas uns bisborrias, embasbacados diante de um italiano, que lhes come o grão e atira a palha, applaudem tragedias futeis que não sabem tradu-

zir, e patêam o drama magistralmente representado na linguagem patria da Exposição Portugueza!

E Rossi tem razão em zombar assim da palha, porque Portugal pendurou-lh'a ao pescoço com fita carmesim, e os Portuguezes têm-lh'a deitado aos mólhos sobre a albarda da reputação. Só me parece que Rossi disparata quando julga que a circumstancia da Italia ter a configuração de uma bota impõe ao italiano o dever de *metter as botas* nos amigos, visto que o *commendador* de S. Thiago da Espada só conhece a palha do Portugal moderno, e do antigo desconhece a historia.

Se eu fosse membro da Sociedade Geographica de Lisboa, como é o notavel Visconde de Mattosinhos, repelliria tão injusta como ingrata affronta, provando que Rossi tem comido alguma cousa mais de Portugal, e que a Italia só póde mofar do velho guerreiro depois de agradecer-lhe ó soccorro que as esquadras portuguezas prestaram em 1717 á sua Veneza e Corfú, e de pagar-lhe o serviço que ellas lhe fizeram a varrer de todo o seu litoral os terriveis piratas da Barbaria.

Se eu tivesse a capacidade historica de tão celebre geographo, diria a Rossi que já a velha Roma encontrou na antiga Lusitania Viriato tão temivel como Annibal ou o grande Mittridates; que para os seus Fabios e Scipiões bastam os nossos Almeidas e Cabraes; e que para encobrir os vultos de todos os seus heróes antigos e modernos não é preciso gastar-se a sombra do nosso Pacheco—o Achilles lusitano—o Sansão portuguez—; nem de D. João de Castro—o baluarte invencivel—a fortaleza insuperavel—; nem de Affonso de Albuquerque, que os povos do Oriente alcunharam de—leão dos mares—, que a Persia appellidou de—Carlos Magno das Indias—e que os historiadores modernos comparam com Alexandre ou Napoleão, os grandes.

Mostraria a Rossi que para os seus Horacios e Virgilios, Cattulos e Ciceros, Suetonios e Dantes, Ariostos e Tassos, Petrarcas e Alfieris, Matastasios e Boccaces,

Guicaardinis e Davilas, Vicos e Beccarias, Filangieris e Machiavellos, Catões e outros mais, temos nós competidores de força igual; que só não temos rivaes para Néro feroz e Romulo bandido, porque era de melhor qualidade a materia prima de que Affonso Henriques construiu um reino; finalmente, que da grandeza dos seus consules e duques, reis e imperadores, papas e anti-papas, só temos inferioridades na falta dos trinta tyrannos, porque o *seculo de Leão X* brilhou tambem para nós, e por mais que uma vez.

Demonstraria a Rossi que a immortalidade do seu Christovão Colombo poliu-se a bordo de navios portuguezes e em Porto-Santo, na casa de seu sogro, o nosso Bartholomeu Perestrello; e que, se o nosso Pedro Cabral cahiu, por casual arribada, na America do Sul, o seu Christovão Colombo enfiou-se na do Norte, quando tentava alcançar as maravilhas da Cipango. Far-lhe-hia ver que para seu Marco Polo é bastante Bartholomeu Dias, ou um só Côrte-Real; que não é mister bolir em Fernando de Magalhães,—o que zombou dos perigos do Cabo de Horn, abrindo o caminho seguro pelo estreito que eternisou seu nome; nem em Vasco da Gama,—o que escarneceu do Cabo das Tormentas, ensinando a carreira das Indias *por mares nunca d'antes navegados,* onde perpetuou sua fama. Emfim, ensinar-lhe-hia que muito antes de Cavour brilhou na historia o Marquez do Pombal; e que nem antes nem depois de haver *Lusiadas* pôde o mundo ter outro Camões.

Mas o terrivel membro da Sociedade Geographica de Lisboa, como improvisado pelo espirito galanteador de visconde pobre, que, de passagem por estas plagas, quiz lisongear a esperteza de titular rico, gastou a sua magnanimidade litteraria em telegrammas de affagos banaes para a metropole, e abandonou a colonia no pateo das feras, onde, por ceremoniosa deferencia á primazia do seu pretenso chefe, ella não toca na ração que Rossi lhe atirou diante.

Mas, o estafado academico, que na celebre conferencia do Club Gymnastico Portuguez puxou mais que todos os sabios havidos até hoje para proclamar do alto da sua burra : *O nada mais ha a descobrir no mundo* (!!!) ficou sem folego para, ao menos, dizer a Rossi : que se não pode ir perguntar ás muralhas de Dio quanto valem as barbas de D. João de Castro, bem perto de sua Italia, para lá do velhacouto dos Barbaroxas e para cá da terra dos Ptolomeus, perto do soberbo tumulo de Manuel Pinto, ao lado das magnificas estatuas de Affonso de Portugal e de Luiz Mendes de Vasconcellos, por cima do inexpugnavel *Forte-Manuel*, antes de chegar ao encantador *Suburbio-Vilhena*, dentro do palacio da ordem de S. João de Jerusalem, na formosa Valletta, no tôpo da sala de armas dos celebres cavalleiros de Malta, póde ir ver a colossal armadura do athleta D. Antonio Manuel de Vilhena, que a altiva Inglaterra respeita e guarda, como preciosa reliquia, no logar de honra conquistado por esse legendario grão-mestre portuguez.

Mas o bravo geographo, para quem todo o mundo é seu só pela intuição dos bemaventurados, que não precisa pisar as arêas do Erytreu, nem beber agua dos poços de Moysés, para ir por terra além da Taprobana, perdeu o rumo da Exposição Portugueza e fez encalhar os pangaios de seu commando nos baixios da lodosa indifferença, deixando babujar pelos caracóes do despeito as folhas do livro de ouro, em que estão archivados os protestos do povo da sua terra contra o ferrete da inepcia aleivosa.

Se o patriota não é — o homem que quer mamar — nem patriotismo — a muleta a que se encosta a barriga — como jocosamente difine o satyrico *Diccionario de João Fernandes*, os gallos da colonia portugueza tinham agora mais que nunca obrigação de empregar esporões e bico para defenderem do urubú do escarneo a moribunda exposição patricia.

Porém, como a Exposição Portugueza não é monturo

de lixo que tenha pedras preciosas para os gallos da fabula, os zoilos refrescam impunemente as entranhas perniciosas da critica maligna no charco infecto da inveja, o ôdre da fanfarrice arrebenta no arcaboiço das más cataduras, e o halito pestifero dos toxicos arrôtos ameaça matar pela asphyxia do desprezo o acontecimento mais importante e proveitoso para Portugal, que se tem realisado no Brazil depois de sua independencia.

Eu bem sei que os *nobres* de emissão moderna estão depreciados no mercado dos titulos, e por baixa cotação na praça dos que já sabem quanto vale a marca da fabrica; mas a moralidade impunha que elles, ao menos, concorressem ás reuniões da *bolsa*.

Os grandes patricios, modestos e de boa fé, envergonhados de terem muitas vezes servido de degráus para ridiculas vaidades subirem ao capitolio do escarneo, recuam diante da supposta candidatura ás grandezas, que nem sonham, para não verem maculada de suspeitosa intenção a pureza das suas obras meritorias; os pequenos compatriotas, que os tetrarchas da colonia afastam do solio pedante, temendo que lhes sujem a pintura da fresca fidalguia, vagueam por ahi tão estranhos ás cousas da patria, que mais parecem nomades errantes, que cidadãos de uma nacionalidade determinada.

E assim agonisa n'este imperio, onde palpita ainda o coração da velha metropole, o patriotismo herdado d'aquelles avós venerandos, que os netos deixam expirar em breve, se não acudirem ao desfallecimento das crenças com que foram embalados no berço natal.

*
* *

Mas os descendentes d'aquella raça de heróes, que eram tão altivos como benevolos, tão arrojados como compassivos, tão valentes como generosos, não podem

espalmar-se debaixo dos joanetes da tropega fidalguia, que tenta esmagar com pé ignobil a dignidade de seus irmãos.

Por um prato de lentilhas comprou Jacob a progenitura de Isaú; mas a colonia portugueza não é tribu de idomitas, e os descendentes de *Barões assignalados* nem por lentejoulas podem abdicar os fóros da sua estimação.

Quando o maior defeito na sociedade é a pecha de não ter dinheiro, haja ainda quem por virtude preste culto ao merito pessoal; e já que os *oculos moraes* do padre Bernardes ensinaram que a malicia ou ignorancia humana vê pequenos os defeitos dos grandes de que depende, e grandes os dos pequenos que despreza, appareça quem corrija essas illusões da optica social.

Aos ingenuos de sinceridade infantil cumpre recordar os dous amargos versos gravados na epopéa do immortal Camões:

« Dizei-lhe que tambem dos Portuguezes
« Alguns traidores houve algumas vezes. »

Os pequenos carecem de subir á altura dos seus merecimentos reaes, para que os seus brios nem sequer sejam roçados pela aza negra da phantastica oligarchia.

A plebe necessita saber que as flores, com que alguns magnates se enfeitam nas festas patrioticas, são sensitivas da vaidade atadas pela toleima da ostentação.

A joven geração precisa emancipar-se da tutela banal dos velhos zangãos, que só penetram na colmêa das honras para chuparem o mel dos proveitos.

A mocidade não póde mais consentir que os rapsodistas das virtudes alheias occultem na publicação a pro-

priedade dos originaes, e se emplumem com a gloria do que outros collaboraram.

Os soldados rasos das legiões voluntarias, que combatem em defesa da patria, ganham feitos heroicos, quando perdem generaes desmoralisados; e valem mais peõs sem honras, que todas as honras de uma cavallaria azemala.

Eia, pois, conterraneos meus: se a patria vem de visita á casa estranha exhibir as prendas que attestam a boa educação da familia, os filhos *segundos* não justificam os seus actos de má criação, embora os *morgados* arranquem a gravata do pescoço, cabriolem de pé descalço no chão, e limpem o ranho do nariz com a manga da casaca condecorada.

Se a patria chama por nós para mostrar a capacidade de seus filhos, acerquemo-nos d'ella com a compostura da gente limpa, para que ella não fique envergonhada em publico a receber de estranhos o que esperava dos seus.

Se a patria precisa de nós para não ser derrotada no confronto com as nações civilisadas, unamo-nos em columna cerrada e defendamos o reducto do patriotismo, que é o nosso unico baluarte forte nas linhas da actual circumvallação politica.

Se a patria corre o perigo de ser acutilada pela cavallaria andante dos falsarios, formemos quadrado de amor e dedicação; que a patria triumphará dos aleivosos e desnaturados; e nós, os descendentes de gloriosos antepassados, provaremos mais uma vez que:— nem ainda no Brazil os Portuguezes são todos parecidos com o monstro de Miguel de Vasconcellos.

Dr. Figueiredo de Magalhães.

Ahi fica mais outra amostra do genero das minhas *mofinas* patrioticas e mais uma prova de que não é só

d'agora que os mofinos me provocam a *despertar odios de nacionalidades* por este feitio.

Na segunda parte d'este opusculo mostrarei, repito, o que são os Portuguezes no Brazil e o que é o Brazil para os Portuguezes, incluindo as munificencias Imperiaes e Reaes em conta corrente. Então será o caso mais fallado, podendo o leitor ficar sabendo desde já muito em segredo que os enormes, os fermidaveis, os monstruosos inimigos, que me teem apparecido no Brazil, são... (portuguezes!), e que os grandes, os incommensuraveis, os inexcediveis amigos, que tenho achado no mesmo Brazil para fazer frente aos referidos adversarios, são... (brazileiros!) Se é núa e crúa, feia e dura de roêr, são assim todas as verdades d'este mundo, que se fabricam nas officinas da patifaria.

Lá farei ver como as feias lagartas se transformam em vistosas borboletas, e como os *naturalistas* da *positividade* fazem d'ellas exposições ridiculas espetando-as com penna d'aço nas paredes do theatro *positivo*.

DESCEREI ao *capitolio* dos farçantes que se pintam de magnates, e SUBIREI á *rocha tarpeia* das victimas que se precipitam nos abysmos da oligarchia.

Se me fôr mister pedir mudas á TOSQUIA DE UM CAMELLO de Castilho, *Antonio*, ou aos BURROS de José Agostinho, para acompanhar O BURRO ATRAVEZ DOS SECULOS de Joltrois, fal-o-hei com a franqueza de quem precisa e deseja dar conta do recado sem papas na lingua; e assim, melhor inspirado pelo *Bello* do *Ideal* da *Arte* do *Positivismo* cantarei os *varões assignalados*, que dão em *Pantana* com a Taprobana,

« Se a tanto me ajudar o engenho e arte. »

Por agora, só me resta despedir-me do leitor até mais ver, e agradecer-lhe a extrema bondade com que

me acompanhou até os confins d'esta arida charneca litteraria, onde vamos acampar por algum tempo esperando que grelem e fructifiquem os documentos que estão semeados.

FIM DA PRIMEIRA PARTE

ERRATAS MAIS NOTAVEIS

(SALVO O ERRO OU OMISSÃO)

PAGINAS	LINHAS	ERROS		EMENDAS
6	18	*emispherios*	lèa-se	hemispherios
8	4	*stylete*	»	estylete
9	4	*vissitudes*	»	vicissitudes
50	2	*histo-hematico*	»	kisto-hematico
80	30	*mulher*	»	melhor
82	16	*nem á feição*	»	nem a feição
84	11	*decademia*	»	decadencia
91	5	*v l*	»	vil
91	18	*sublimidades de do*	»	sublimidades do
96	24	*Camõs*	»	Camões
108	24	*difical-a*	»	deifical-a
116	1	*sonsualmente*	»	sensualmente
131	30	*extincto*	»	instincto




UNIVERSITY OF MICHIGAN
3 9015 02834 3757


ENCADERNAÇÃO
da
LIVRARIA CASTRO E SILVA
LISBOA-PORTUGAL




UNIVERSITY OF MICHIGAN
3 9015 02834 3757


ENCADERNAÇÃO
da
LIVRARIA CASTRO E SILVA
LISBOA-PORTUGAL